

RÓBSON BONFIM DE CAIRES



**AS PINTURAS RUPESTRES DO MORRO DO ENGENHO
DOM BASÍLIO, BAHIA, BRASIL**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA - UFRB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA
E PATRIMÔNIO CULTURAL - PPGap

**AS PINTURAS RUPESTRES DO MORRO DO ENGENHO
DOM BASÍLIO, BAHIA, BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural.

Área de Concentração: Arqueologia

Linha de Pesquisa: populações, ambientes e culturas

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Santos Costa.

CACHOEIRA - BAHIA
2021

C1362 Caires, Róbson Bonfim de.

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. / Róbson Bonfim de Caires. Cachoeira, BA, 2021. 176f., il.

Orientação: Prof. Dr. Carlos Alberto Santos Costa

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós- Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, Bahia, 2021.

1. Pinturas rupestres - Bahia. 2. Arte Pré-Histórica - Bahia. 3. Dom Basílio (BA) – Sítios Arqueológicos. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD:709.0113098142

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB.

Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

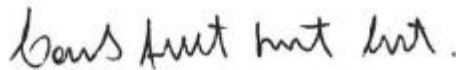
Róbson Bonfim de Caires

**As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil**

Dissertação submetida à avaliação para obtenção do grau de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Cachoeira, 10 de março de 2021.

EXAMINADORES:



Prof. Dr. Carlos Alberto Santos Costa - UFRB
Orientador
Matricula: 1493744



Prof. Dr. Carlos Alberto Etchevarne - UFBA
Membro Interno Titular
Matricula: 1107246



Profa. Dra. Suely Gleyde Amâncio Martinelli -UFS
Membro Externo Titular
Matricula: 3094421

CACHOEIRA/BA
2021

Dedico:

A minha família, exemplos de vida.

A minha esposa e meus filhos.

Aos meus pais e irmãos.

AGRADECIMENTOS

Nesta nova etapa de estudo, constatei, novamente, que pesquisar demanda dedicação, perseverança e disciplina. “Apenas” isso, porém, não é suficiente. Pessoas também contribuem para a concretização de uma etapa, um sonho. E é para elas que escrevo este breve texto.

Sendo assim, tenho que agradecer:

A André Aragão, meu amigo, grande provedor, foi a pessoa que me apresentou o universo da Arqueologia. Através dele, tive a oportunidade de trabalhar em uma atividade de campo, experiência inesquecível, além das inúmeras conversas arqueológicas.

Ao Professor Dr. Carlos Etchevarne, que me atendeu prontamente e com muita alegria quando o procurei para relatar os meus achados arqueológicos aqui em minha cidade, Dom Basílio. Sob sua orientação, iniciei os primeiros registros de sítios arqueológicos, o que posteriormente acabou por concretizar-se em uma exposição de artefatos pré-coloniais. Novidade em uma pequena cidade do interior baiano.

Ao Dr. Carlos Costa, meu estimado professor e orientador, por tantas horas dedicadas a me ajudar na construção desta pesquisa, pelas conversas sempre produtivas, obrigado por me dedicar seu tão disputado tempo, pela orientação firme e tão acertada, pelos ensinamentos que sempre levarei comigo.

Aos professores (efetivos, colaboradores e convidados) do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultura – PPGap, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB: Dra. Fabiana Comerlato, Dr. Luydy Fernandes, Dr. Wilson Penteadó, Dra. Suzane Pêpe, Dr. Ricardo Brügger e Dra. Sabrina Damasceno, pelas aulas, leituras, indagações e contribuições feitas durante nossa trajetória no curso, essenciais para nosso caminhar no mestrado.

Aos colegas do Programa, que compreenderam as minhas dificuldades e obstáculos, ajudando-me a concretizar mais esta etapa em minha vida, sempre me apoiando quando necessário. Um abraço fraterno a: Alvandyr Bezerra, Edilton Mascarenhas, Fabiane Lopes, Gabriel Carvalho, Paulo Ricardo e Taiane Moreira. Em especial, a Alvandyr, que, com sua experiência na Arqueologia, nos proporcionou muitos trabalhos em grupo, fundamentais para nossa formação, além de seu valoroso olhar a respeito da atuação profissional na Arqueologia. Às e aos colegas da segunda turma, com a qual tivemos o enorme prazer de conviver por um semestre, muito obrigado por tudo.

Aos companheiros(as) de Dom Basílio, pelo árduo trabalho em equipe que executamos, só aqueles que fizeram parte sabem sobre o que é realizar uma pesquisa científica sem nenhum tipo de financiamento; portanto, muito obrigado aos professores Nilmar Campos, Luiz Eugênio Caires e Antônio Lima. À professora Rita Chaves, pelas leituras e direcionamentos na escrita desta dissertação.

Gostaria de cumprimentar o nosso Exmo. Prefeito de Dom Basílio, o Sr. Roberval Meira, primeiro, por acreditar e confiar nos meus projetos, pois uma série de atividades, com relação a memória e o patrimônio cultural de nosso povo, foi realizado por sua gestão. Segundo, por me recebe prontamente todas as vezes que lhe procurei. O meu sincero agradecimento.

À minha família, que é meu suporte, minha base, em especial à minha mãe, meu pai e meus irmãos, pelo apoio e confiança em mim depositados, frente a este novo projeto. À minha esposa, Eliete, e aos meus filhos, Yuri e Yngrid, pelo apoio e paciência nas horas exatas e pela compreensão do valor dos estudos em minha vida.

Àqueles que não foram aqui citados nominalmente, mas que participaram da construção deste trabalho.

A todos: muitíssimo obrigado!

Dom Basílio, março de 2021.

CAIRES, Róbson Bonfim de. *As pinturas rupestres do Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural - PPGap, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Cachoeira, 2021.

RESUMO

A Serra Geral, na Bahia, apresenta-se como grande potencial no estudo acerca da Arte Rupestre, pois a área tem, entre seus diversos afloramentos rochosos, dezenas de sítios arqueológicos. Especificamente no município de Dom Basílio, integrante dessa formação, não há nenhum estudo sistemático sobre a temática, de forma que o presente trabalho assume um caráter pioneiro. O objetivo desta pesquisa é o estudo das pinturas rupestres existentes no Morro do Engenho, na cidade de Dom Basílio, Bahia. Localizada na região politicamente denominada de Sertão Produtivo, a área é uma transição entre a borda sul da Chapada Diamantina e a Serra Geral e é formada pelo vale do rio Brumado. O sítio arqueológico é composto por quatro unidades geomorfológicas/arqueológicas, contendo um total de quatorze painéis rupestres e algumas figuras isoladas. O esforço é para apresentar o sítio arqueológico Morro do Engenho, descrevendo de forma minuciosa a paisagem e exibindo as principais características gráficas rupestres existentes no ambiente. Busca-se reconhecer elementos que permitam observar se existem identidades gráficas no conjunto pictórico analisado. Preliminarmente, o conjunto de pinturas rupestres encontrado apresenta-se com predominância de pinturas geométricas aplicadas com os dedos, o que sugere uma forma específica de representar, que pode ou não estar associada a um determinado contexto sociocultural.

Palavras-Chave: pinturas rupestres, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia.

CAIRES, Róbson Bonfim de. *The cave paintings of Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brazil*. Dissertation presented to the Graduate Program in Archeology and Cultural Heritage - PPGap, from the Federal University of Recôncavo da Bahia - UFRB. Cachoeira, 2021.

ABSTRACT

Serra Geral, in Bahia, presents itself as a great potential in the study of Rock Art, since the area has, among its several rocky outcrops, dozens of archaeological sites. Specifically in the municipality of Dom Basílio, a constituent of this formation, there is no systematic study on the theme, so that the present work assumes a pioneering character. The objective of this research is the study of the rock paintings existing in Morro do Engenho, in the city of Dom Basílio, Bahia. Located in the region politically called Sertão Produtivo, the area is a transition between the southern edge of Chapada Diamantina and Serra Geral and is formed by the valley of the Brumado River. The archaeological site is composed of four geomorphological / archaeological units, containing a total of fourteen rock panels and some isolated figures. The effort is to present the archeological site Morro do Engenho, describing in detail the landscape and exhibiting the main rock characteristics present in the environment. It seeks to recognize elements that allow observing if there are graphic identities in the pictorial set analyzed. Preliminarily, the set of cave paintings found presents itself with predominance of geometric paintings applied with the fingers, which suggests a specific form of representation, which may or may not be associated with a certain socio-cultural context.

Keywords: rock paintings, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia.

LISTA DE SIGLAS

ANU	Australian National University.
CAR	Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional.
CHESF	Companhia Hidrelétrica do São Francisco.
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais.
CNA	Cadastro Nacional de Arqueologia.
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
CNRS	Conselho Nacional de Pesquisa Científica.
CNRS	Centre National de la Recherche Scientifique.
CONICET	Conselho Nacional Argentino de Pesquisa Científica.
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos.
GPS	Sistema de Posicionamento Global.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
MAE	Museu de Arqueologia e Etnologia.
PDRS	Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável Serra Geral.
PRONAPA	Projeto Nacional de Pesquisa Arqueológica
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
UFBA	Universidade Federal da Bahia.
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco.
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
UTM	Universal Transversa de Mercator.
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais.

LISTA DE IMAGENS

- IMAGEM 01:* Exemplo de iconografia produzida no Século XIX. Brandt copiando as pinturas rupestres do sítio arqueológico Cerca Grande, Lagoa Santa, em Minas Gerais. Fonte: Holten; Sterll, 2011, p. 160 31
- IMAGEM 02:* Painéis com pinturas e gravuras associadas as Tradições Arqueológicas, acima apresentado. 1 - Painel Rupestre associado a Tradição São Francisco. Lapa dos Desenhos, Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, Minas Gerais, Brasil. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/>. 2 - Figura associada a Tradição Astronômica. Toca do Cosmos, Itaguaçu da Bahia. Foto: Róbson Caires (2019). 3 - Painel rupestre associada a Tradição Nordeste. São Francisco da Palmeira, Morro do Chapéu, Bahia. Foto: Róbson Caires (2019). 4 - Figuras Antropomórficas associadas a Tradição Agreste. Sítio Pedra do Caboclo, Caruaru, Pernambuco. Fonte: Base de Dados Imagética Facepe-UFPE. (apud, FARIAS FILHO et. al., 2007, p. 57). 5 - Gravura Rupestre associada a Tradição Litorânea de Santa Catarina. Praia do Santinho, Santa Catarina. Foto: Fabiana Comerlato, 2004. 6 - Painel associado a Tradição Geométrica, Santa Catarina. Morro do Avencal, Urubici, Santa Catarina. Foto: Fabiana Comerlato, 1998. 7 - Figuras rupestre associadas a Tradição Planalto. Fazenda Serra Brava, Rio Negro, Mato Grosso do Sul. Fonte: AGUIAR et. al., 2012, p. 1013. 8 - Gravuras rupestres associadas a Tradição Meridional, localizadas na faixa setentrional do Rio Grande do Sul. Fonte: Taís Vargas Lima, 2005. 9 - Gravura pintada associada a Tradição Amazônica. Sítio Serra da Carreta, Prainha. Fonte: Edithe Pereira, 2012 36
- IMAGEM 03:* Villa Velha, atual Livramento de Nossa Senhora, 1823. Fonte: Carl Friedrich Phillip Von Martius - Villa Velha, 1823..... 43
- IMAGEM 04:* Desenho realizado por Von Martius em passagem pela Serra do Anastácio em Monte Santo, Bahia, no século XIX. Fonte: Etchevarne, 2007 43
- IMAGEM 05:* Anotações de Caderneta de Campo, Teodoro Sampaio, produzido no final do Século XX. Fonte: Etchevarne, 2007 45
- IMAGEM 06:* Imagens do sítio Buraco d'Água, registradas por Carlos Ott (1945), em Campo Formoso, Bahia. Fonte: OTT, 1945 apud, COSTA, 2005, p. 54 45
- IMAGEM 07:* Serra do Ramalho, Coribe: Pinturas da fase Manciaçu num grande abrigo calcário, representando geométricos em policromia (fechado: preto; pontilhado denso: marrom ou vermelho; pontilhado aberto: amarelo ou alaranjado). Fonte: Schmitz, 1984, p. 76..... 47
- IMAGEM 08:* Inselberg de Granito, Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia. Foto: Róbson Caires, 2019..... 58
- IMAGEM 09:* 1 - Riacho temporário localizado no arredores do Morro do Engenho; 2 - Rio Brumado, em época de cheias, no local chamado Tapagem, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires 62
- IMAGEM 10:* Seção Geológica Vale do Brumado. Apud: Carta Geológica: Folha SD. 24-V-C-IV Rio De Contas, Escala 1:100.000 – CPRM – 2013 63

<i>IMAGEM 11:</i> 1- Solo com riqueza de seixo, matéria prima para indústria lítica. 2 – Estrada de acesso ao sítio arqueológico, nela podemos observar uma camada densa de areia proveniente do desgaste natural do granito, matéria base do Morro. Entorno do Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Foto: Róbson Caires.....	64
<i>IMAGEM 12:</i> 1- área com desmatamento destinado a plantação de Manga e Maracujá; 2 – área com desmatamento destinada a criação de gado, Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia. Fonte: Google Earth.....	65
<i>IMAGEM 13:</i> Exemplos de plantas existentes no Morro do Engenho e seu entorno, Dom Basílio, Bahia, Brasil. 1 – cobertura vegetal nos meses de estiagem; 2 – vegetação rasteira formadora do pino granítico do morro; 3 – árvores secas no entorno da Loca dos Tapuias, e 4 – camada vegetacional após o período de chuvas. Fotos: Róbson Caires, 2019.....	66
<i>IMAGEM 14:</i> Exemplos de Animais encontrado na Caatinga. 1 Tatu, 2 Cobra Cascavel, 3 Coruja, 4 Mocó, 5 Suçuarana, 6 Cardial, 7 Seriema, 8 Gavião Caboclo, 9 Raposa. Contexto vegetacional do Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia Fonte: https://www.todamateria.com.br/animais-da-caatinga/	67
<i>IMAGEM 15:</i> Vista panorâmica do Vale do Brumado a partir do Sítio Arqueológico Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Foto: Róbson Caires.....	77
<i>IMAGEM 16:</i> Exemplo de tomada fotográfica frontal e nas diagonais do Pannel 3 da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires	78
<i>IMAGEM 17:</i> Exemplo do resultado alcançado diretamente a partir da aplicação do espaço de cores, ferramenta disponível no DStretch, que melhora a visibilidade das imagens. Fonte: Róbson Caires	79
<i>IMAGEM 18:</i> Exemplo de tomada fotográfica de pintura rupestre, com e sem escala, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, painel 5, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires	80
<i>IMAGEM 19:</i> Modelo de croqui elaborado em plataforma digital, Pannel 4, Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.....	82
<i>IMAGEM 20:</i> Modelo de Croqui Loca dos Tapuias, Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia. Trata-se de uma pequena área de rochas sobre postas. Nesta planta está disposta as metragens do teto, parede, altura e largura do abrigo. Fonte: Róbson Caires...	82
<i>IMAGEM 21:</i> Modelo de desenho em papel milimetrado com anotações de campo, painel 1 da unidade geomorfológica/arqueológica, Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	83
<i>IMAGEM 22:</i> Modelo de calque digital elaborado com o software inkscape do painel rupestre da unidade geomorfologia/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	87
<i>IMAGEM 23:</i> Unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia. Fotos: Róbson Caires.....	93

<i>IMAGEM 24:</i> Vista frontal da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires	97
<i>IMAGEM 25:</i> Vista panorâmica da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires	107
<i>IMAGEM 26:</i> Vista frontal da unidade geomorfológica/arqueológica, Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires	127
<i>IMAGEM 27:</i> Amostra de motivos geométricos existentes no sítio arqueológico Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires	134
<i>IMAGEM 28:</i> Amostra de motivos antropomórficos existentes no sítio arqueológico Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires	135
<i>IMAGEM 29:</i> Amostra de motivos zoomorfos existentes no sítio arqueológico Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires	136
<i>IMAGEM 30:</i> Tipos de pinturas rupestres recorrentes encontradas nas unidades geomorfológicas/arqueológicas do Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	138
<i>IMAGEM 31:</i> Exemplos de técnicas de confecção das pinturas rupestres do Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. 1 – pincel fino, 2 – dedo, 3 – preenchimento. Fotos: Róbson Caires.....	139
<i>IMAGEM 32:</i> Exemplo de sobreposição, painel 01 da unidade geomorfológica /arqueológica Três Marias. Fonte: Róbson Caires	142
<i>IMAGEM 33:</i> Exemplo de emblema singular “figura centralizada”, Painel 4, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	144
<i>IMAGEM 34:</i> Ocorrências de deslocamentos dos suportes rochosos: 1. Painel 2 Pedra de Fogo, 2. Painel 3 Pedra de Fogo, 3. Painel 1 Pedra de Fogo, e 4 Painel 4 Três Marias. Sítio arqueológico Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia. Foto: Róbson Caires	145
<i>IMAGEM 35:</i> Ninhos de insetos que provocam a degradação dos painéis rupestres. Pintura 1 e 2 unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia. Foto: Róbson Caires	145
<i>IMAGEM 36:</i> Evolução da degradação de pinturas rupestres a partir do esmaecimento provocado pelos líquens presentes no painel da unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia. Foto: Róbson Caires	146
<i>IMAGEM 37:</i> Blocos de rocha implodido nas proximidades da unidade geomorfológica /arqueológica Pedra de Fogo. É possível observar a cavidade feita para a colocação dos explosivos. 1 suporte rochoso localizado na parte superior da unidade, 2 e 3 suportes rochosos situados na inferior da unidade, base do morro Foto: Róbson Caires.....	147

<i>IMAGEM 38:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 1, unidade geomorfológica /arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires.....	160
<i>IMAGEM 39:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 1, unidade geomorfológica /arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires	161
<i>IMAGEM 40:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 2, unidade geomorfológica /arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires	162
<i>IMAGEM 41:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 3, unidade geomorfológica /arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires	163
<i>IMAGEM 42:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 4, unidade geomorfológica /arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires.....	164
<i>IMAGEM 43:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 1, unidade geomorfológica /arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires	165
<i>IMAGEM 44:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 2, unidade geomorfológica/ arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires.....	166
<i>IMAGEM 45:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 3, unidade geomorfológica /arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires	167
<i>IMAGEM 46:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 4, unidade geomorfológica /arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires	168
<i>IMAGEM 47:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 5, unidade geomorfológica /arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires	169
<i>IMAGEM 48:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 6, unidade geomorfológica /arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires	170
<i>IMAGEM 49:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 7, unidade geomorfológica /arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires	171
<i>IMAGEM 50:</i> Mosaico com as pinturas rupestres do painel 8, unidade geomorfológica /arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires	172

IMAGEM 51: Mosaico com as pinturas rupestres isoladas, unidade geomorfológica /arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires..... 173

IMAGEM 52: Mosaico com as pinturas rupestres do painel 1, unidade geomorfológica /arqueológica Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fotos: Róbson Caires..... 174

LITA DE TABELAS

<i>TABELA 01:</i> Coordenadas geográficas das unidades geomorfológicas/arqueológicas localizadas no Sítio Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.....	74
<i>TABELA 02:</i> Descrição do Painei 1, unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.	94
<i>TABELA 03:</i> Descrição do Painei 1, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia.....	98
<i>TABELA 04:</i> Descrição do Painei 2, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia.....	100
<i>TABELA 05:</i> Descrição do Painei 3, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia.....	102
<i>TABELA 06:</i> Descrição do Painei 4, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia.....	104
<i>TABELA 07:</i> Descrição do Painei 1, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires	108
<i>TABELA 08:</i> Descrição do Painei 2, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires	110
<i>TABELA 09:</i> Descrição do Painei 3, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia	112
<i>TABELA 10:</i> Descrição do Painei 4, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires	114
<i>TABELA 11:</i> Descrição do Painei 5, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires	116
<i>TABELA 12:</i> Descrição do Painei 6, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires	118
<i>TABELA 13:</i> Descrição do Painei 7, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires	120
<i>TABELA 14:</i> Descrição do Painei 8, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.....	122
<i>TABELA 15:</i> Descrição das pinturas isoladas, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.....	124
<i>TABELA 16:</i> Descrição do Painei 1, unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	128

LISTA DE CROQUIS

- CROQUI 01*: Planta baixa da unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Reprodução digital: Róbson Caires 93
- CROQUI 02*: Planta baixa da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Reprodução digital: Róbson Caires 97
- CROQUI 03*: Planta baixa da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Reprodução digital: Róbson Caires 107
- CROQUI 04*: Planta baixa da unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Reprodução digital: Róbson Caires 127
- CROQUI 05*: Representação digital do suporte rochoso e a localização do Pannel rupestre 1 da Unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires 160
- CROQUI 06*: Representação digital do suporte rochoso e a localização do Pannel rupestre nº 1 da Unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires 161
- CROQUI 07*: Representação digital do suporte rochoso e a localização do pannel rupestre nº 2 da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires 162
- CROQUI 08*: Representação digital do suporte rochoso e a localização do pannel rupestre nº 3 da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires 163
- CROQUI 09*: Representação digital do suporte rochoso e a localização do Pannel rupestre nº 4 da Unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires 164
- CROQUI 10*: Representação digital do suporte rochoso e a localização do pannel rupestre nº 1 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires 165
- CROQUI 11*: Representação digital do suporte rochoso e a localização do pannel rupestre nº 2 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires 166
- CROQUI 12*: Representação digital do suporte rochoso e a localização do pannel rupestre nº 3 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires 167
- CROQUI 13*: Representação digital do suporte rochoso e a localização do pannel rupestre nº 4 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires 168

<i>CROQUI 14</i> : Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº5 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	169
<i>CROQUI 15</i> : Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 6 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	170
<i>CROQUI 16</i> : Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 7 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	171
<i>CROQUI 17</i> : Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 8 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	172
<i>CROQUI 18</i> : Representação digital dos suportes rochosos e a localização das pinturas rupestres isoladas da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	173
<i>CROQUI 19</i> : Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 1 da unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	174

LISTA DE PRANCHAS

- PRANCHA 01:* Apresentação geral do painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica
Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson
Caires..... 95
- PRANCHA 02:* Apresentação geral do painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica
Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires... 99
- PRANCHA 03:* Apresentação geral do painel 2, unidade geomorfológica/arqueológica
Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.. 101
- PRANCHA 04:* Apresentação geral do painel 3, unidade geomorfológica/arqueológica
Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.. 103
- PRANCHA 05:* Apresentação geral do painel 4, unidade geomorfológica/arqueológica
Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.. 105
- PRANCHA 06:* Apresentação geral do painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica
Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires..... 109
- PRANCHA 07:* Apresentação geral do painel 2, unidade geomorfológica/arqueológica
Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires..... 111
- PRANCHA 08:* Apresentação geral do painel 3, unidade geomorfológica/arqueológica
Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires..... 113
- PRANCHA 09:* Apresentação geral do painel 4, unidade geomorfológica/arqueológica
Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires..... 115
- PRANCHA 10:* Apresentação geral do painel 5, unidade geomorfológica/arqueológica
Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires..... 117
- PRANCHA 11:* Apresentação geral do painel 6, unidade geomorfológica/arqueológica
Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires..... 119
- PRANCHA 12:* Apresentação geral do painel 7, unidade geomorfológica/arqueológica
Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires..... 121
- PRANCHA 13:* Apresentação geral do painel 8, unidade geomorfológica/arqueológica
Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires..... 123
- PRANCHA 14:* Apresentação de pinturas isoladas, unidade geomorfológica
/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte:
Róbson Caires..... 125
- PRANCHA 15:* Apresentação geral do painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica
Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson
Caires..... 129

LISTA DE GRÁFICOS

<i>GRÁFICO 01</i> : Distribuição dos Painéis rupestres no Sítio Arqueológico Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	131
<i>GRÁFICO 02</i> : Visualização dos Painéis que compõem as unidades geomorfológicas /arqueológicas do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires	132
<i>GRÁFICO 03</i> : Espaços pintados nos suportes rochosos, unidades geomorfológicas /arqueológicas do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio. Bahia. Fonte: Róbson Caires .	133
<i>GRÁFICO 04</i> : Motivos reconhecíveis das pinturas rupestres encontradas nos painéis que formam as Unidades geomorfológicas/arqueológicas do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio. Bahia. Fonte: Róbson Caires	136
<i>GRÁFICO 05</i> : Distribuição das temáticas pintadas nas unidades geomorfológicas /arqueológicas do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio. Bahia. Fonte: Róbson Caires .	139
<i>GRÁFICO 06</i> : Tipos de cor encontrados nos Pinéis Rupestres do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia. Fonte: Róbson Caires.....	140
<i>GRÁFICO 07</i> : Quantidades de painéis com e sem sobreposição do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio. Bahia. Fonte: Róbson Caires.....	143
<i>GRÁFICO 08</i> : Ações de degradação das pinturas rupestres nas unidades geomorfológicas /arqueológicas do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio. Bahia. Fonte: Róbson Caires	148

LISTA DE MAPAS

- MAPA 01:* Mapa do Município de Dom Basílio. Fonte: Róbson Caires, 2021 24
- MAPA 02:* Mapa apresentado por Maria Dulce Gaspar acerca das Tradições dos grafismos rupestres e suas distribuições pelo território nacional. Fonte: Gaspar, 2006..... 37
- MAPA 03:* Imagem aérea do vale do Brumado, modelo digital do terreno, em destaque no círculo vermelho o Morro do Engenho, em Dom Basílio, Bahia. Fonte: Carta Geológica: Folha SD. 24-V-C-IV Rio De Contas, Escala 1:100.000 – CPRM – 2013 58
- MAPA 04:* Vista aérea do Morro do Engenho. Os números representam os níveis onde foram realizados os caminhamentos no local pela equipe de campo. Fonte: Google Earth, 2021 71
- MAPA 05:* Disposição espacial das unidades geomorfológicas/arqueológicas Lapinha do Velho, Três Marias, Pedra de Fogo e Loca dos Tapuias no sítio arqueológico Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia. Fonte: Google Earth, 2021 91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	24
1. PINTURAS RUPESTRES: do histórico de pesquisas às classificações no Brasil	32
1. 1. Breve contextualização do estudo das pinturas rupestres no Nordeste	40
1. 2. O estudo das pinturas rupestres na Bahia	43
2. APORTES TEÓRICOS	52
2. 1. A arqueologia da paisagem.....	52
2. 2. A paisagem natural do Morro do Engenho.....	59
2. 2. 1. Clima	61
2. 2. 2. Hidrografia	62
2. 2. 3. Contexto geológico.....	64
2. 2. 4. Os domínios vegetais.....	66
2. 2. 5. Fauna e diversidade de espécies	68
3. APORTES METODOLÓGICOS	71
3. 1. Processo de coletas de dados: pesquisa de campo.....	71
3. 2. Análise e interpretação dos dados: atividade de gabinete	86
4. O SÍTIO DE PINTURA RUPESTRE MORRO DO ENGENHO	90
4. 1. Unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias	93
4. 1. 1. Pannel 1	96
4. 2. Unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo	98
4. 2. 1. Pannel 1	100
4. 2. 2. Pannel 2	102
4. 2. 3. Pannel 3	104
4. 2. 4. Pannel 4	106
4. 3. Unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias	108
4. 3. 1. Pannel 1	110
4. 3. 2. Pannel 2	112
4. 3. 3. Pannel 3	114
4. 3. 4. Pannel 4	116
4. 3. 5. Pannel 5	118
4. 3. 6. Pannel 6	120
4. 3. 7. Pannel 7	122

4. 3. 8. Painel 8	124
4. 3. 9. Pinturas Isoladas	126
4. 4. Unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho.....	128
4. 4. 1. Painel 1	130
5. DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
REFERÊNCIAS	156
APÊNDICE	161

INTRODUÇÃO

A proposta apresentada para a presente pesquisa surgiu a partir de uma experiência local com a Arqueologia, interesse ricamente despertado no trabalho de campo. No período da construção do Complexo Eólico Cristalândia nas cidades de Brumado, Dom Basílio e Rio de Contas, sudoeste da Bahia (2017), foram descobertos três sítios arqueológicos¹, os quais continham vários artefatos, cerâmicos e líticos lascados. Uma empresa especializada² foi contratada para realizar o trabalho de “resgate, monitoramento arqueológico e educação patrimonial” desses sítios. Dentro do licenciamento ambiental foram montadas nas cidades do parque, palestras, produto, pelo qual tivemos o primeiro contato direto com a Arqueologia.

Neste novo cenário, tal campo de conhecimento tornou-se um desafio constante, pois passamos a acompanhar de perto todo o processo de salvamento desses sítios arqueológicos. Essa iniciativa fomentou uma leitura básica, a qual possibilitou a construção de um referencial teórico inicial, fazendo crescer uma grande vontade de praticar a Arqueologia. Partindo dessa perspectiva, voltamos as atenções à cidade de Dom Basílio (Bahia). Apesar de desconhecermos qualquer vestígio de populações pretéritas neste município, passamos a trilhar um caminho que nos levasse a novos conhecimentos e, por que não, a novas descobertas.

Iniciam-se os trabalhos com a pesquisa oral³, através de entrevistas com diversas pessoas. Numa delas, identificamos falas nas quais havia menções a respeito de locais de interesse arqueológico, aquilo de que certamente precisávamos para iniciar uma pesquisa, a qual, aos poucos, foi tomando corpo até ter como resultado este estudo. Atentos, extraímos o máximo de informação para iniciarmos o processo de localização e mapeamento dos possíveis sítios arqueológicos situados no município de Dom Basílio. A primeira informação era a de uma Loca dos Tapuias, situada na Serra do Meio, precisamente na altura do Morro do Engenho.

Partimos para o local indicado, quando nos deparamos com uma imensidão de rochas, que dominavam a paisagem. Assim, providos dessa simples informação, adentramos morro acima e começamos uma busca incessante pelo possível sítio

¹ Sítio Arqueológico corresponde à menor unidade do espaço possível de investigação, dotada de objetos intencionalmente produzidos ou rearranjados, que testemunham comportamentos das sociedades do passado (MORAIS, 2000 *apud* ETCHEVARNE *et al.*, 2007, p. 7).

² A empresa contratada foi a “Arqueologia Brasil” e o arqueólogo de campo responsável foi André Aragão.

³ Em Arqueologia, esta metodologia de pesquisa é conhecida pelo termo técnico de “Arqueologia Oportunística” (CALDARELLI, SANTOS, 1999-2000).

arqueológico. A princípio, foram feitas quatro expedições pelo morro, todas sem sucesso. No entanto, as incertezas só nutriam ainda mais a vontade de atingir a tão sonhada Loca dos Tapuias, onde estariam localizadas as pinturas rupestres.

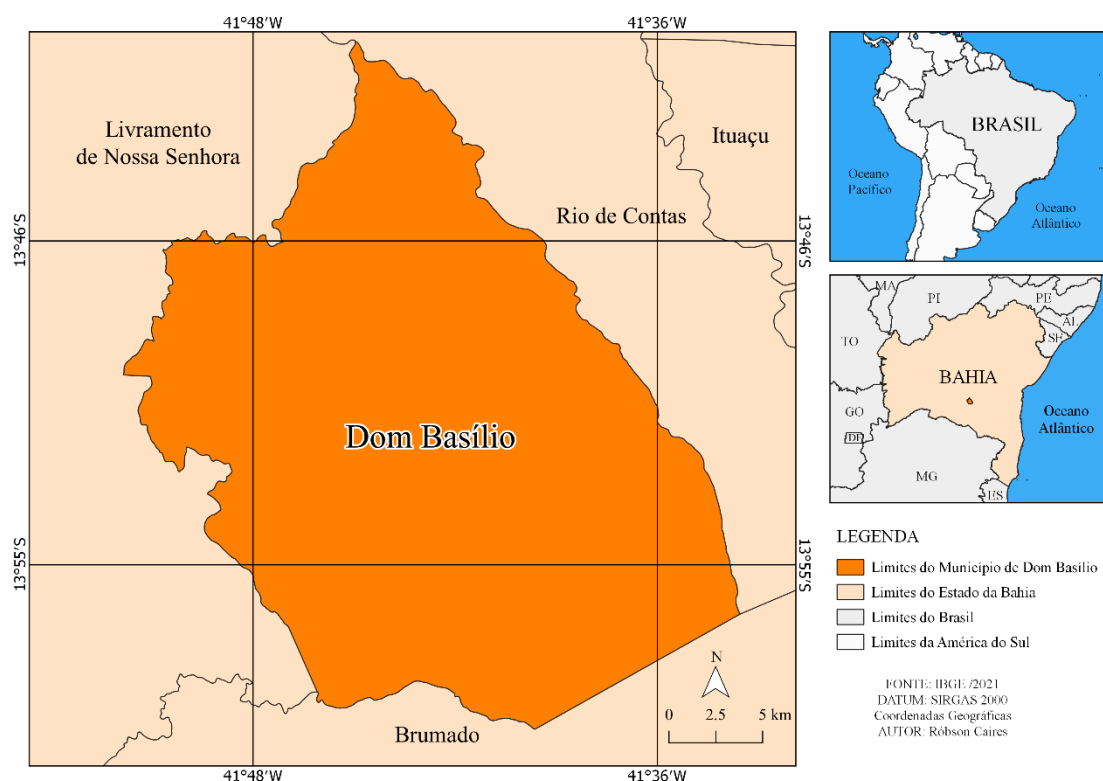
Uma nova expedição foi montada - composta pelo presente pesquisador, pelos professores Nilmar Campos e Antônio Lima, pelo amigo Ronaldo Alves da Silva, e pelo grande conhecedor do local, o mateiro Sílvio Silva Santos - que afirmava ter localizado o sítio arqueológico em uma de suas andanças pelo Morro do Engenho. À medida que nos aproximávamos dos paredões de rochas, não conseguíamos esconder a ansiedade e a alegria por estar tão perto daquilo que poderiam ser vestígios produzidos por populações pré-coloniais.

Logo que estávamos em frente a uma grande rocha, o mateiro indicou a localização exata da Loca dos Tapuias. Neste instante, deparamo-nos com um pequeno abrigo, formado por um paredão maciço, repleto de pinturas rupestres. Ao longo dos anos, a partir dessa visita, outras expedições foram realizadas, novos ambientes foram descobertos com pinturas rupestres, ampliando as dimensões do Sítio Arqueológico Morro do Engenho.

A descrição acima apresenta a forma como construímos a ideia do nosso objeto de pesquisa, “As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho”. Essa proposta de estudo apresenta um grande valor sentimental, uma vez que estamos tratando do nosso patrimônio local. Por mais que as figuras rupestres não tenham relação direta com esta expressão identitária, o morro é um ambiente carregado de pertencimento, já que, de forma incipiente, faz parte da paisagem do lugar e evoca para este trabalho, além do caráter científico, o orgulho em viver em um município que conta, entre suas diversas paisagens, com um sítio arqueológico de pinturas pré-coloniais.

O município de Dom Basílio, conforme dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), pertence à região do Território de Identidade chamada Sertão Produtivo. Localizando-se na Serra Geral, fica a cerca de 635 km da capital do Estado, via Sincorá. É um pequeno município, com área territorial de 688,64 km², situado entre a Serra do Meio e a Serra do Rio de Contas, a 405 m de altitude em relação ao nível do mar. Dom Basílio se insere na formação geológica denominada grande Cordilheira do Espinhaço, que se estende pelo norte mineiro e pelo sudoeste baiano, com topografia muito variada e exuberante (GUIMARÃES *et al.*, 2005, p. 13).

A propósito, vale ressaltar que 85% do seu território está inserido na Serra Geral⁴, tendo como principal característica geológica um grande vale, composto pelos rios Brumado, Paulo e São João. Os outros 15% do território do município estão relacionados à Serra do Rio de Contas, compreendendo os planaltos meridionais da parte ocidental da Chapada Diamantina, lugar das maiores elevações do relevo dombasiliense, chegando a ultrapassar os 1.000 m de altitude.



MAPA 01: Mapa de localização do Município de Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

A Borda Sul da Chapada Diamantina e a região da Serra Geral possuem grande potencial no estudo acerca da Arte Rupestre, já que a área formada por Dom Basílio e municípios vizinhos tem, entre seus diversos afloramentos rochosos, dezenas de sítios. Por tratar-se de uma região desprovida de estudos sistemáticos da natureza desta pesquisa, este trabalho assume um caráter pioneiro.

⁴ Serra Geral é um acidente geográfico localizado no interior da Bahia, uma formação que data do Cretáceo Inferior, estendendo-se no sentido norte-sul. É, ainda, uma subdivisão administrativa adotada por alguns órgãos da estrutura governamental estadual, reunindo diversos municípios situados na área de identificação com este acidente geográfico (Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR (BA), Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável: PDRS Serra Geral).

Diante disso, exige-se maior esforço para apresentar o sítio arqueológico Morro do Engenho, descrevendo, de forma minuciosa, sua paisagem e exibindo as principais características das pinturas rupestres existentes no ambiente.

Dessa maneira, foi elaborada a seguinte questão de pesquisa, que norteará o desenvolvimento do estudo: as pinturas rupestres do Sítio Arqueológico Morro do Engenho, localizado no município de Dom Basílio, Bahia, permitem reconhecer elementos que indicam coesão pictórica para se falar de grupos sociais que as produziram? Hipoteticamente, vislumbramos que o conjunto rupestre encontrado no Morro do Engenho exhibe predominância de pinturas geométricas aplicadas com os dedos e, por isso, sugere uma forma específica de representar, que pode ou não estar associada a um determinado contexto sociocultural.

Como não temos dados ou referências científicas acerca das pinturas rupestres encontradas no sítio arqueológico em questão, essa pergunta assume um caráter operacional, representando um trabalho pioneiro e totalmente empírico. Sendo assim, esta pesquisa objetiva estudar sistematicamente o sítio Morro do Engenho, situado no município de Dom Basílio, região semiárida do sudoeste da Bahia. Com isso, pretendemos: identificar as formas e motivos das pinturas rupestres representadas nos painéis; verificar momentos pictóricos distintos e técnicas de aplicação de tinta; analisar a distribuição das pinturas na paisagem e reconhecê-la como marco-testemunho da ocupação espacial desse espaço pelos grupos pré-coloniais.

A arte rupestre é um elemento pintado ou gravado sobre rochas e é considerada a mais antiga manifestação material produzida pelos humanos, de forma que não há nenhum ambiente no mundo que não tenha seus registros. A palavra *rupes-is* vem do latim e significa “rochedo”, é toda representação realizada sobre suporte rochoso fixo (paredes, abrigos, cânions, grutas, matacões, etc.).

A respeito da arte rupestre e seus autores, Carlos Etchevarne considera que:

Com o termo arte rupestre costuma-se englobar, de maneira geral todas as variações de signos gráficos pintados ou gravados sobre suportes rochosos fixos, sejam abrigos, grutas paredões, lajedos ou algum tipo de afloramento. Os autores desses grafismos rupestres são sempre relacionados, pelos especialistas, a grupos humanos pretéritos, vinculados a formações socioeconômicas de caçadores-coletores, horticultores, agricultores ou pastores (ETCHEVARNE, 2007, p. 18).

Na linha do que compreende Denis Vialou – o qual adota a noção de representação –, compreendemos as pinturas e gravuras rupestres como manifestações de ideias

elaboradas em contextos socioculturais concretizadas em imagens que, por sua vez, são concebidas mentalmente e, em sequência, materializam-se em suporte rochoso (VIALOU, 1993, 1999; VIALOUS & VIALOU, 2005). Os signos⁵ rupestres são representados de diversas maneiras, como: linhas, traços, círculos, desenhos, que foram produzidos de forma intencional, pensada e construída através de um projeto estruturado⁶, pois havia naquelas populações pretéritas a necessidade de expressarem ideias e valores sociais.

O elemento simbólico⁷ da arte rupestre tem relação direta com a intencionalidade de quem a produziu, pois as representações eram confeccionadas para que outros compreendessem o que estava sendo expresso. Dessa forma, as pinturas rupestres poderiam ser percebidas como sistemas de comunicação: nelas, o que foi pintado é uma mensagem, ou seja, há uma conexão criada em função de uma frase construída (SANCHIDRIÁN, 2005, p. 33-34).

Acerca deste aspecto, adverte Carlos Etchevarne:

Como premissa básica deve-se considerar que a arte rupestre constitui uma forma muito particular de compreender o ambiente, tanto o natural quanto o social, posto que ela aponta diretamente para um aspecto essencial das representações mentais das populações pretéritas: a simbolização. De fato, na base de toda pintura ou gravura rupestre encontra-se o ato de simbolizar, ou seja, representar externamente ao indivíduo aquilo que é pensado, armazenado ou construído pela experiência individual e coletiva e pela reflexão sobre a mesma. Dessa forma admite-se que, subjacente a toda produção de imagem materializada – como a dos grafismos rupestres – existiria uma sequência de processos mentais que consistem na observação, identificação, seleção, classificação, valorização e significação do espaço natural e do grupo. Tais processos, por sua vez, estariam condicionados pela experiência cultural de quem utiliza esse sistema de codificação (ETCHEVARNE, 2007, p. 18).

A arte rupestre tem duas grandes categorias quanto a sua composição técnica de confecção. A primeira é a aditiva, que corresponde às pinturas, produzidas seja com fluido

⁵ “Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada de interpretante” (SANTAELLA, 1983, p. 62).

⁶ A ideia de pensar a arte a partir da escolha do suporte rochoso, a cor da tinta, o tipo de aplicação, as formas e contornos para a confecção da arte rupestre.

⁷ Lúcia Santaella define símbolo: “Quanto às tríades ao nível de terciridade, elas comparecem quando, em si mesmo, o signo é de lei (legi-signo). Sendo uma lei, em relação ao seu objeto o signo é um símbolo. Isto porque ele não representa seu objeto em virtude do caráter de sua qualidade (hipoicone), nem por manter em relação ao seu objeto uma conexão de fato (índice), mas extrai seu poder de representação porque é portador de uma lei que, por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo represente seu objeto” (SANTAELLA, 1983, p. 67).

líquido (a tinta) aplicado em maior ou menor viscosidade, promovendo mais ou menos densidade de cor; seja com o método do *crayon* (a seco), que é ao modo de giz, cujo princípio é a aplicação de aditivo sobre a rocha. A segunda é a subtrativa, que são as gravuras, aquelas cuja matéria para a criação de composição se retira da superfície rochosa. Dentre os procedimentos conhecidos, destacamos o alto e o baixo-relevo (COMERLATO, 2005; SANCHIDRIÁN, 2005, p. 33).

Visando o campo da pintura rupestre, o que diferencia as formas de aplicação (vistas acima) é a técnica, esta determinará se a pintura será feita a seco ou à tinta. Com a tinta, faz-se uso dos dedos, pincel fino, pincel grosso, talisca⁸ e corpo⁹ (mãos, pés, braços etc.), além dos riscos do *crayon*. Essas são as formas de aplicabilidade das pinturas pré-coloniais amplamente conhecidas na Arqueologia.

Quanto à cor, as pinturas são classificadas em três categorias: as monocromáticas, nas quais os desenhos são representados em uma única tonalidade; as bicromáticas, em que são utilizadas duas cores; e as policromáticas, que apresentam a combinação de três ou mais cores na composição. As tintas utilizadas nas confecções das representações rupestres eram naturais, obtidas e extraídas do próprio ambiente. A cor vermelha era constituída do óxido de ferro misturado com uma substância rica em cálcio; já a amarela era goetita, um óxido de ferro hidratado; a branca era fabricada com duas espécies de tinta, kaolinita e gipsita; o cinza, por sua vez, uma mistura natural dos pigmentos vermelho e branco; por fim, o preto era produzido de duas maneiras, através de carvão vegetal obtido com a queima de madeiras ou de carvão animal a partir da queima de ossos. É possível também que tenham sido feitas pinturas à base de pigmentos vegetais, as quais desapareceram totalmente no decorrer do tempo (GASPAR, 2003, p. 18).

Na Arqueologia, chamamos as formas distintas de pintar de estilos. Nessa concepção, a arte rupestre equivale a uma espécie de gramática imagética, a uma linguagem, utilizada para indicar conjuntos de sítios que, dentro da tradição, apresentam características comuns ou muito semelhantes. Apresentam uma estrutura coerente, um mecanismo pelo qual os autores conduzem suas expressões pictóricas, pois ninguém pinta por nada, há sempre uma intencionalidade ou casualidade no ato de representar.

⁸ Graveto que é molhado para a aplicabilidade da tinta no suporte rochoso.

⁹ Esta técnica que utiliza o corpo do próprio artista é conhecida na Arqueologia como carimbo.

No que se refere às datações¹⁰ associadas à arte rupestre, Luís Sanchidrián afirma que são problemáticas, em geral, por serem vestígios totalmente isolados de qualquer contexto arqueológico quando colocados em superfícies rochosas. Para resolver essa deficiência, são utilizados vários métodos e técnicas analíticas, as mais utilizadas são a relativa e a absoluta (SANCHIDRIÁN, 2005, p. 43).

Em relação à possibilidade de datação na arte rupestre, Carlos Etchevarne afirma:

Arqueologicamente, o tempo pode ser medido de forma direta, por métodos radioativos sobre os pigmentos de natureza orgânica, como os carvões, ou, quando possível, associando-se as figuras rupestres a algum estrato do solo de ocupação do abrigo, afloramento rochoso, ou do paredão onde elas se encontrem (ETCHEVARNE, 2007, p. 25).

Uma forma de datação relativa da arte rupestre é por analogia estilística entre sítios diferentes, em que a cronologia e a caracterização da arte de um deles já foram largamente estabelecidas. É bem verdade que, para a construção de uma datação segura e confiável, é preciso se utilizar de diversos métodos e técnicas de análise na arte rupestre.

A partir da discussão anunciada, evidenciamos que, para fazer referência ao universo pictórico identificado no sítio rupestre Morro do Engenho, utilizaremos os seguintes termos: *representação*, *signo* (quando não há a possibilidade inicial de interpretação arqueológica), *símbolo* (quando há a possibilidade de percepção de significado derivada da interpretação arqueológica) e *pinturas*. Por sua vez, o termo *arte rupestre* será utilizado no trabalho considerando-se uma concepção clássica, comum e compreensível a todos que lidam com essa categoria da cultura material, sem entrar no mérito das diferentes concepções que a definição aporta.

Feitas essas considerações iniciais acerca da concepção de *arte rupestre* que orienta a nossa compreensão, passemos à apresentação deste trabalho. Esta dissertação de mestrado está organizada em cinco capítulos, nos quais buscamos analisar e contextualizar a problemática em estudo. Todo esse processo investigativo é marcado por uma visão descritiva, fundamental para a apreensão do objeto da nossa pesquisa.

No capítulo intitulado *PINTURAS RUPESTRES: do histórico de pesquisas às classificações no Brasil*, fizemos uma abordagem histórica do desenvolvimento das pesquisas acerca da arte rupestre no Nordeste do país, destacando, por fim, a Bahia.

¹⁰ Para entender melhor os métodos e técnicas de datação da arte rupestre, ver o Manual de Arte Pré-Histórica de Luís Sanchidrián, 2005.

Enfocamos o papel dos pioneiros, das escolas arqueológicas e das ideias de Tradição e Estilos na arte rupestre.

No capítulo seguinte, *APORTES TEÓRICOS*, abordamos o conceito de “paisagem” e sua articulação com o objeto de pesquisa. Procuramos incluir o termo supracitado no campo da Arqueologia, para, a partir daí, aprendermos noções fundamentais na análise das pinturas rupestres. Apresentamos ainda a paisagem natural do Morro do Engenho, a fim de exibir o panorama cárstico da área. Sendo assim, descrevemos os contextos climáticos, vegetacionais, geológicos, faunísticos e hídricos do Morro do Engenho.

O terceiro capítulo, *APORTES METODOLÓGICOS*, trata das técnicas aplicadas no levantamento de dados das pinturas rupestres. Foram utilizadas variadas técnicas na apreensão do objeto de pesquisa: a identificação do local, o georreferenciamento, o preenchimento de fichas, a tomada fotográfica, a confecção de croquis, o caderno de campo, dentre outros. Nesta seção, apontamos as estratégias de análise do material em gabinete para possibilitar as interpretações arqueológicas do universo estudado.

O capítulo quatro, *SÍTIO ARQUEOLÓGICO MORRO DO ENGENHO*, tem por finalidade a descrição das quatro unidades geomorfológicas/arqueológicas do sítio: Loca dos Tapuias, Pedra de Fogo, Três Marias e Lapinha do Velho. Consequentemente, foram descritas as pinturas desses espaços, levando em consideração os suportes rochosos, os painéis e os signos rupestres.

No último capítulo, *RESULTADOS DA PESQUISA*, o enfoque central da discussão é a análise dos dados recolhidos em campo e as reflexões estabelecidas posteriormente. Nesta seção, são apresentados gráficos e tabelas que ilustram, de forma numérica, o sítio arqueológico Morro do Engenho.

Após a exposição dos capítulos, segue-se às *CONSIDERAÇÕES FINAIS*, *REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS* e *APÊNDICES*.

Espera-se que, com esta pesquisa, possa-se fornecer subsídios básicos para a ampliação do conhecimento acerca do universo rupestre existente no território baiano, sobretudo na região Sudoeste do Estado. Porém, o sentido maior da pesquisa é divulgar acerca dessa temática na Bahia, além de disseminá-la no ambiente escolar, pois é pretendido fazer deste estudo um produto educacional, apresentando-o no sistema de ensino do município de Dom Basílio, a fim de, quem sabe, tornar a temática parte do currículo educacional da rede pública de ensino.

1. PINTURAS RUPESTRES: do histórico de pesquisas às classificações no Brasil

A primeira menção conhecida acerca da existência de arte rupestre no Brasil data do final do século XVI, foi registrada pelo então Governador da Paraíba, Feliciano Carvalho e é sobre a presença de gravuras no rio Araçaí. Na mesma época, outras ocorrências foram apontadas em Goiás, pelos Bandeirantes Paulistas; e no Maranhão, por um Capuchinho Francês de nome Yves d'Evreux (PROUS, 1992, p. 509).

No findar dos tempos coloniais, o Padre Francisco Teles, em sua obra intitulada *Lamentações Brasíliaicas*, escrita entre 1799 e 1817, pontua a existência de 274 sítios arqueológicos de gravuras e pinturas rupestres espalhados por grande parte dos estados nordestinos, onde faz as primeiras tentativas para interpretação das escritas nas pedras, buscando vincular os signos rupestres com os alfabetos grego e hebraico, na procura de possíveis “tesouros escondidos” (GASPAR, 2003, p. 32-33).

Sobre este fato, Maria Dulce Gaspar salienta que:

O Padre Francisco Tales não só realizou um levantamento detalhado dos sítios rupestres, como, em certo sentido, inaugurou duas importantes correntes interpretativas deste tipo de testemunho arqueológico: a vertente que vê os grafismos como uma linguagem e a que os toma como referências astronômicas (GASPAR, 2003, p. 33).

A transferência da Família Real Portuguesa e o processo de independência no início do século XIX possibilitaram a entrada de vários estrangeiros no Brasil. Viajantes de diversas origens europeias, possuindo os mais diferentes propósitos, adentraram o então Reino Unido a Portugal e Algarves. Um grande número desses aventureiros, quando de passagem pelo território brasileiro, foi descrevendo espaços e ambientes, alguns contendo gravuras e pinturas rupestres. Em todo, os oitocentos tipos de registros e atribuições dadas às figuras rupestres foram se tornando cada vez mais diversificados.

Naquele tempo, era discutido se tais manifestações advinham de processos naturais ou se tinham origem humana. O primeiro trabalho extenso relacionado à arte rupestre foi publicado em 1887, por Tristão de Alencar Araripe, que destaca a importância de seu estudo, por acreditar que estava lidando com uma obra humana de grande antiguidade (GASPAR, 2003, p. 34).



IMAGEM 01: Exemplo de iconografia produzida no século XIX. Brandt copiando as pinturas rupestres do sítio arqueológico Cerca Grande, Lagoa Santa, em Minas Gerais. Fonte: Holten; Sterll, 2011.

No imaginário da época, estavam interpretações que ultrapassavam as associações fantasiosas, atribuindo autorias das pinturas e gravuras rupestres a gregos, fenícios e atlântidas ou mesmo relacionando-as aos próprios indígenas, porém como fruto de uma produção ociosa, sem nenhum significado relevante (MARTÍN, 2008).

Nas primeiras décadas do século XX, importantes contribuições acerca da arte rupestre no Brasil foram produzidas. Destacam-se o trabalho de Carlos Ott, na Bahia, responsável por identificar e registrar diversos sítios no sertão baiano (ETCHEVARNE, 2007), e o de Azevedo Dantas, que realizou cuidadosos desenhos de pinturas e gravuras da região do Seridó¹¹ (MARTÍN, 2008).

O estudo sistemático do universo rupestre no Brasil acontece a partir da década de 1960, com a implantação do Projeto Nacional de Pesquisa Arqueológica (PRONAPA), acordo entre o governo brasileiro e o estadunidense. Coordenado pelos pesquisadores Clifford Evans e Betty Meggers, esse projeto teve como objetivo apresentar um quadro geral da ocupação pré-colonial em território nacional e também foi responsável pela estruturação de uma parte dos estudos arqueológicos no país. Além de desenvolver as primeiras pesquisas acadêmicas na área da Arqueologia, o PRONAPA foi responsável pela formação dos primeiros arqueólogos brasileiros (PROUS, 1992; GASPAR, 2003; SCHMITZ, 2007; ETCHEVARNE, 2007).

Outra vertente, conhecida como a “Missão Franco-Brasileira”, foi responsável, a partir dos anos de 1970, pela construção de padrões e técnicas para o estudo da arte

¹¹ Seridó é uma região interestadual localizada no sertão da Região Nordeste do Brasil. Oriunda da antiga região da "Ribeira do Seridó", abrange vários municípios dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba, sendo oficialmente dividida pelo IBGE em Seridó Ocidental Potiguar e Seridó Oriental Potiguar, Seridó Ocidental Paraibano e Seridó Oriental Paraibano. Fonte: <http://www.wmdigital.com.br/serido>

rupestre pré-colonial no país, tendo como coordenadora a pesquisadora francesa Annette Laming Emperaire (PROUS, 1992; GASPAR, 2003).

Os primeiros trabalhos que tiveram como base os objetivos do PRONAPA e da Missão Franco-Brasileira para a classificação em Arqueologia foram o de Valentin Calderón (na Chapada Diamantina, Bahia), o de Niède Guidon (no Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí) e o de André Prous (em Lagoa Santa, Minas Gerais), os quais destacaram-se pela diversidade de pinturas que encontraram (GASPAR, 2003, p. 38).

Segundo André Prous:

[...] é a partir de 1973 com os sucessos nesta área das Missões Franco-Brasileiras em Lagoa Santa e no Piauí que podemos notar um grande impulso para as pesquisas sistemáticas, com experiências metodológicas para prover este campo de instrumentos objetivos de estudo. Logo depois, assistimos à multiplicação dos trabalhos em novos estados: Goiás (Schmitz e Moehlecke, Simonsen, Mendonça de Souza, Mills), no Rio Grande do Norte e Pernambuco (Gabriela Martin, Ruth de Almeida), Mato Grosso (D. Vialou) etc. A partir destes novos documentos, ainda insuficientes, no entanto mais consistentes do que os disponíveis até quinze ou dez anos atrás, autores como N. Guidon e A Prous puderam esboçar um primeiro quadro geral (PROUS, 1992, p. 509-510).

Na década de 1980, Maria Beltrão, do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, passa a estudar a arte rupestre da área arqueológica de Central, na Bahia, sob uma perspectiva astronômica. Nesse viés, abriu-se espaço para as interpretações do significado das representações, como também para analogias etnográficas (ETCHEVARNE, 2007).

Cabe inferir que o PRONAPA e a Missão Franco-Brasileira, responsáveis por uma nova análise sistemática acerca dos sítios rupestres, classificaram os vestígios em “Tradições, Estilos e Fases”. A partir desse momento, a Arqueologia brasileira começa a estabelecer modelos para a compreensão e interpretação da arte rupestre, ao passo que buscava compreender os grupos humanos pré-coloniais.

O termo “Tradição” é amplamente utilizado pela Arqueologia brasileira, conceito aplicado para o conjunto de arte rupestre, pintura ou gravura, que tem uma temática e/ou elementos técnicos semelhantes e apresenta uma certa circunscrição no tempo e no espaço (SCHIMITZ, *et al.*, 1984, p. 8).

Já o estudioso Carlos Costa apresenta de forma pormenorizada a noção de *Tradição*¹² *Arqueológica*, uma vez que esse conceito é largamente utilizado no Brasil e se difere, na área das Ciências Humanas, da noção empregada pela Antropologia e pela História. Costa chama a atenção para tal conceito, um vez que, do ponto de vista arqueológico, a arte rupestre no Brasil tem sido estudada a partir da ordenação em categorias crono-estilísticas denominadas de Tradições (COSTA, 2012, p. 9).

O conceito de Tradição Arqueológica foi inserido no Brasil pelos pesquisadores Betty Meggers e Clifford Evans na década de 1960, com o objetivo de fornecer um panorama geral dos contextos arqueológicos existentes no país. O pioneiro na utilização desse termo para a arte rupestre foi o pesquisador Valentin Calderón (1983), que, em pesquisas pela Chapada Diamantina, no interior da Bahia, definiu o termo Tradição como:

[...] conjunto de características que se refletem em diferentes sítios ou regiões, associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes que as transmitiram e difundiram gradualmente modificados, através do tempo e do espaço (CALDERÓN, 1983 [1967]; *apud* COSTA, 2005, p. 145-146).

Conforme André Prous, as tradições de arte rupestre abrangem, ao menos, oito grupos de padrões estilísticos: Meridional, na região Sul do Brasil; Litorânea Catarinense; Planalto, desde a divisão dos Estados de São Paulo e Paraná até a Bahia; Nordeste, em todo o Planalto Central Brasileiro e na região Nordeste; Agreste, nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Piauí; São Francisco, no Vale do Rio São Francisco, em Minas Gerais, Bahia e Sergipe; Amazônico, na bacia amazônica e a Astronômica, com maior concentração no interior da Bahia (PROUS, 1992, p. 511).

Em seguida, apresentamos de forma sucinta essas tradições, expondo suas principais características e os pesquisadores responsáveis por estas classificações:

Tradição São Francisco. Presente no curso do Rio São Francisco, nos Estados de Minas Gerais, Bahia e Sergipe, foi definida nos anos de 1980, pelo pesquisador André Prous, em análises de sítios no Vale do Peruaçu, no Norte Mineiro. Quanto ao universo figurativo desta tradição, os desenhos são predominantemente geométricos, lineares e policrômicos (vermelho, amarelo e preto), superando em quantidade os zoomorfos e antropomorfos, que aparecem de forma esquemática e monocromática em vermelho (RIBEIRO, 2006, p. 87).

¹² Carlos Costa, em sua tese de doutoramento, apresenta de forma ampla a noção de *Tradição Arqueológica* e como ela foi sendo utilizada pela Arqueologia brasileira (COSTA, 2012, p. 8-74).

Tradição Astronômica. Marcada pela frequência de figuras que remetem a fenômenos celestiais, como solstícios, eclipses, fases lunares etc. Esta identificação foi desenvolvida por Maria Beltrão (1982), em análise de pinturas rupestres no interior da Bahia, que apontou uma característica muito marcante desta tradição: a sobreposição e a precisão em que as imagens eram produzidas. Beltrão utilizou-se de muita interpretação e vasta correlação com grupos atuais na construção desta identificação, além de manter um diálogo próximo com os astrônomos. O sítio de maior representatividade na Tradição Astronômica é a Toca do Cosmos, localizada no município de Itaguaçu, na Bahia, com datação de 3.200 anos AP (ETCHEVARNE, 2007, p. 64).

Tradição Nordeste. Conceituada por Niède Guidon (1975), tem como destaque figuras conhecíveis e emblemáticas¹³. Sua identificação aconteceu em diferentes áreas arqueológicas¹⁴: São Raimundo Nonato, no Piauí; região do Seridó, no Rio Grande do Norte; Chapada Diamantina, na Bahia; Xingó, em Sergipe, entre outros. Caracteriza-se também por uma grande proporção de imagens antropomorfas e zoomorfas e pela raridade de desenhos geométricos. Pelo fato de esta tradição ser percebida em grande totalidade da região nordestina, manifesta-se de forma diferente, gerando vários estilos, classificados em subtradições. Nela, estão representadas cenas do cotidiano, como caça e rituais. No que diz respeito à produção das figuras, a cor mais utilizada é o vermelho, podendo sofrer pequenas modificações em algumas subtradições (MARTÍN, 2008, p. 246-249).

Tradição Agreste. Tipicamente do Nordeste, registro mais abundante na região, possui figuras humanas ou animais, completamente preenchidas, com irregularidades na linha de contorno. Além disso, há traços grossos e figuras dominantes, tendo como uma das características mais marcantes o desenho de mãos, formando figuras mais elaboradas nas palmas e nos dedos. Foi definida nos Estados de Pernambuco e Piauí, com o gigantismo de imagens de seres vivos como atributo básico, as quais, na maioria das vezes, apresentam-se isoladas ou acompanhadas de outras figuras menores (RIBEIRO, 2006, p. 87).

Tradição litorânea de Santa Catarina. Apresenta gravuras rupestres que são conhecidas desde o século XIX; porém, os primeiros estudos dessas gravuras ocorreram

¹³ Cenas que estão representado uma ação, um fato. Pode ser um mito, ritual, no entanto, não sabemos o que significa. Mas são desenhos representados da mesma maneira em pontos muito distantes da geografia nordestina (MARTÍN, 2004, p. 83).

¹⁴ São territórios rupestres do Nordeste, também conhecidos como “províncias rupestres”, não apenas no sentido geográfico, mas de áreas que apresentam uma série de características comuns que permitem formular hipóteses, conhecidas como “fronteiras estilísticas”. Indicam fronteiras culturais porque, em áreas específicas, aparecem pinturas e gravuras com características muito marcantes (MARTÍN, 2004, p. 79-80).

somente no século XX, a partir das pesquisas do Padre João Alfredo Rohr. A temática é geométrica, além de possuir representações humanas esquemáticas. A técnica de confecção predominante é o polimento. A importância deste conjunto de sítios, somada à sua excepcionalidade, é que, até muito pouco tempo, eram os únicos sítios de representação rupestre identificados na costa do litoral brasileiro (COMERLATO, 2005, p. 151).

Tradição Geométrica. Possui as técnicas de execução que são, em sua maioria, gravações por incisão com secção em "V". Ocorre também a preparação da área por picoteamento. Os sulcos têm, no máximo, quatro milímetros de profundidade; em alguns casos, possuem vestígios de pigmentação de cor preta (ROHR, 1971a, p. 32). As técnicas de representação são a figuração de frente (rosto humano) e a segmentação (sexo feminino). As categorias de representação podem ser divididas em: humanas, traços indeterminados e figuras geométricas. O interesse pelo Planalto Catarinense ressurgiu na década de 60 do século XX, a partir de pesquisas feitas por Piazza (1966, 1967, 1969) e Rohr (1971a, 1971b), com foco histórico-cultural. Posteriormente, em 1977, Prous e Piazza elaboraram uma síntese da Arqueologia do Estado de Santa Catarina (COMERLATO, 2005, p. 158-159).

Tradição Planalto. Caracteriza-se pela presença abundante de representações antropomorfas e zoomorfas, principalmente cervídeos neste último caso. Também é característica principal desta tradição o fato de serem todas quase completamente na cor vermelha, com raras manifestações em preto, amarelo ou branco. Para Prous (1992), esta tradição está distribuída pelo planalto central brasileiro desde a sua fronteira entre Paraná e São Paulo até o Estado da Bahia, sendo que seu foco principal parece estar no centro de Minas Gerais (GASPAR, 2005, p. 49).

Tradição Meridional. Típica do Rio Grande do Sul, constitui-se por gravuras feitas no arenito, sobretudo por raspagem, picoteamento, seguido de polimento. É marcada por formas geométricas confeccionadas em blocos isolados e contém linhas retas paralelas ou cruzadas, bem como, mais raramente, figuras compostas por linhas curvas. Esta tradição é conhecida a partir dos trabalhos de P. A. Mentz Ribeiro, que realizou sistemáticas pesquisas na região mais setentrional do Rio Grande do Sul (PROUS, 1992, p. 511).

Tradição Amazônica. Os motivos antropomórficos são marcados por sua simetria e preponderância do geométrico. Exibe ainda painéis simples, como bastonetes e linhas paralelas. Em geral, estes sítios são encontrados nos cursos dos rios, mais precisamente nas quedas d'água, que são o único ambiente da região em que a pedra aflora. Os primeiros trabalhos especializados na Amazônia foram realizados entre 1960 e 1970, pelos

pesquisadores Eugénie Miller Branjnikov e Gerard Richel-Domatoff (PEREIRA, 2012, p. 23).

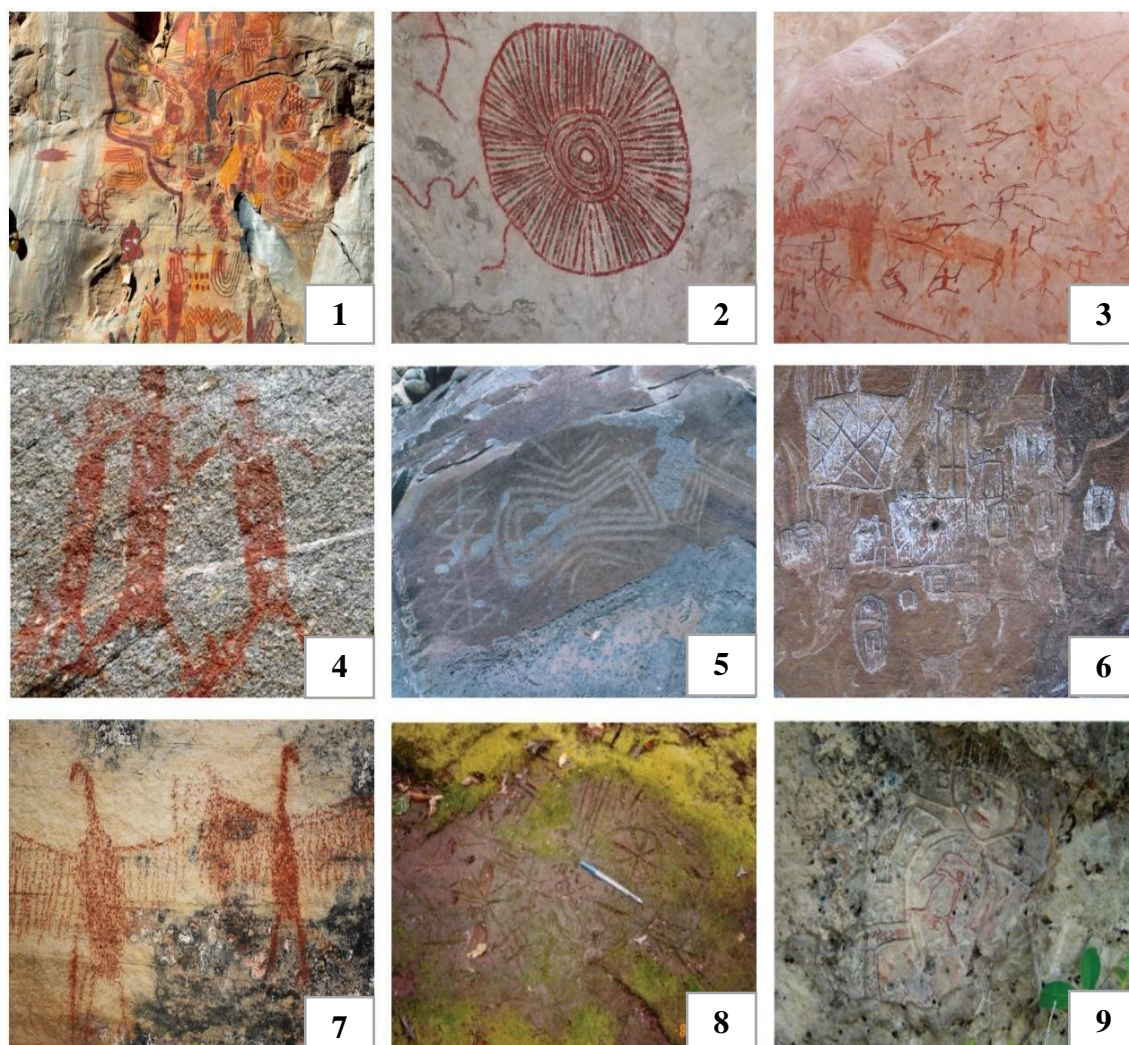


IMAGEM 02: Painéis com pinturas e gravuras associadas as Tradições Arqueológicas, acima apresentadas. 1 - Painel Rupestre associado a Tradição São Francisco. Lapa dos Desenhos, Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, Minas Gerais, Brasil. Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/>. 2 - Figura associada a Tradição Astronômica. Toca do Cosmos, Itaguaçu da Bahia. Foto: Róbson Caires (2019). 3 - Painel rupestre associada a Tradição Nordeste. São Francisco da Palmeira, Morro do Chapéu, Bahia. Foto: Róbson Caires (2019). 4 - Figuras Antropomórficas associadas a Tradição Agreste. Sítio Pedra do Caboclo, Caruaru, Pernambuco. Fonte: Base de Dados Imagética Facepe-UFPE. (*apud*, FARIAS FILHO *et. al.*, 2007, p. 57). 5 - Gravura Rupestre associada a Tradição Litorânea de Santa Catarina. Praia do Santinho, Santa Catarina. Foto: Fabiana Comerlato, 2004. 6 - Painel associado a Tradição Geométrica, Santa Catarina. Morro do Avencal, Urubici, Santa Catarina. Foto: Fabiana Comerlato, 1998. 7 - Figuras rupestre associadas a Tradição Planalto. Fazenda Serra Brava, Rio Negro, Mato Grosso do Sul. Fonte: AGUIAR *et. al.*, 2012, p. 1013. 8 - Gravuras rupestres associadas a Tradição Meridional, localizadas na faixa setentrional do Rio Grande do Sul. Fonte: Taís Vargas Lima, 2005. 9 - Gravura pintada associada a Tradição Amazônica. Sítio Serra da Carreta, Prainha. Fonte: Edithe Pereira, 2012.

A seguir, é possível observar a disposição dessas tradições rupestres, representadas num mapa disponibilizado pela pesquisadora Maria Dulce Gaspar, no livro *A Arte Rupestre*, publicado em 2006:



Mapa com a distribuição das tradições de arte rupestre

MAPA 02: Apresentado por Maria Dulce Gaspar acerca das Tradições da arte rupestre e suas distribuições pelo território nacional. Fonte: Gaspar, 2003.

Para Etchevarne, a identificação, caracterização e formulação das tradições de arte rupestre no Nordeste, e conseqüentemente no Brasil, da maneira como se empregam hoje, devem-se, indiscutivelmente, aos trabalhos de pesquisa intensiva de Anne-Marie Pessis e Niède Guidon, para o Piauí, e de Gabriela Martín, para o Rio Grande do Norte (ETCHEVARNE, 2007, p. 26).

1.1. Breve contextualização do estudo das pinturas rupestres no Nordeste

Como já foi mencionado, as primeiras observações acerca da arte rupestre ocorreram em alguns Estados do Nordeste, através dos aventureiros que adentravam o território rumo ao sertão ainda nos tempos da colônia. Diante dessa ressalva, esta seção é dedicada a apresentar os estudos da arte rupestre nessa região do país a partir do processo de profissionalização da Arqueologia.

Os Estados nordestinos não experimentaram o mesmo desenvolvimento das pesquisas arqueológicas das demais partes do país, o que revela um panorama desigual nos estudos sistemáticos dos vestígios deixados por sociedades pré-coloniais. A respeito disso, Carlos Etchevarne salienta que:

Em primeiro lugar, fica evidente para quem se debruça sobre o panorama da Arqueologia nordestina a desigualdade existente, no que tange à produção que hoje entendemos por Nordeste Brasileiro. As pesquisas arqueológicas têm desenvolvido trajetórias diferentes e alcançado resultados e níveis de aperfeiçoamento muito diversos. Enquanto em alguns estados a permanente, persistente, corajosa e até obstinada atuação de alguns pesquisadores conseguia construir bases sólidas que permitiram um desenvolvimento de progressão ascendente, em outros, os esforços dos estudiosos pioneiros para a construção de programas estáveis de pesquisas foram interrompidos, pelas mais diversas razões, estabelecendo trajetórias descontínuas. Nestes casos por cada interrupção a retomada equivalia à multiplicação dos esforços iniciais (ETCHEVARNE, 2006, p. 42).

O estudo sistemático da arte rupestre no Nordeste brasileiro está diretamente relacionado com a instalação das missões científicas estrangeiras montadas no país, o PRONAPA e a Missão Franco-brasileira; desse processo, destaca-se o pioneirismo de Valentin Calderón, na Bahia. No entanto, foi com os trabalhos realizados pelas pesquisadoras Niède Guidon, Anne-Marie Pessis e Gabriela Martín que a ciência arqueológica alcançou no Nordeste sua profissionalização e reconhecimento científico internacional.

Vale lembrar que o *status* acadêmico da produção arqueológica nordestina tem início com a criação da área de concentração em Pré-História, no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco, coordenada pela Profa. Gabriela Martín, que apresenta uma perspectiva para o ensino e pesquisa deste território nacional. As pesquisas foram direcionadas, no primeiro momento, para dois tipos de materialidade: a lítica e a arte rupestre (ETCHEVARNE, 2006, p. 44).

Em seguida, sob a liderança da arqueóloga e Profa. Niède Guidon¹⁵, foram criados o Parque Nacional Serra da Capivara, em 1979, e a Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM), em 1983, em São Raimundo Nonato, no Piauí. A partir daí, foi implantado um programa de pesquisa permanente que se transformou em ponto de referência científica, não apenas para o Brasil, mas para o mundo (ETCHEVARNE, 2006, p. 44).

Desta forma, a região de São Raimundo Nonato, no Piauí, transforma-se em base para o estudo da arte rupestre. A precursora desse estudo, Profa. Anne-Marie Pessis, registrou e cadastrou os sítios arqueológicos, promovendo uma sólida reflexão teórica e metodológica que, *a posteriori*, foi aplicada por outros pesquisadores em outras áreas do Nordeste.

Argumentando a este respeito, Carlos Etchevarne nos diz que:

A criação da Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio da UFPE e a Fundação Museus do Homem Americano, no Piauí, e, mais recentemente, a instalação de um curso de graduação em Arqueologia na nova Universidade do Vale do São Francisco, com *campus* em São Raimundo Nonato, consolidou um forte eixo de atuação em pesquisa, ensino e extensão, da forma em que talvez nunca tenha sido pensado antes no Brasil [...] (ETCHEVARNE, 2006, p. 45).

Após essa observação de Etchevarne, a Arqueologia se desenvolveu muito no campo acadêmico no Brasil, sobretudo na região Nordeste, majoritariamente impulsionada pelo Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), implantado pelo governo federal em 2006. Atualmente, há cerca de 14 cursos de graduação e 11 programas de pós-graduação *stricto sensu* (que abrigam 11 cursos de mestrado e 8 cursos de doutorado) em Arqueologia ou com áreas de concentração em Arqueologia. Tais cursos estão nas seguintes instituições: UFS, UFMG, UFPI, FURG, UNEB, PUC-GO,

¹⁵ “[...] a primeira vez que eu vim à região de São Raimundo Nonato foi em 1970, foi quando vi, pela primeira vez, as pinturas e comecei a organizar uma missão francesa, pois, na ocasião, eu era professora em Paris. A primeira Missão, realmente de pesquisa, teve lugar em 1973, em que estivemos durante seis meses trabalhando na região, fizemos um primeiro levantamento, em seguida nós voltamos para a França, mas voltamos de novo em 75 e depois em 78. Entre 73 e 75, nós procuramos fazer um levantamento de todos os dados sobre a região para estabelecer qual era o contexto atual no qual estávamos trabalhando para poder, depois, fazer comparações com o contexto pré-histórico. Foi então que vimos que não havia nenhum estudo para a região. Não se sabia nada da geologia, não se sabia nada da fauna, nem da parte histórica da região. Nós, então, pesquisamos aqui e na França e resolvemos criar uma missão interdisciplinar para poder, então fazer o levantamento desses dados, que não existiam. Foi a partir daí que tivemos a ideia de que esta região, pela sua riqueza arqueológica, mas também pela riqueza e estado de conservação da fauna e da flora, deveria ser um Parque Nacional. [...] À consulta que fizemos ao Ministério do Meio-Ambiente e ao IBAMA, nos aconselharam que pedíssemos a criação de um Parque Nacional. Isso foi feito em 78, ao fim da missão.” (GUIDON, 2006, p. 65-66).

UERJ, UFPEL, UFPE, UNIR, UNIMES, UEA, UFOPA, UNIVASF, USP, UFRJ, UFRB, UFPA, UFPR.

Na década de 1980, na região do Seridó, no Rio Grande do Norte, teve início um grande programa de estudo rupestre, coordenado pela Profa. Gabriela Martín, que, somado ao implantado pelas Profas. Niède Guidon e Anne-Marie Pessis, transformou o estudo da arte rupestre no país. Ambos os programas eram conectados por uma rede de informações científicas montada pelas três pesquisadoras, as quais apresentaram extraordinários conhecimentos de estilos, tecnologias e cronologias das pinturas e gravuras (GUIDON, 2006, p. 47).

Com o desenrolar das pesquisas, foi agregada à equipe a Profa. Conceição Lage, da Universidade Federal do Piauí, tendo como objeto de trabalho a conservação das pinturas rupestres. A arqueóloga montou uma equipe que visitava os sítios do Parque Nacional Serra da Capivara, promovendo um extenso e periódico serviço de conservação (ETCHEVARNE, 2006, p. 70).

Esta sólida e produtiva equipe de pesquisadoras dividiu o território nordestino em “províncias rupestres¹⁶”, sendo esta concepção também conhecida como “fronteiras estilísticas”. Segundo Gabriela Martín:

Essas fronteiras indicariam, também, fronteiras culturais porque, em determinadas regiões ou áreas específicas, aparecem pinturas e gravuras rupestres com características muito marcantes que depois se vão modificando e vão desaparecendo para dar lugar a outras manifestações rupestres completamente diferentes. E isso nos levou a criar fronteiras estilísticas que indicariam áreas de pressão, áreas de influência territorial de distintos grupos étnicos (MARTÍN, 2006, p. 80).

Partindo desse entendimento, o Nordeste apresenta várias províncias rupestres, amplas e significativas. Elas são denominadas de: Serra da Capivara, no Piauí; a Chapada Diamantina, na Bahia; o Curso do Rio São Francisco, que abrange parte dos estados da região; a área da região do Seridó Oriental, do Rio Grande do Norte até a fronteira com a Paraíba; o grande Maciço da Borborema, entre os Estados de Pernambuco e Paraíba (MARTÍN, 2006, p. 81).

Acredita-se que tais áreas se conectavam a partir de uma rede de migrações, produzindo verdadeiras diásporas em momentos de grandes pressões demográficas. A

¹⁶ No sentido geográfico, mas não somente geográfico, pois não se trata apenas de limites ou divisões territoriais, mas de áreas que têm uma série de características comuns (MARTÍN, 2006, p. 79).

partir desse entendimento, busca-se explicar as prováveis semelhanças entre esses espaços arqueológicos.

Com o avanço das pesquisas, foram apresentadas outras diretrizes para o estudo da arte rupestre, das quais destacam-se as etapas de quatro níveis¹⁷ de análise: o morfológico, o cenográfico, o hipotético e o conjectural (PESSIS, 1984, p. 99). Partindo dessa premissa, a Arqueologia nordestina apresentou uma didática composta por três abordagens na construção do trabalho científico: o sítio, a figura rupestre e o contexto arqueológico. Essa estratégia vale-se de um sítio referência, que, diante da aplicação desse esquema, torna-se parâmetro para o estudo de um território rupestre (MARTÍN, 2013, p. 232).

Neste sentido, Gabriela Martín argumenta:

[...] O sítio de referência deve ser o ponto de partida; os registros rupestres dos outros sítios da área geográfica de influência serão a continuação lógica de pesquisa e o estudo do contexto arqueológico significará o conhecimento do entorno físico e social em que viveram os grupos humanos que habitaram a área. Assim não discrimina a arte parietal do seu contexto que deve ser estudada arqueologicamente como mais uma manifestação da atividade humana (MARTÍN, 2013, p. 233).

Quanto à classificação das pinturas rupestres no Nordeste brasileiro (que exibem um caráter específico), quando são observadas de forma geral seus traços culturais, adquirem a feição de tradição (GUIDON, 1982). Os estudos arqueológicos promovidos neste território contribuíram para a classificação da arte rupestre em Tradição, Subtradição e Estilo.

É notável o lugar que a região Nordeste assumiu no decorrer da trajetória desta pesquisa. Liderança no país nos estudos da arte rupestre, seu território ainda apresenta enorme potencial na análise das pinturas e gravuras pré-coloniais.

1.2. O estudo das pinturas rupestres na Bahia

Em quase todo o território do estado da Bahia, é possível encontrar uma ampla concentração de vestígios rupestres, tanto em quantidade quanto em variedade. Áreas como a Chapada Diamantina, o Cerrado, o Vale do São Francisco e a Caatinga apresentam um grande acervo rupestre pré-colonial (ETCHEVARNE, *et al.*, 2011, p. 47).

¹⁷ A respeito dos quatro níveis de análise propostos para a pesquisa com arte rupestre, ver artigo de Anne-Marie Pessis: *Identificação e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil*. *Clio – Revista de Pesquisa Histórica, Série Arqueológica*, Recife: UFPE, n. 8, 1992.

Na Bahia, o interesse pelas representações rupestres remonta à época colonial. Etchevarne (1999-2000, *apud* COMERLATO, 2007) afirma ter encontrado, no Arquivo Histórico Ultramarino, um documento da época do Brasil Colônia que menciona locais com pinturas rupestres localizadas durante uma viagem realizada no interior do Estado. O documento nº 981, conhecido como Roteiro Cosmográfico, itinerante escrito por Manuel Álvares da Rocha, em 1758, aponta para a existência de representações rupestres na Serra do Monte Alto, região sudoeste da Bahia, que na época tinha como principal exploração mineral o salitre¹⁸ (ETCHEVARNE, 2007, p. 42).

Para Carlos Etchevarne:

Com estas simples descrições, o autor não deixa dúvidas de que os chamados “caracteres” são efetivamente pinturas rupestres e, ainda, as identifica como produção indígena. Por outro lado, essas legendas são elucidativas do papel referencial que lhes é outorgado. Ou seja, mesmo não sendo o objetivo da descrição, elas se tornam visíveis, identificáveis em um ambiente, a ponto de serem consideradas pistas a serem seguidas no itinerário de uma expedição na busca por salitre (ETCHEVARNE, 2007, p. 42).

O segundo registro na Bahia foi realizado pelos naturalistas Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, que fizeram uma viagem pelo interior do Brasil numa missão científica na primeira metade do século XIX, com passagem pelo Alto Sertão. Eles relataram ter encontrado pinturas rupestres nos arredores da Villa de Rio de Contas e Brumado, no local descrito como “Morro Redondo”, nas imediações da Villa Velha¹⁹ (ETCHEVARNE, 2007, p. 45).

Em trecho retirado da obra “Viagem pelo Brasil”, Carlos Etchevarne transcreve:

A proximidade da vila, sobre a chapa da montanha, aflora um xisto quartzítico duro, alvacento, muito quartzífero e semelhante ao grés. Sobre lajes nuas, mostraram-nos desenhos irregulares, parecendo sem significação, feitos com tinta vermelha pelos índios que moraram outrora aqui (ETCHEVARNE, 2007, p. 45).

¹⁸ A respeito da extração de salitre na região de Palmas de Monte Alto, nos tempos da Colônia, Vê o Capítulo: *Palmas de Monte Alto – Bahia: nota prévia sobre a arqueologia histórica do município*, no livro “*Territórios e Ambientes da Serra de Monte Alto*”, organizado pelo Prof. Joaquim Perfeito, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Edições UESB – 2012.

¹⁹ Villa Velha atual cidade de Livramento de Nossa Senhora, localizada no sopé da chapada, centro de produtos de subsistência da vila de Minas do Rio de Contas, sede da Comarca local no século XIX, quando da passagem dos naturalistas.

Seria esse “Morro Redondo” citado pelos naturalistas o Morro do Engenho? O objeto desta pesquisa é um grande *inselberg* de granito de forma arredondada. Sua localização dista aproximadamente uns 20 km da Villa Velha (atual Livramento de Nossa Senhora).

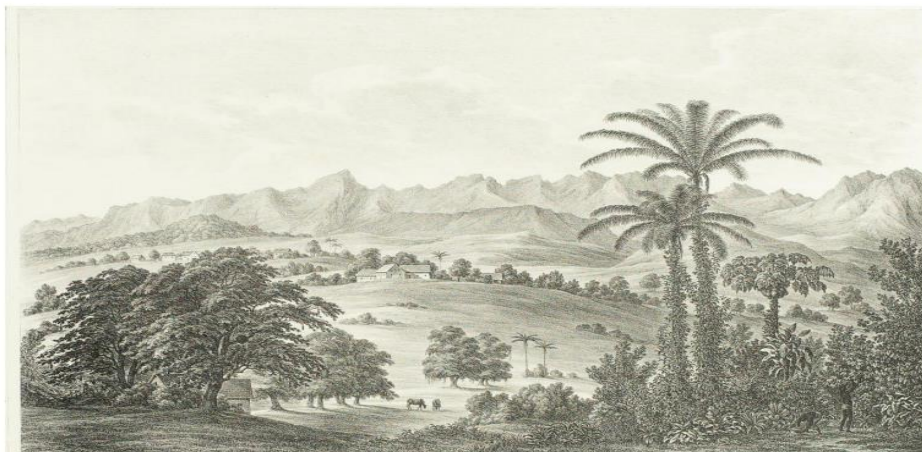


IMAGEM 03: Villa Velha, atual Livramento de Nossa Senhora, 1823. Fonte: Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Phillip Von Martius. <http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/von-martius/obra/4373>

Outro local citado por Spix e Martius, com representações pré-coloniais, é a Serra do Anastácio, na região de Monte Santo, a qual apresenta maiores detalhes do conjunto rupestre, tais como “séries de desenho primitivos, grosseiros e esquisitos” (*apud* COMERLATO, 2007, p. 1), mas sem qualquer explicação do que poderiam representar. Ambos buscam descrever os desenhos sem fazer uso de significados e procuram associá-los a grupos indígenas, produzindo na referida obra a primeira imagem da arte rupestre existente no território da Bahia (ETCHEVARNE, 2007, p. 45).

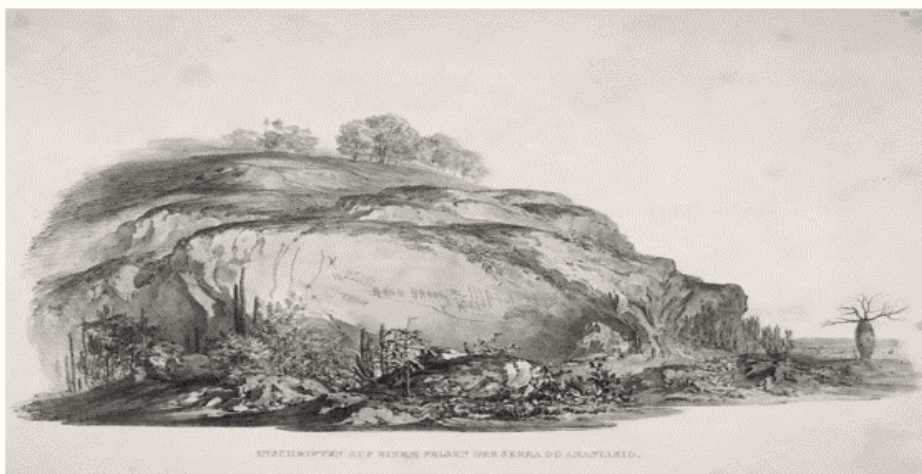


IMAGEM 04: Desenho das pinturas rupestres realizado por Von Martius em passagem pela Serra do Anastácio em Monte Santo, Bahia, no século XIX. Fonte: Etchevarne, 2007.

No final do século XIX, Durval Vieira de Aguiar, militar e escritor brasileiro, conhecido por sua obra *Descrições Práticas da Província da Bahia*, publicada em 1888, relata nessa obra a situação dos municípios baianos no final do Império e faz ligeiras referências a pinturas e gravuras no interior do Estado. O autor descreve o universo rupestre presente na fazenda Tamboril, região da Vila de Macaúbas (ETCHEVARNE, 2007, p. 48).

O engenheiro Teodoro Sampaio – citado nas pesquisas de Carlos Ott (OTT, 1958 *apud* COMERLATO, 2007) –, ainda no século XIX, afirma ter reconhecido desenhos encontrados no interior da Bahia. Engenheiro com conhecimento apurado nos campos da Geologia e Topografia, Sampaio apresenta uma nova visão na abordagem das pinturas rupestres. O pesquisador procurou apresentar dados descritivos sólidos, uso de terminologias precisas e uma ordem classificatória simples (ETCHEVARNE, 2007, p. 49).

É importante ressaltar que os trabalhos de Teodoro Sampaio, obras de cunho antropológico, foram reunidos no livro *Os Naturalistas e Viajantes dos séculos XVIII e XIX e a Etnografia Indígena*. Dentro desse volume, o primeiro e mais relevante no entendimento sobre a arte rupestre, está o texto *Inscrições Lapidares Indígenas no Valle do Paraguaçu*, apresentado no 5º Congresso de Geografia, realizado na capital baiana. Sobre essa produção pioneira, Etchevarne nos escreve:

[Teodoro Sampaio] deixa bem explícito seu propósito de “estudar e copiar tão escrupulosamente, como de rigor, em se tratando de documento dessa natureza”. Assim, se encaminha à região dos grandes morros, cabeços e serrotes graníticos, compreendidas nos atuais municípios de Santa Terezinha, Milagres, Itatim e Amargosa, onde visita os abrigos com pinturas. Desse modo, elaborou uma justificativa interpretativa (ETCHEVARNE, 2007, p. 50).

Em viagem pelo sertão baiano, entre 1879 e 1880, Teodoro Sampaio identificou sítios com representações rupestres, quando de passagem pela região de Minas de Rio de Contas. Em seu trabalho, citou ambientes pictóricos encontrados na Serra do Sincorá, território vizinho da área de estudo proposta nesta pesquisa. O trabalho realizado por Sampaio confirma o potencial arqueológico rupestre da região, que, há mais de duzentos anos, vem sendo citado por viajantes.

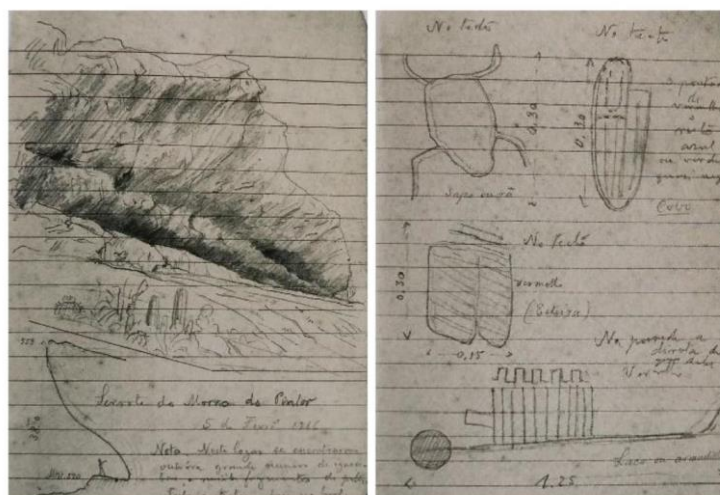


IMAGEM 05: Anotações de Caderneta de Campo, Teodoro Sampaio, produzido no final do século XIX.
Fonte: Etchevarne, 2007.

O Alemão Carlos Ott, radicado na Bahia, em suas publicações *Contribuição à Arqueologia baiana* (1944), *Vestígios de cultura indígena no sertão da Bahia* (1945) e *Pré-História da Bahia* (1958), demonstra – à luz da História, da Etnologia e da Arqueologia - o empenho na construção do processo de ocupação humana pré-colonial no Estado, à luz da História, da Etnologia e da Arqueologia. Ott examinou as figuras pintadas existentes em diversos ambientes do sertão baiano, as quais preocupou-se apenas em fotografar e divulgar (ETCHEVARNE, 2007, p. 51).

Nas palavras de Carlos Etchevarne:

[...] Disso resulta a opinião generalizadora de que, no estado da Bahia, as pinturas rupestres eram primitivas, produto do passatempo dos grupos indígenas que se protegiam nos abrigos e, assim, desprovidas de significados. [...] No registro escrito e de desenhos, observa-se que Ott efetua recortes por figuras separadas, talvez as que mais tenham chamado a sua atenção, e não considera o conjunto do painel, razão pela qual não tem como efetuar possíveis associações entre elas (ETCHEVARNE, 2007, p. 54-55).



IMAGEM 06: Imagens do sítio Buraco d'Água, registradas por Carlos Ott (1945), em Campo Formoso, Bahia. Fonte: OTT, 1945 *apud*, COSTA, 2005, p. 54.

Segundo Carlos Costa:

Embora os trabalhos de Sampaio e Ott sejam excelentes marcadores de um fazer embrionário da Arqueologia na Bahia e tenham contribuído com dados importantes sobre locais de ocupação passada, são pouco confiáveis para as interpretações arqueológicas, na medida em que se apoiam em especulações, às vezes baseadas em visões equivocadas e etnocêntricas (COSTA, 2012, p. 47).

As primeiras análises científicas das representações rupestres na Bahia aconteceram a partir da década de 1960, sendo que, para Carlos Costa (2005), Valentin Calderón foi o precursor em pesquisas nessa área. Calderón, atendo-se aos aspectos formais das figuras (como a técnica, os motivos, a cor e a esquematização) e examinando o estado de conservação e a existência de superposições, estabeleceu tradições e fases, procurando ordená-las cronologicamente (COSTA, 2005; ETCHEVARNE, 2007).

Representante do PRONAPA, Calderón teve seus trabalhos concentrados nas regiões do Médio São Francisco, Planalto Oeste e Chapada Diamantina. Nesses estudos, foram catalogados pelo pesquisador 50 sítios de arte rupestre no Estado, conforme dados do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia - MAE/UFBA. As duas tradições estabelecidas por Valentin Calderón para a pintura rupestre do Estado da Bahia foram a Simbolista e a Realista (Naturalista), as quais classificou em fases e subtradições. A Simbolista é formada pelas fases Manhaça, Mucugê, Sincorá; a Realista (Naturalista), pelas fases Irecê, Jaboticaba, Orobó, Itacira e Itiruçu (ETCHEVARNE, 2007, p. 59).

A relevância da contribuição desse autor é demonstrada por Carlos Costa:

[...] foi ele quem efetivamente assentou as bases para o desenvolvimento da arqueologia científica no estado; até hoje, quarenta anos depois, seus trabalhos são referências aos estudos das populações pré-coloniais do Nordeste. Muitas das classificações de tradições arqueológicas de cerâmica, de representação rupestre e de lítico devem-se aos estudos de Calderón; algumas, por exemplo, ainda são muito utilizadas, como a tradição lítica Itaparica e a tradição cerâmica Aratu. Na reserva técnica e arquivo do MAE a quantidade de documentos e materiais arqueológicos de seus trabalhos é imensa (COSTA, 2005, p. 55).

Durante a construção da Hidrelétrica de Sobradinho, na década de 1970, colocou-se em prática o Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, financiado pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) e realizado na área da cota de inundação do lago

da barragem de Sobradinho. Numa área de 300 km, foram identificados 28 sítios. Segundo Costa, embora o relatório da pesquisa leve o nome de Calderón, “as atividades de campo pouco tiveram a sua participação [...], a ele coube a coordenação distante”, de forma que as atividades de campo foram executadas por profissionais amadores, sem competência técnica (COSTA, 2005, p. 61).

Na pesquisa de Pedro Ignacio Schmitz²⁰, tem início o Projeto Serra Geral, a partir dos municípios de Correntina, Coribe e Santa Maria da Vitória, limítrofes ao Estado de Goiás. Estas cidades são alvos das campanhas de 1981 e 1983, cujos resultados estão publicados no livro “*Arte Rupestre no Centro do Brasil: pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia*” (SCHMITZ *et al*, 1984).

Nesta região, anteriormente visitada por Calderón, Schmitz descobriu alguns sítios com gravuras e outros com pinturas. As gravuras são do tipo simples, descritas como “sulcos isolados, polidos, estreitos e pouco profundos”, sendo geralmente encontradas em locais que revelaram outros traços de ocupação humana. (SCHMITZ, 1984, p. 29).

De acordo com Pedro Schmitz, as pinturas atenderiam a fins diversos, como:

[...] representações da realidade cotidiana... marcadores de lugar... marcar e delimitar o território de cada um dos grupos nômades... servir à competição e ao treinamento... rituais coletivos ou para meditação particular. O que é certo é que as pinturas e gravuras representam algo de muito importante para os seus criadores [...]. Nelas certamente está representada parte da sua história, da sua sociedade, da sua cultura. (SCHMITZ, 1984, p. 31-32).

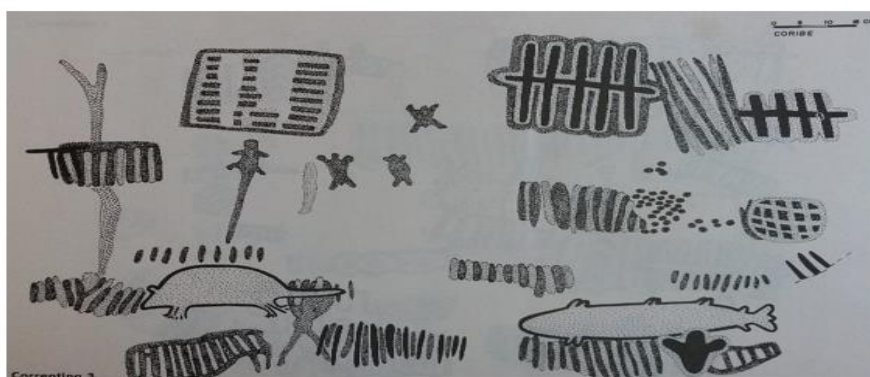


IMAGEM 07: Serra do Ramalho, Coribe: Pinturas da fase Manciaçu num grande abrigo calcário, representando geométricos em policromia (fechado: preto; pontilhado denso: marrom ou vermelho; pontilhado aberto: amarelo ou alaranjado). Fonte: Schmitz, 1984, p. 76.

²⁰ O Instituto Anchieta de Pesquisas situado em São Leopoldo (RS) vem desenvolvendo, nas décadas 1970 e 1980, pesquisa arqueológica no estado de Goiás a convite da Universidade Católica. A partir daí, Pedro Ignacio Schmitz participa da equipe do Programa Arqueológico de Goiás que visa obter dados comparáveis e complementares aos já conseguidos em outros estados no esforço de recompor as etapas de povoamento do Brasil até a chegada dos portugueses no século XVI.

Uma nova frente de pesquisa foi montada na década de 1980, coordenada por Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão. As pesquisas acerca das representações rupestres aconteceram na região de Central e seus trabalhos eram vinculadas ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Sobre os estudos de Beltrão, afirma Carlos Costa:

Seus estudos nos sítios rupestres têm associado os grafismos a eventos celestes (cometas, lua, sol e estrelas, identificando calendários lunares, etc.), vinculando-os tematicamente àquilo que chamou de “Tradição astronômica”, bem como associando a confecção de algumas pinturas ao uso de substâncias alucinógenas, mais especificamente àquelas que chamou de “Tradição geométrica” (COSTA, 2005, p. 66).

A partir de 1982, Beltrão desenvolve o Projeto Central, plano de pesquisa no sertão do estado da Bahia financiado parcialmente pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), concentrando esforços no estudo sistemático dessa região, que lhe ofereceu sinais de animais pleistocênicos. Segundo a autora, foram localizadas uma cartilagem fossilizada de gliptodonte na Toca do Aragão e uma cena de caça a um toxodonte pintada no Lajedão do Riacho Largo. Do Projeto Central, participaram professores, técnicos e estagiários do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membros de outras instituições nacionais e estrangeiras.

Com a chegada de Carlos Etchevarne na Universidade Federal da Bahia (UFBA), na década de 1990, novos estudos arqueológicos foram impulsionados no Estado. Assim, uma nova frente de trabalho foi construída logo que novos sítios de representações rupestres foram descobertos e catalogados.

No início do século XXI, a Arqueologia na Bahia ganhava novos contornos com a formação do Laboratório de Arqueologia da UFBA e com o Grupo de Pesquisa Bahia Arqueológica, liderado por Carlos Etchevarne. O estudo da arte rupestre foi intensificado e novos pesquisadores despontaram para o cenário estadual e nacional. Nesse contexto, foi concebido o mais completo e importante trabalho acerca da arte rupestre no Estado, expresso pela obra *Escrito na Pedra*, de autoria de Etchevarne e referência da temática no país.

Nesta conjuntura, diversos trabalhos acadêmicos nasceram e apresentaram resultados satisfatórios para o entendimento da arte rupestre na Bahia. Foram produzidos: o mestrado e o doutorado de Celito Kesting (2001-2007), nas regiões de Sento Sé e

Sobradinho, respectivamente; o doutoramento de Loredana Ribeiro (2006), na Serra do Ramalho, região sudoeste do Estado; o pós-doutoramento de Fabiana Comerlato (2006), a qual desenvolveu pesquisa em sítios de gravuras rupestres na Chapada Diamantina; o doutoramento de Carlos Costa (2012), que fez estudo acerca das pinturas rupestres do Piemonte da Chapada Diamantina, concentrando suas pesquisas na região de Jacobina.

As recentes pesquisas na Bahia apontam para a ideia de que os grupos responsáveis pelas confecções das pinturas e gravuras rupestres mantêm similaridade no que diz respeito às formas e contornos dos motivos representados, bem como nas escolhas dos suportes geológicos de aplicação das pinturas, uma vez que as características geofísicas dos suportes rochosos influenciaram na composição dos painéis e, conseqüentemente, na formação de unidades estilísticas que são reconhecíveis por todo o território. Essa hipótese sugere a ideia de trânsito cultural de grupos de diferentes etnicidades, que promoveram contatos e criaram uma multiplicidade em relação à arte rupestre no Estado (ETCHEVARNE *et al.*, 2011, p. 50-51).

Enfim, muito se sabe sobre a arte rupestre na Bahia. Vários trabalhos foram realizados nas últimas décadas, mas, como o território baiano é extenso e o número de projetos ainda é reduzido, é necessário maior investimento para que as pesquisas avancem também para outras áreas do Estado que ainda não foram alvos de pesquisas sistemáticas.

2. APORTES TEÓRICOS

Um dos focos desse trabalho é a análise da paisagem, entendida como portadora de historicidade a partir das marcas da presença humana no espaço. Em razão desse olhar, é necessário traçar um panorama histórico acerca das teorias arqueológicas que apresentam esta temática.

Para tanto, este capítulo inicia-se lançando mão de uma breve reflexão acerca do campo da “Arqueologia da Paisagem”, a fim de apresentar conceitos que nortearão o estudo. O objetivo principal do presente capítulo é fazer um apanhado histórico dos desdobramentos teóricos acerca da Arqueologia da Paisagem e sua influência na configuração teórica da disciplina, apresentando os principais marcos reflexivos e mostrando os modos pelos quais a relação entre o homem e o ambiente vem sendo encarada por diferentes perspectivas.

A região do Morro do Engenho, em Dom Basílio, Bahia, dispõe de uma faixa climática com condições hídricas e térmicas adequadas à ocupação humana. A partir do conhecimento das condições locais climáticas e paisagísticas (vegetal, animal e mineral), procura-se construir um estudo das interações entre elementos climatológicos e a ocupação humana, no intuito de destacar a paisagem atual do lugar.

2.1. Arqueologia da Paisagem

A paisagem é um tema que vem sendo motivo de discussão constantemente em vários campos do conhecimento científico. Descrever e investigar paisagens pretéritas são os objetivos mais comuns das pesquisas da Arqueologia, a ponto de se desenvolver nessa ciência outra nova especialidade: a Arqueologia da Paisagem. Pela copiosa produção que existe, muitos arqueólogos têm refletido sobre a ideia de paisagem e a diversidade conceitual das abordagens propostas.

A paisagem, como é evidente na literatura, passou por inúmeras ressignificações. O termo *paisagem*, vem se desenvolvendo ao longo do tempo, apresentando diversas definições e sendo objeto central de estudo em múltiplos campos do conhecimento científico, tais como as Ciências Naturais, Exatas e da Terra (CRIADO BOADO, 1993, p. 12).

É consenso entre os vários autores que dedicaram suas vidas ao estudo da paisagem que o termo possui múltiplos significados e interpretações, configurando-se como um

conceito difícil e polissêmico (VILLAESCUSA, 2006, p. 51). Isso significa dizer que, seja qual for a modalidade praticada, a Arqueologia possui na paisagem um elemento que, por sua grande atratividade, coloca-se como fundamental aos processos de entendimento da disciplina.

A paisagem é composta por elementos do presente e do passado, é dotada de aspectos naturais e culturais que se relacionam ao longo do tempo. É um tema que pode ser observado pelos aspectos perceptíveis do espaço geográfico, isto é, a forma como compreendemos o mundo. Na linguagem corrente, a paisagem alinha-se com o processo de antropização do espaço, o qual mede o impacto que a espécie humana provocou, ao longo do tempo, no meio ambiente (VILLAESCUSA, 2006, p. 29).

A Arqueologia da Paisagem, como é hoje conhecida, nasceu na década de 1960, de um encontro entre a Ecologia Cultural e a Geografia Humana. Teve, de um lado, o arqueólogo, preocupado em explicar as mudanças operadas pela ação do homem (dos grupos sociais) através da cultura material, e, de outro, o geógrafo, dedicado ao estudo da relação do homem com o seu meio físico.

O arqueólogo, pela própria natureza do campo de observação que lhe é específico, cabe voltar-se para o passado, a partir da análise da cultura material, em busca de informações e registros precisos e mais abundantes possível, capazes de conduzir a uma explicação das sociedades humanas nas suas múltiplas determinações e complexidades. Já ao geógrafo cabe observar e descrever o presente, a fim de detectar a ação do homem na ordenação do espaço que o envolve (o *habitat*).

Na Arqueologia, a noção de “paisagem” assume os aspectos relacionados às suas correntes teóricas, tendo como destaque a Arqueologia Histórico-Cultural, a Arqueologia Processual e a Arqueologia Pós-Processual.

A primeira corrente, a Histórico-Cultural²¹, entende a paisagem como um espaço geográfico que serviu para as populações demarcarem seu território. Essa divisão é utilizada na disciplina, pelo menos, desde o final do século XIX, quando teve seus primeiros trabalhos publicados, sobretudo com o expoente desta escola, Gordon Childe. A Arqueologia Histórico-Cultural se preocupa em quantificar e qualificar os vestígios arqueológicos de modo a responder questionamentos de ordenação da cultura material,

²¹ Para a compreensão dos aportes e pressupostos da Corrente Histórico-Cultural, já apresentada anteriormente, pode-se consultar a obra de Mathew Johnson (2000 e 2006), a de Bruce Trigger (2006 e 2004) e/ou tantas outras bibliografias em língua inglesa e espanhola.

essencialmente com aspectos evolucionistas e difusionistas, buscando a compreensão dos processos socioculturais e políticos.

A respeito desta ideia, Jorge Alarcão salienta que:

A Arqueologia Histórico-Cultural (...), parte, como, aliás, qualquer forma de arqueologia, dos vestígios materiais do passado: objetos e estruturas (de *habitat*, funerárias, rituais e outras). Pretende, antes de mais, determinar-lhes as funções; depois, classificá-los em tipologias, isto é, reduzir as diversidades dos objetos (ou das estruturas) à unidade de determinados modelos ou normas que os homens tinham em mente ao fabricarem os objetos ou ao construírem as estruturas. A classificação tipológica é, pois, um dos objetivos principais da Arqueologia Histórico-Culturalista, que logo se orienta para a procura de paralelos, isto é, de vestígios semelhantes. As semelhanças permitem, por um lado, definir culturas e, por outro lado, rastrear contactos e influências (ALARCÃO, 1996, p. 74).

Para complementar o que foi referendado acima, nos primeiros momentos da Arqueologia como prática científica, Vere Gordon Childe e seus companheiros já tentavam estudar o contexto espacial de um determinado sítio através da denominada “Arqueologia de Povoamento” ou *settlement archaeology*, cuja ideia central pode ser resumida como uma descrição física do cenário onde o homem se movimentava. A própria definição de “cultura”, de Gordon Childe, implica a existência de uma entidade no espaço e no tempo, já que espaço é um termo constante, apesar das diferentes denominações e ideias a ele relacionadas.

A Arqueologia Processual acolhe a definição de paisagem como algo além do território: um espaço que pode servir também para captação de recursos naturais em prol do desenvolvimento da população humana. O estudo do espaço como área de captação de recursos surgiu na década de 1960²², juntamente com a Arqueologia Processual, trazendo abordagens ecológicas e econômicas, com enfoques nas questões pertinentes ao espaço (COSTA, 2012, p. 72).

Por sua vez, acerca desta corrente, elucida Bruce Trigger:

A Arqueologia Processual, também conhecida como *New archaeology* ou Nova Arqueologia, é uma corrente teórica da Arqueologia formulada na década de 1960 pelo arqueólogo estadunidense Lewis Binford. Recebeu

²² O surgimento da Arqueologia Espacial se situa nos finais dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX, como resposta da Arqueologia Processual ao paradigma histórico cultural que imperava desde as origens da Arqueologia. Destacam-se nomes como L. Binford, L. White e D. Clarke, cuja aportação *Spatial Archaeology* (1977) será determinante de um novo arquétipo da prática arqueológica (VILLAESCUSA, 2006, p. 30).

influência do neo-evolucionismo, através dos antropólogos culturais Julian Steward e Leslie White. Escola de pensamento “Nova Arqueologia” / “Arqueologia Processual” (esta última expressão foi adotada na Inglaterra), que dominou, no aro anglo-americano, a investigação arqueológica durante os anos de 60 e 70. Destaca-se neste movimento: Sally e Lewis Binford (“*Archaeology as Anthropology*”, 1968); David Clarke (*Analytical Archaeology*, 1968); Colin Renfrew (*Before Civilization. The Radiocarbon Revolution and Prehistoric Europe*, 1973) (TRIGGER, 2004, p. 27).

Carlos Costa chama atenção para o avanço que a Arqueologia Processual alcançou a partir do desenvolvimento de métodos quantitativos: “na medida em que ampliou o olhar dirigido à escavação/sítio, comum à Arqueologia Histórico-Cultural, para o meio no qual estava inserido, relacionando-o com outros assentamentos”. Como resultado de progresso, desenvolveu um intenso processo de homogeneização do espaço responsável pela identificação de normas gerais do comportamento humano (COSTA, 2012, p. 72).

Segundo Villaescusa:

Influenciam a esta arqueologia processual diversas marcas epistemológicas: um neopositivismo confiado na construção de conhecimento científico apoiado no método hipotético-dedutivo; a Teoria Geral dos Sistemas que determinará a elaboração estatística e matemática do conhecimento arqueológico; e a Ecologia Cultural materialista imperante nos Estados Unidos desde os anos 1960” (VILLAESCUSA, 2006, p. 30).

A Arqueologia Processual partiria de uma concepção cartesiana do espaço como *res extensa*, analisando um mundo que existiria independentemente do homem que o habitou. Um mundo que pode ser descrito sem referência ao homem que o organizou, ou seja, espaço que não careceria do homem para existir (ALARCÃO, 1996, p. 26).

Entretanto, a Arqueologia da Paisagem iniciou-se com a Arqueologia Pós-Processual, uma resposta aos limites enfrentados pelo processualismo. O pós-processualismo se caracterizou por uma postura de desconfiança diante das pretensões de cientificidade exagerada da corrente anterior, pela contraposição aos modelos matemáticos e estatísticos nas Ciências Sociais e por uma maior ênfase nos aspectos simbólicos e cognitivos.

Em suma, Mathew Johnson apresenta:

A Arqueologia Pós-Processual, também referida como “arqueologia interpretativa” por seus adeptos, é um movimento na teoria arqueológica que enfatiza a subjetividade das interpretações arqueológicas. Apesar de

apresentar uma vaga coesão, o pós-processualismo consiste em “correntes de pensamento muito diversas amalgamadas em um conjunto tênue de tradições”. Existe dentro do movimento pós-processualista uma grande variedade de pontos de vista teóricos, incluindo o estruturalismo e o neo-marxismo, e uma diversidade de técnicas arqueológicas adotadas, tais como a fenomenologia (JOHNSON, 2007, p. 23).

O movimento do pós-processualismo surgiu no Reino Unido durante o fim da década de 1970 e início da década de 1980, encabeçado por arqueólogos como Ian Hodder, Daniel Miller, Christopher Tilley e Peter Ucko, que foram influenciados pela Antropologia marxista francesa, pelo pós-modernismo e por tendências similares à Antropologia Cultural (JOHNSON, 2007, p. 23).

Formada por uma complexa rede teórica, a Arqueologia Pós-Processual tem em sua formulação elementos epistemológicos e filosóficos, que vão desde o idealismo histórico, passando pela fenomenologia filosófica até o estruturalismo antropológico. Sendo assim, estes campos de conhecimento foram importantes influências que, em certa medida, proporcionaram novos postulados para a teoria e a prática arqueológica (COSTA, 2012, p. 72).

Segundo Carlos Costa, o pós-processualismo tem as seguintes características:

[...] vertentes arqueológicas cada vez mais direcionadas à apreensão de situações sociais específicas, de ordem cultural, opondo-se ao paradigma anterior, processual, que conduzia suas teorias e metodologias à observação das situações materiais gerais, excluindo os indivíduos em nome do amplo entendimento economicista dos contextos. Assim, são criadas variedades arqueológicas fortemente embasadas em teorias sociais modernas, com o fim de dar conta das especificidades das diferentes realidades arqueológicas e sociais, a exemplo da arqueologia da globalização, arqueologia de gênero, arqueologia da diáspora africana, arqueologia da repressão, arqueologia indígena, arqueologia pública e, no caso aqui abordado, a arqueologia da paisagem. Isto é, no âmbito da arqueologia pós-processual, a arqueologia da paisagem emerge como uma proposta teórico-metodológica alternativa à ecologia cultural para a interpretação das relações de grupos sociais específicos com o meio (COSTA, 2012, p. 73).

De modo geral, a Arqueologia da Paisagem pode ser dividida em duas grandes tradições, principalmente se levarmos em conta a França e a Inglaterra, países nos quais ela se desenvolveu. No entanto, na Espanha, nas últimas décadas, os estudos sobre este tema vêm ganhando destaque, sendo o maior representante desta corrente Felipe Criado Boado (1999), vinculado ao Laboratório de Arqueologia da Paisagem da Universidade de

Santiago de Compostela e diretor de trabalhos que estabelece relações entre arqueologia e paisagem e a gestão preventiva do patrimônio (VILLAESCUSA, 2006, p. 31).

Um dos primeiros a utilizar a expressão Arqueologia da Paisagem foi R. Chevallier, latinista de formação que, em um congresso no ano de 1977, surgiu com uma nova forma de abordar o espaço rural como alternativa para a Antiguidade Clássica da Geografia Histórica. As primeiras análises sobre paisagens antigas utilizando o termo *landscapes* foi levado a cabo por J. Binford em 1957 (*Ancient landscapes Studies in Field Archaeology*) (VILLAESCUSA, 2006, p. 32).

Após a influência de R. Chavallier, outros investigadores franceses - especialmente a chamada Escola de Besançon, uma equipe do *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) formada fundamentalmente por G. Chouquer, F. Favory e M. Clavel-Lévêque - sistematizaram o método de análise e o estudo das formas da paisagem chamado de Arqueomorfologia. Ambas tendências procedem da Filologia clássica ou da História Antiga. Foi assim até 1982, quando dois arqueólogos, E. Zadora-Rio e A. Ferdière (1986), organizaram um congresso e chamaram a atenção sobre a arqueologia *hors-site*, externa em assentamento, e as prospecções de uma clara influência da Arqueologia Espacial anglo-saxã (VILLAESCUSA, 2006, p. 32).

A história da Arqueologia da Paisagem, de origem anglo-saxônica, começa com o aparecimento da Arqueologia Espacial, no final da década de 1960, em resposta ao histórico-culturalismo, tendo como destaque nomes como os de Binford, Leslie White e D. Clarke. O processualismo foi extremamente influenciado pela onda neopositivista que impregnou-se em muitos dos campos científicos daquela época, além da teoria geral dos sistemas, desenvolvida nas áreas exatas e principalmente pela Ecologia Cultural de Steward. A aplicação dos princípios da Ecologia Cultural na Arqueologia teve como resultado uma prática arqueológica, por meio da qual se procurava estabelecer as relações das sociedades do passado com o ambiente, analisando-se os padrões de assentamento humano, como visto anteriormente (VILLAESCUSA, 2006, p. 30).

O aparato metodológico para o estudo e pesquisa em Arqueologia da Paisagem leva em consideração que a paisagem, como todo produto humano, é a objetivação de uma intenção, sentido e racionalidade prévia, que se atualizam em elementos formais e que, como tais devem representar de algum modo os contornos daquela racionalidade. Podemos, então, tentar desenvolver uma descrição da paisagem que desconstrua esta e permita chegar aos elementos e relações formais que a constituem. Este sentido deveria ser

obtido das próprias formas e relações, imposto pelo peso da própria materialidade (CRIADO BOADO, 1997, p. 9).

Felipe Criado Boado propõe uma metodologia possível a partir dos postulados desenvolvidos pela Arqueologia da Paisagem, registro arqueológico que, por sua vez, é definidor e caracterizador de diferentes contextos, inclusive da matriz espacial, simultaneamente transformadora do espaço em objeto de investigação arqueológica (CRIADO BOADO, 1997, p. 6).

Neste sentido, a reconstrução das paisagens arqueológicas utiliza-se da noção de “visibilidade”, considerada como forma de exibir e destacar os produtos da cultura material que refletem a existência de um grupo social. Assim, podemos definir as condições de visibilidade do registro arqueológico, ou seja, quais os elementos se destacam visualmente, a que estratégias específicas de visualização correspondem e qual é a intenção que permeia (CRIADO BOADO, 1991, p. 23).

A visibilidade é matéria central na caracterização dos elementos que compõem o registro arqueológico e tenta definir a atitude cultural do espaço através da forma como se visualizam os efeitos e produtos da ação social.

[...] partimos da base de que as condições de visibilidade (espacial e temporal) dos elementos do registro arqueológico estão determinadas por uma vontade de visualização que, por sua parte, é compatível com as estratégias sociais de reconstrução da paisagem (...). O pressuposto no qual radica esta hipótese é que a visibilidade é, de fato, o resultado ou objetivação da concepção espacial subjacente ao registro arqueológico” (CRIADO BOADO, 1993, p. 33).

Para este trabalho, utilizamos como parâmetro de análise da paisagem o Método de Análise Formal ou Morfológico, que valer-se de procedimentos de análise das condições de visualização. Trata-se do estudo da visibilidade ou a forma como um elemento arqueológico é visto, a partir da observação panorâmica dele que se domina e da intervisibilidade²³ ou relação visual entre o testemunho arqueológico e outros, arqueológico ou não. Nessa etapa, mapas de *visibilidade e intervisibilidade*²⁴ poderão ser criados (CRIADO BOADO, 1997, 1999).

Frente a essa pequena discussão, acredita-se que a Arqueologia da Paisagem é uma ferramenta poderosa no estudo dos vestígios materiais dos povos do passado e a relação

²³ Morláns (2009) define intervisibilidade como a visibilidade recíproca entre pontos determinados.

²⁴ Embora os conceitos de visibilidade e intervisibilidade sejam diferentes na aceção das palavras, em trabalhos técnicos e estudos que envolvem a temática da visibilidade do território nota-se que são considerados sinônimos e/ou complementares.

dos mesmos com os seus lugares e territórios ocupados, sendo cada vez mais utilizada nas investigações arqueológicas, sobretudo nos estudos de sítios rupestres, cuja relação dos vestígios culturais com o meio natural é *sine qua non*.

2.2. A Paisagem natural do Morro do Engenho

O Morro do Engenho é um *inselberg*²⁵ de granito com elevações de 700 m em relação ao nível do mar e estende-se à margem esquerda do Rio Brumado, tributário do Rio de Contas, principal curso d'água da região. Além das formações graníticas, outro atributo marcante são as enormes formações rochosas cársticas entremeadas por todo o morro, formando um emaranhado de grutas, locas e paredões nos diversos afloramentos rochosos da paisagem.

Inserido no Vale do Brumado²⁶, o Morro do Engenho faz parte da Serra do Meio, contexto geológico presente nos territórios das cidades de Dom Basílio e Livramento de Nossa Senhora. Esta, por sua vez, faz parte da grande depressão geográfica “Serra Geral”, que se estende do sudoeste baiano ao norte de Minas Gerais. Desta feição rochosa, avista-se, de forma panorâmica, a Borda Sul da Chapada Diamantina, que ao norte é formada pela Serra das Almas e ao noroeste pela Serra do Rio de Contas.

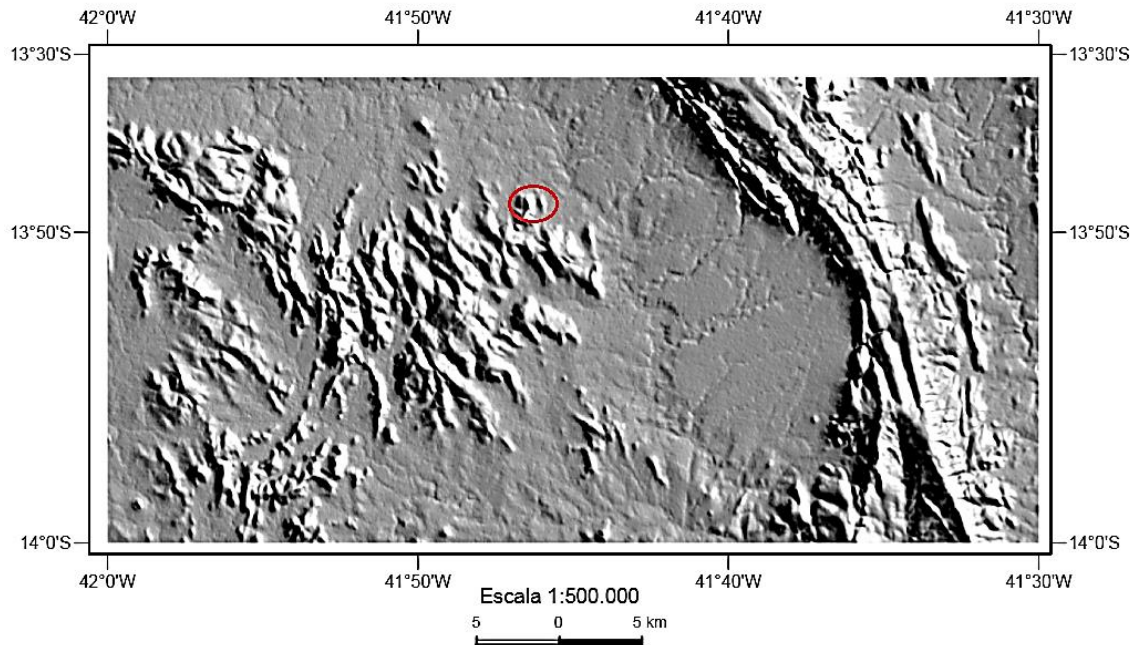
O nome Morro do Engenho advém dos tempos coloniais, uma vez que havia nas proximidades do sítio arqueológico uma fazenda que cultivava cana de açúcar e, por conseguinte, construiu-se um engenho. Nesse período, além das instalações técnicas, a fazenda era formada também pela área destinada ao gado, ao cultivo de alimentos e à mata virgem. O espaço físico da fazenda completava-se com a área social, formada pela residência oficial e pelas estruturas de subsistências, como a casa de farinha e o engenho (CAIRES, 2018, p. 65).

Atualmente, o local é composto, em parte, por pasto sujo destinado à criação de gado, e uma área reservada aos cultivos de manga e maracujá. Das antigas estruturas

²⁵ São formas de relevo isoladas sobre pediplanos. De acordo com o A. C. I. (1962) *apud* Bigarella, *et al* (1994) constitui-se uma colina (ou montanha) de vertentes íngremes, elevando-se abruptamente de terrenos planos. As formas residuais geralmente são rochosas e desprovidas de manto de alteração. Suas dimensões são variáveis (pequenas ou grandes). São rodeados por superfície de erosão mais baixas, podendo ocorrer como uma colina isolada ou num grupo residual de colinas (JATOBÁ; LINS, 2008, p. 106).

²⁶ Região formada pelos municípios de Dom Basílio, Livramento de Nossa Senhora, e Brumado, que está localizada no sudoeste baiano, em um espaço conhecido como “Sertão Produtivo”: área política da Bahia que corresponde os seguintes municípios: Brumado, Caculé, Caetitê, Candiba, Contendas do Sincorá, Dom Basílio, Guanambi, Ibiassucê, Ituaçu, Iuiú, Lagoa Real, Livramento de Nossa Senhora, Malhada de Pedras, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Rio do Antônio, Sebastião Laranjeiras, Urandi e Tanhaçu.

existentes na fazenda pouco restou, a não ser os escombros da residência do antigo proprietário, que por significativa parte do ano fica submersa no leito de um barramento construído para acumular água das chuvas.



MAPA 03: Imagem aérea do vale do Brumado, modelo digital do terreno, em destaque no círculo vermelho o Morro do Engenho, em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Carta Geológica: Folha SD. 24-V-C-IV Rio De Contas, Escala 1:100.000 – CPRM – 2013.



IMAGEM 08: *Inselberg* de Granito, Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Foto: Róbson Caires.

2.2.1. O Clima

Entende-se por clima os diversos fenômenos climáticos que ocorrem na atmosfera de um planeta²⁷. Na Terra, eventos comuns são ventos, tempestades, chuvas e neves, os quais ocorrem na troposfera, a parte mais baixa da atmosfera. O clima é guiado pela energia do Sol, sendo que os fatores-chave são temperatura, umidade, pressão atmosférica, nuvens e velocidade do vento (GEOGRAFIA DO BRASIL, 2007; OLIVER, 2005; AB’SABER, 2003).

Cada ambiente terrestre dispõe de processos climáticos distintos e neste mosaico climatológico o homem é o agente, que, em princípio, está teoricamente apto a intervir no ambiente. As alterações climáticas e os problemas que elas projetam são resultantes, principalmente, das atividades humanas.

Para Davi Cunha e Francisco Vecchia:

O entendimento do papel do clima na organização do espaço geográfico de uma dada região ou parte do globo, parte-se do princípio de que ele é um elemento de seu sistema natural, o ambiente, e que disponibiliza seus recursos à sociedade. O clima vem assumindo um posto de destaque nas últimas décadas, sobretudo com a crescente preocupação com a degradação ambiental e com a contínua depleção dos recursos naturais, sendo considerado elemento-chave capaz de direcionar as ações do homem, que é o agente, em princípio, teoricamente apto a intervir no ambiente. Neste sentido, o clima é um dos aspectos que expressa a relação entre a sociedade e a organização econômica e social do espaço urbano, já que, por um lado, eventos extremos que sejam ligados a temperatura ou precipitações fora dos padrões normais repercutem na qualidade de vida da população que habita as grandes cidades ou zonas adjacentes [...] (CUNHA & VECCHIA, 2011).

A região do Morro do Engenho, inserida no Vale do Brumado, apresenta um clima característico da região Nordeste do Brasil, ou seja, semiárido, mas com oscilações em algumas partes do ano. O clima predominante é conhecido como clima de estepe local, baseado nas características comuns do tipo semiárido regional. É marcado por um clima tropical possuidor de duas estações bem definidas: verão, quente e úmido; inverno, frio e seco. É relevante salientar que o Vale do Brumado está incluído na região conhecida como

²⁷ Segundo Oliver na “*The Encyclopedia of World Climatology*” (2005), clima é definido pelo conjunto de fenômenos meteorológicos como a chuva, a temperatura, a pressão atmosférica, a umidade do ar e os ventos que caracterizam uma região. O clima de um local só é definido após vários anos de observação.

polígono das secas²⁸, com temperaturas anuais médias de 21° C, máximas de 45° C e mínimas de 16° C.

De acordo com os pesquisadores Davi Cunha e Francisco Vecchia:

O clima semiárido corresponde a um dos tipos de clima que apresenta longos períodos de estiagem (seca), altas temperaturas (média anual 27°C), onde as chuvas são escassas e mal distribuídas. Dentre suas principais características destacam-se: baixa umidade, altas temperaturas, baixo índice pluviométrico, chuvas irregulares e escassas, pouca variação de temperatura (amplitude térmica) e também solo pobre em nutrientes (CUNHA & VECCHIA, 2011, p. 141).

No Brasil, o clima semiárido²⁹ ou tropical semiárido é encontrado na região brasileira denominada de “polígono das secas”. Abrange cerca de 11% do território localizado nos Estados da região Nordeste: Bahia, Ceará, Alagoas, Piauí, Sergipe, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba; e ainda o norte de Minas Gerais (NOBRE & MELO, 2015; SOUZA, 1998).

A pluviosidade anual do Vale do Brumado, região onde está localizado o Morro do Engenho, oscila entre a mínima de 279 mm (nos meses de maio e setembro), média de 713 mm e máxima de 1.532 mm (entre novembro e fevereiro). De março a abril, a precipitação reduz-se de 94 mm para 45 mm e, em maio, encerrando as chuvas de verão, a precipitação média não ultrapassa 13 mm/mês (IBGE, 2020).

O espaço em estudo sofre com longos períodos de seca, sendo que a temporada de estiagem, que nos últimos dez anos vem se intensificando, prolonga-se nos meses de agosto a novembro. Esta realidade decorre de um novo desenho pluviométrico regional, caracterizado por uma diminuição e maior irregularidades das chuvas, de modo que o Morro do Engenho não chega a ser necessariamente um deserto, pelo decréscimo da precipitação pluviométrica ou pela concentração em períodos muito curtos.

2.2.2. Hidrografia

²⁸ O Polígono das Secas foi delimitado, através da Lei nº 175, de janeiro de 1936, tendo o seu traçado complementado pelo Decreto-Lei nº 9.857, de 13 de setembro de 1946, e abrange 1.133 municípios. Os primeiros estudos e pesquisas sobre a seca no Nordeste têm seus primeiros registros no século XVI. Contudo, só no século XIX, no Império do grande mecenas D. Pedro II, que os estudos sistemáticos sobre a temática em questão foram intensificados com a intenção de amenizar as secas no sertão.

²⁹ Segundo Ab’Sáber (2003), o clima da caatinga é o tropical semiárido, com médias de temperaturas anuais elevadas, geralmente superiores a 25°C, em alguns lugares superiores a 32°C, e por chuvas escassas e irregulares com longos períodos de seca.

A hidrografia de um lugar desempenha papel fundamental na manutenção da vida naquele ambiente e de seus nichos ecológicos, uma vez que é responsável pelo abastecimento de água e, conseqüentemente, pela possibilidade de sobrevivência de uma parcela significativa de seres vivos, que atuam em parceria constante para a dinâmica local e regional. Os rios são fontes de um dos recursos naturais indispensáveis aos seres vivos: a água, além de possuir grande importância cultural, social, econômica e histórica, visto que, em boa parte das grandes civilizações, estes espaços desenvolveram papel chave. Quando se trata de seres humanos, os rios, riachos, lagoas, lagunas e olhos d'água permitem o estabelecimento ou passagem de grupos, atuando como área de suporte à sobrevivência.

Acerca dessa discussão, Odum, discutindo a relação de nichos ecológicos e permanência da vida, considera que:

A água, bem como todos os elementos relacionados a ela permite não apenas a sobrevivência da vida, ela atua também como meio de manutenção e sobrevivência do próprio planeta. Milhares de espécies da flora, fauna e micro-organismos, bem como é inclusive a espécie humana, consomem água de rio se outras fontes, que precisam ter uma qualidade adequada para os diversos usos. É baseado nessa necessidade básica e elementar que a vida pode se manter e se desenvolver em todas as esferas possíveis (ODUM, 2004).

No Município de Dom Basílio, dentre os vários recursos para a manutenção da vida, encontramos rios intermitentes³⁰, riachos perenes e lagoas que atuam como suporte para a manutenção do seus ciclos e nichos ecológicos. O principal curso d'água desta região de influência direta com a área da pesquisa, o Morro do Engenho, é o Rio Brumado, tributário do Rio das Contas. Sua nascente está localizada no Município de Rio de Contas, na comunidade de Queiróz no sopé da Serra das Almas, região com as maiores altitudes da Bahia.

A rede hidrográfica formadora da bacia do Rio Brumado é composta pelos Rios Taquary e Paulo, ambos nascidos na Serra das Almas e de grande importância no abastecimento regional. Os rios formadores da bacia hidrográfica do Brumado são divididos em duas áreas: as terras altas, seguindo em seu trajeto vários cursos

³⁰ Segundo o Dicionário Livre de Geociências (online), os rios temporários também chamados de intermitentes, são rio formados durante períodos com altos índices de chuva. Podem surgir inclusive, nos momentos das cheiras dos rios. Surgem de forma mais natural durante o inverno na maioria das regiões áridas e mediterrâneas compostas no planeta Terra. Neste sentido, durante os períodos quentes, podem sumir do ambiente.

encachoeirados que chegam a 350m de desnível, e as terras baixas, formadoras de uma enorme área planificada com grande potencial de irrigação.

O Morro do Engenho localiza-se à margem esquerda do Rio Brumado. No raio deste perímetro, encontram-se diversos afloramentos, lajedos de granitos, e a comunidade mais próxima é a Fazendinha. Entre uma extremidade e outra, a distância em linha reta é de aproximadamente 3 km. Do Morro, descem riachos que desembocam no rio Brumado, sendo os principais chamados de Aroeira e Pedra. Estes cursos d'água, de caráter temporário, são caminhos e acessos pela caatinga densa, formadora da planície do Brumado. No relevo circundante do Morro do Engenho, encontramos lagos naturais que acumulam água, decorrente de épocas da chuva, durante 2 a 4 meses.



IMAGEM 09: 1 -Riacho temporário localizado no arredores do Morro do Engenho; 2 - Rio Brumado, em época de cheias, no local chamado Tapagem, Dom Basílio, Bahia, Brasil.

Fotos: Róbson Caires.

Uma outra forma de acesso ao recurso hídrico na área semiárida são os caldeirões, formados pelas reentrâncias naturais das rochas, são intensamente utilizados pelo sertanejo nos períodos de estiagem. O Morro do Engenho, nas proximidades da unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho, conta com um caldeirão que acumula água da chuva, e o local, pela proteção vegetal e formação rochosa, dispõe desse recurso o ano todo. Não se tem uma ideia da profundidade da cavidade rochosa, sendo sua entrada com diâmetro de 80 cm, formada por uma série de galerias.

2.2.3. Contexto geológico

No que se refere à geologia da área em estudo, trata-se de um espaço formado por rochas em forma de arco, com predominância de granito, que foram formadas num tempo relacionado à fase paleoproterozóica³¹, onde as rochas mais antigas fazem parte do alicerce arqueano e sequências supracrustais, formadores do complexo Brumado (CRUZ *et al.*, 2011).

O Morro do Engenho localiza-se em uma Unidade Litoestratigráfica Paleoproterozóica, formação Orosiano em Suite Pé de Morro (PP3 pm) formada por biotita granito, alcalino, cinza claro, bastante quartzoso e granulação média a grossa. Apresenta textura isotrópica e localmente com estrutura de fluxo magmático (1.968+ ou – 35 Ma U-Pb) (CARTA GEOLÓGICA³²: FOLHA SD. 24-V-C-IV RIO DE CONTAS, ESCALA 1:100.000 – CPRM – 2013).

As unidades de solos encontradas no Vale do Brumado são predominantemente do tipo latossolo, coluvial e aluvial. Os latossolos são solos altamente evoluídos, laterizados, ricos em argilominerais e oxi-hidróxidos de ferro e alumínio. Estes solos são principalmente localizados em áreas mais elevadas das depressões interplanálticas e que representam remanescentes do que tem sido chamado de “superfície velha do sertão” que não sofreu pediplanação completa (SAMPAIO, 2013, p. 158).

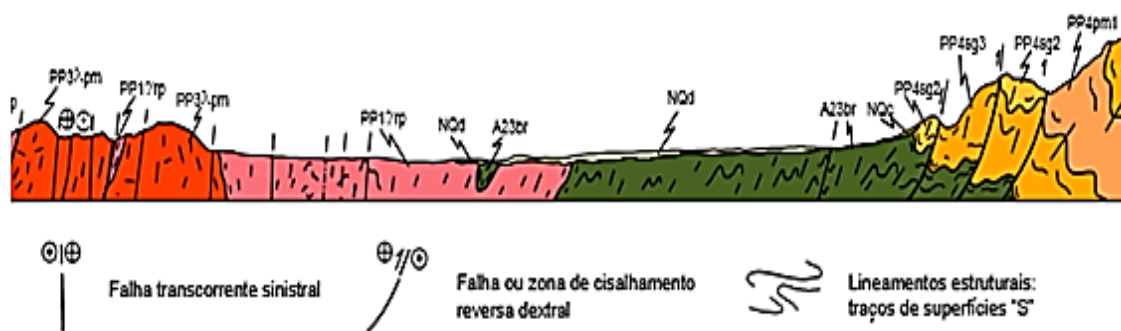


IMAGEM 10: Seção Geológica Vale do Brumado. *Apud*: Carta Geológica: Folha SD. 24-V-C-IV Rio De Contas, Escala 1:100.000 – CPRM – 2013.

O relevo do entorno do Morro do Engenho (área do sítio arqueológico) é planificado, com um leve declive no sentido leste, em função do curso do Rio Brumado. A superfície do terreno é formada por dois contextos. Nas proximidades da parede do morro,

³¹ Um período com significativa produção de rochas metamórficas e granitóides associados. JOHILDO S. F. BARBOSA & PIERRE SABATÉ. Revista Brasileira de Geociências. 2003, p. 7.

³² <http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/17315>

há uma grande concentração de areia, formada pelo desgaste natural do granito, e uma área com cascalheira, formada em sua maior parte por seixos de quartzo.



IMAGEM 11: 1- Solo com riqueza de seixo, matéria prima para indústria lítica. 2 – Estrada de acesso ao sítio arqueológico, nela podemos observar uma camada densa de areia proveniente do desgaste natural do granito, matéria base do Morro. Entorno do Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.

Fotos: Róbson Caires.

2. 2. 4. Os domínios vegetais do Vale do Brumado.

A vegetação predominante no Vale do Brumado é a Caatinga³³, formada por plantas que nos meses mais secos perdem suas folhas. Este bioma apresenta-se de duas maneiras: em sua forma hiperxerófila (nos cumes e paredões das serras) e como vegetação lenhosa, com plantas espinhentas e cactos (nas terras baixas). Nas partes mais altas, são encontradas plantas de pequeno porte, adaptadas a pouca quantidade de água.

A vegetação da Caatinga é adaptada para suportar a falta de água e tanto árvores quanto os arbustos, em geral, sequer atingem quatro metros de altura. Existem basicamente três tipos fisionômicos de Caatinga: arbórea, arbustiva e herbácea. Ana Maria Giulietti, ao discutir a flora do semiárido e as expressivas mudanças globais que vem afetando também essa vegetação, afirma:

A vegetação é formada por três estratos: o arbóreo, com árvores de 8 a 12 metros de altura; o arbustivo, com vegetação de 2 a 5 metros de altura; e

³³Palavra originário do Tupi-Guarani, que significa “mata branca”, é o único sistema ambiental exclusivamente brasileiro. Possui extensão territorial de 734,478 km², correspondendo a cerca de 10% do território nacional.

o herbáceo, abaixo de 2 metros. Entre as espécies mais comuns estão a amburana, o umbuzeiro, e o mandacaru. Algumas destas plantas podem produzir cera, fibra, óleo vegetal e, principalmente, frutas e são ricamente utilizadas pelas populações sertanejas que vivem neste bioma (GIULIETTI, 2014, p. 53).

O tipo de camada vegetal predominante na parte circundante do Morro do Engenho é a Caatinga arbórea, com uma grande variedade de espécies, tais como jurema, juazeiro, umbuzeiro, mandacaru, etc. Com relação à parte rochosa (paredes e cume), o que observamos é um mistura entre Caatinga herbácea e arbustiva, destacando-se espécies, como macambira, jurema e ouricuri, dentre outras.

Na Caatinga, a diversidade de espécies é menor comparado a outros biomas brasileiros como a Mata Atlântica e a Amazônia. Entretanto, estudos recentes revelam um alto número de espécies endêmicas, isto é, espécies que ocorrem apenas em naquela região.

A vegetação caracteriza-se por arbustos tortuosos, com aspecto seco e esbranquiçado por quase todo o ano, mas que sofrem uma ligeira transformação em tempos de chuva, quando rapidamente apresentam folhas verdes e as plantas ganham coloração esverdeada em diferentes tonalidades. Espinhos estão presentes em muitas espécies vegetais de diferentes tamanhos e em diferentes altitudes e locais (GIULIETTI, 2014, p. 55).

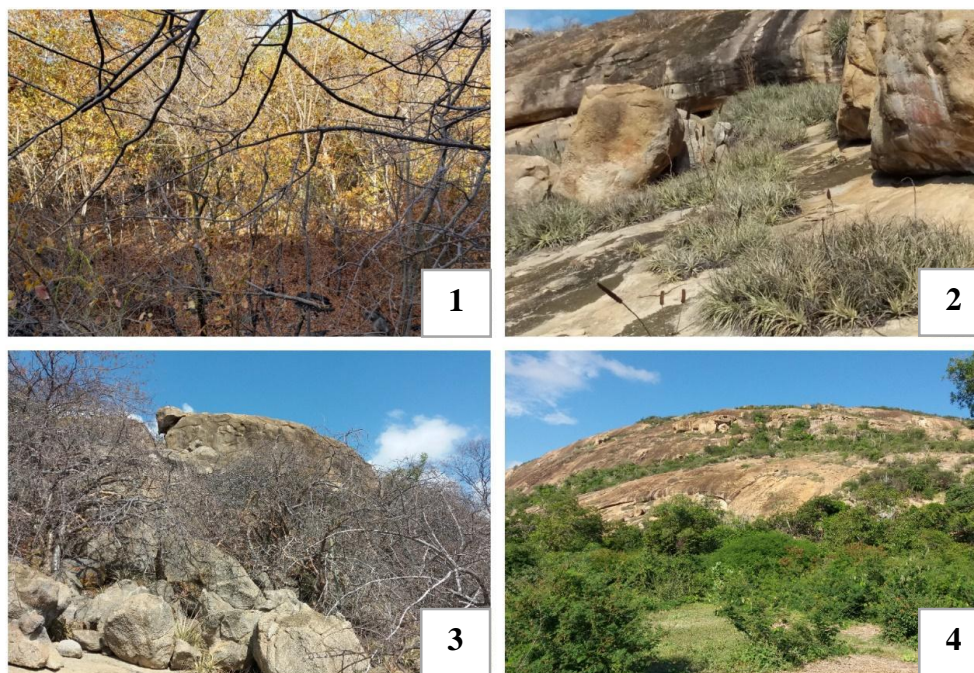


IMAGEM 12: Exemplares de plantas existentes no Morro do Engenho e seu entorno, Dom Basílio, Bahia, Brasil. 1 – cobertura vegetal nos meses de estiagem; 2 – vegetação rasteira formadora do piso granítico do morro; 3 – árvores secas no entorno da Loca dos Tapuias, e 4 – camada vegetal após o período de chuva. Fotos: Róbson Caires.

Por falta de estudo que apresente um mapeamento fitogeográfico para a área da pesquisa, este tópico ficará preso a poucos e restritos dados que dizem respeito à temática aqui trabalhada. De certo modo, é o que se tem a dizer em relação a uma pesquisa realizada numa área em que as formações vegetais encontradas foram muito afetadas pelas atividades econômicas desenvolvidas nas últimas décadas. É importante ressaltar que, com a chegada do DNOCS³⁴, no início dos anos de 1980, aconteceu um avanço da fruticultura, uma vez que houve a implantação do Perímetro Irrigado do Brumado³⁵, pelo frutífero que é consequência direta no desaparecimento da camada vegetal original.

Na área direta do sítio arqueológico Morro do Engenho, sua camada vegetacional vem diminuindo de forma significativa na última década, pois os proprietários têm intensificado o desmatamento em função da utilização do solo na agricultura e pecuária. As queimadas e a falta de proteção natural têm acelerado o processo de deterioração dos sítios rupestres existentes no local.

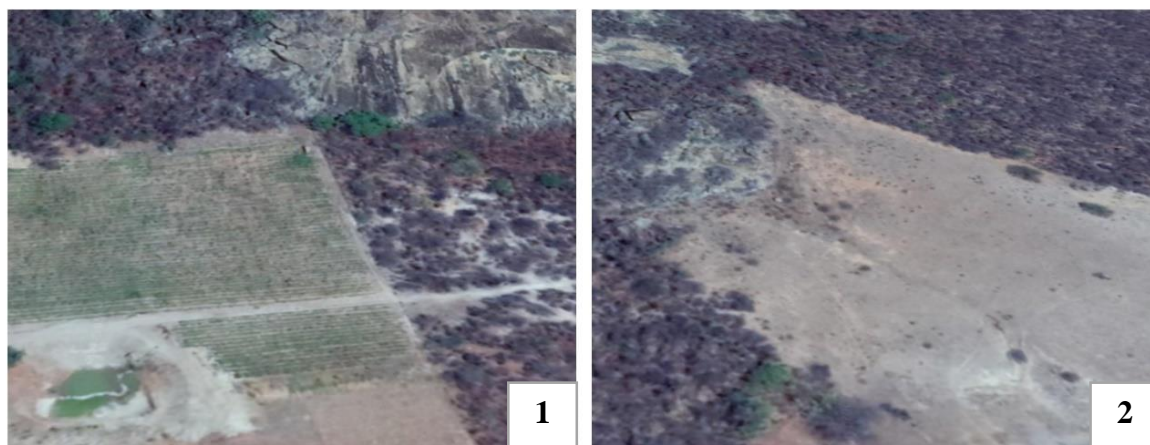


IMAGEM 13: 1- área com desmatamento destinado a plantação de Manga e Maracujá; 2 – área com desmatamento destinada a criação de gado, Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia.

Fonte: Google Earth.

2.2.5. Fauna e diversidade de espécies

³⁴ O Departamento Nacional de Obras Contra as Secas- DNOCS, foi criado em 21 de outubro de 1909 sob o nome de Inspetoria de Obras Contra as Secas IOCS. Em 1919 passou a denominar-se Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas- IFOCS, recebendo o nome atual em 1945. Sua atuação abrange todos os estados do Nordeste e o norte de Minas Gerais (DNOCS, 2019).

³⁵ O Perímetro Irrigado Brumado está localizado na zona sudoeste da Bahia, nos municípios de Livramento de Nossa Senhora e Dom Basílio, região Sudoeste da Bahia, distando 708 Km de Salvador, capital do Estado. Projeto iniciado na segunda metade da década de 1970, mas que somente seria concluído em 1986, quando os primeiros irrigantes foram assentados. Com uma área inicial de 5.153 hectares, o projeto de irrigação foi dividido em três blocos: I (858 ha), II (1.853 ha), III (2.442 ha). (SAMPAIO, 2013, p. 157).

Denomina-se fauna o conjunto de animais de determinada região. Esses animais estão adaptados às condições climáticas do local onde habitam. No bioma Caatinga, sabemos que há uma rica variedade de animais, representados por uma diversidade de espécies.

Adrian Gardã, discutindo a diversidade da fauna no bioma Caatinga, afirma que:

Esta variedade faunística com aspetos particulares representa boa parte da realidade característica do bioma Caatinga, merecendo destaque para os grupos compostos por répteis (principalmente lagartos e cobras), roedores, insetos, aracnídeos, cachorro-do-mato, arrara azul, (ameaçada de extinção), sapo-cururu, assa-branca, cutia, gambá, preá, veado-catingueiro, tatupeba, entre outros animais. Alguns dos quais já ou em processo de extinção [...] (GARDÃ, 2013, p. 72).

Por exemplo, são cerca de 45 espécies diferentes de serpentes, 44 espécies de anuros (sapos e rãs), 47 de lagartos (sendo 7 de anfíbios) e 4 espécies de quelônios (família das tartarugas) (GARDÃ, 2013; LEAL. *et. al.*, 2003; ADEODATO & PESSOA, 2014).

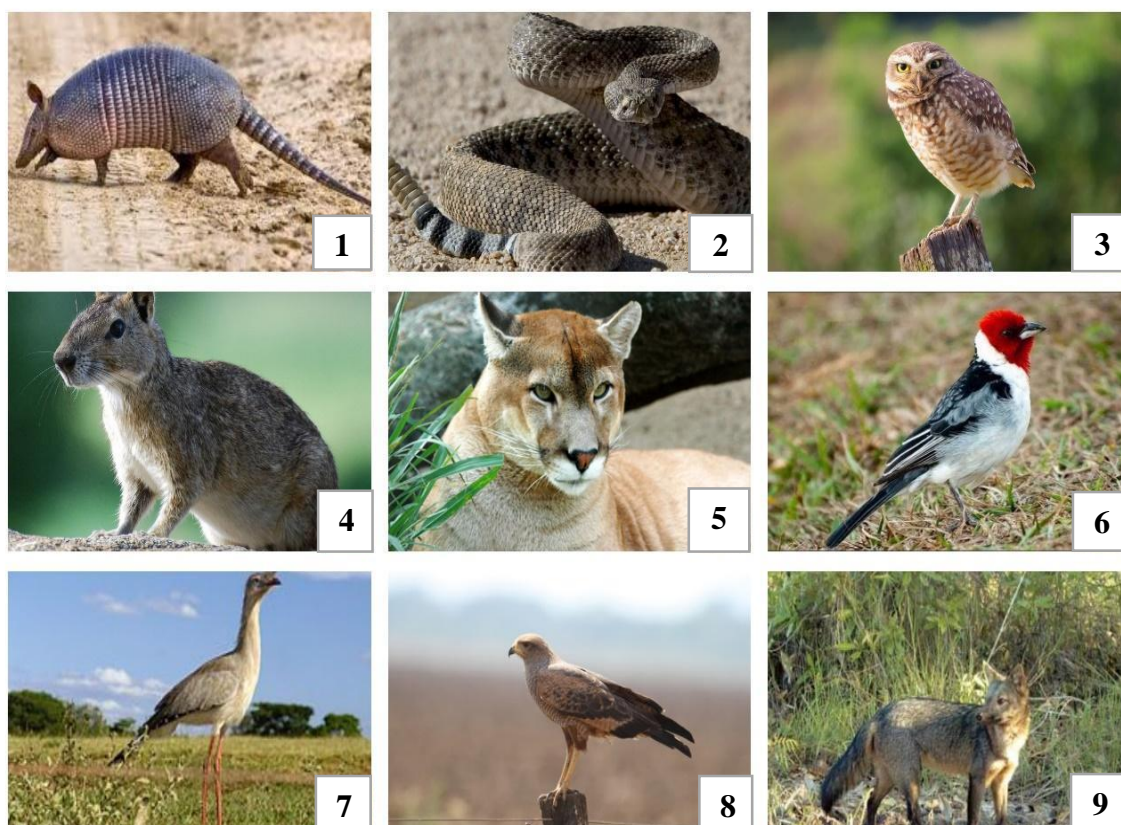


IMAGEM 14: Exemplos de Animais encontrado na Caatinga. 1 Tatu, 2 Cobra Cascavel, 3 Coruja, 4 Mocó, 5 Suçuarana, 6 Cardial, 7 Seriema, 8 Gavião Caboclo, 9 Raposa. Contexto faunístico do Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia Fonte: <https://www.todamateria.com.br/animais-da-caatinga/>

No que se refere à fauna existente na área de pesquisa, a região de Dom Basílio é amplamente espalhada pelos diversos tipos de nichos associados ao bioma local. É possível citar anfíbios e répteis, mamíferos e aves, insetos, mas várias outras espécies podem ser vistoriadas na região em apreço. Acredita-se que, se não todas, muitas delas fizeram parte do dia a dia dos povos que ocuparam a região num passado pré-colonial.

Em visita de campo, observa-se de forma rápida alguns animais que fazem parte da paisagem do Morro do Engenho. Dentre os seres avistados, destacamos; mocó, suçuarana, sapos, lagartixas e uma variedade de pássaros. Mediante o avanço da atividade agrícola e da mineração, a área vem sofrendo diversas ameaças que comprometem a integridade de sua paisagem natural. Contudo, esta área apresenta-se como um dos melhores espaços para a vida silvestre, em que uma parte de seu território possui baixíssima ocupação, mantendo-se praticamente selvagem com mata bem preservada na parte oeste.

O conjunto de informações apresentadas acima ajuda a compreender, de forma geral, elementos importantes na configuração da paisagem atual do Morro do Engenho. Conseqüentemente, extraímos informações importantes a respeito do ambiente estudado. Ao longo do tempo, a natureza foi desenvolvendo formas próprias, assumindo o controle da sua vida. Assim são os sítios rupestres com pinturas.

3. APORTES METODOLÓGICOS

Nas últimas décadas, muitos foram os avanços ocorridos no desenvolvimento digital e, conseqüentemente, nas técnicas aplicadas para o bom emprego de metodologias no estudo das pinturas rupestres. Naturalmente, as práticas foram otimizando-se ao longo do tempo, influenciando as pesquisas e, assim, as interpretações. As formas de pensar a arte rupestre, gravada ou pintada nas superfícies rochosas, estão atreladas aos métodos de registros dos signos. Essa perspectiva implica entender esta cultura material como registro arqueológico (SANCHES, 2012, p. 161).

As pinturas rupestres são um dos mais antigos e significativos registros da cultura material dos povos que viveram em períodos pré-coloniais. Identificada nos mais variados contextos mundiais, a arte rupestre, pelo seu caráter imóvel, não é reconhecida, em sua plenitude, como objeto arqueológico.

A respeito desta consideração, Maria de Jesus Sanches afirma existir:

[...] uma resistência permanente em tratar as imagens como “materialidade”, como “artefacto”, em favor do seu entendimento como “estética”, algo que entra sobretudo no domínio do imaterial. Daí que a quase totalidade dos Manuais de Arqueologia que abordam os mais diversos métodos de registo e de estudo de vestígios terminam sem sequer dedicar umas curtas palavras aos métodos de registo arqueológico segundo grafismos ou arte rupestre (SANCHES, 2012, p. 181).

O registro arqueológico é matéria fundamental na estrutura da Arqueologia, sendo melhor entendido em Binford (1988), que afirma ser o registro arqueológico tudo aquilo que cada investigador produz, no presente, relativo a vestígios materiais. Estes também pertencentes ao nosso mundo contemporâneo (SANCHES, 2012, p. 161).

Historicamente, os métodos de registro das pinturas rupestres foram enriquecidos com novas técnicas e abordagens mais concretas. Sendo assim, buscamos, com este trabalho, nos apropriar dessas ferramentas para promover uma boa e sólida arqueometria³⁶. A aplicabilidade de várias técnicas foi somada à observação, para desenvolver a estratégia metodológica, etapas cruciais para a realização deste trabalho.

3.1. Processo de coletas de dados: pesquisa de campo

³⁶ Estratégia metodológica que visa registrar o maior número de informação possível de caráter arqueológico, de um determinado objeto de estudo.

A fim de organizar a parte metodológica da pesquisa e dar início à coleta de dados necessários para este estudo, foi realizada uma visita de campo, na tarde do dia seis (06) de agosto de 2019. Estavam presentes os pesquisadores e professores Dr. Carlos Costa³⁷ e Dr. Luydy Fernandes. No percurso, foi decidida a proposta das atividades a serem realizadas, visando estabelecer uma segura e completa análise metodológica.

O plano de trabalho estabelecido teve várias etapas. De início, houve uma série de caminhamentos por toda a extensão do Morro do Engenho, com o intuito de reconhecer o espaço e, em seguida, encontrar locais de interesse arqueológico. Posteriormente, foram aferidas as coordenadas geográficas, buscando obtê-las e registrá-las por meio do UTM (*Universal Transversa de Mercator*) de cada painel existente no local, ação considerada importante para a localização dos espaços e suas relações com a paisagem.

Como terceira fase, realizou-se o preenchimento de fichas pré-estabelecidas, prática muito importante para a formulação dos resultados da pesquisa, pois os dados obtidos seriam analisados em gabinete. O quarto momento consistiu no registro fotográfico, utilizamos uma câmera digital, que nos auxiliou na captura das imagens necessárias a este estudo.

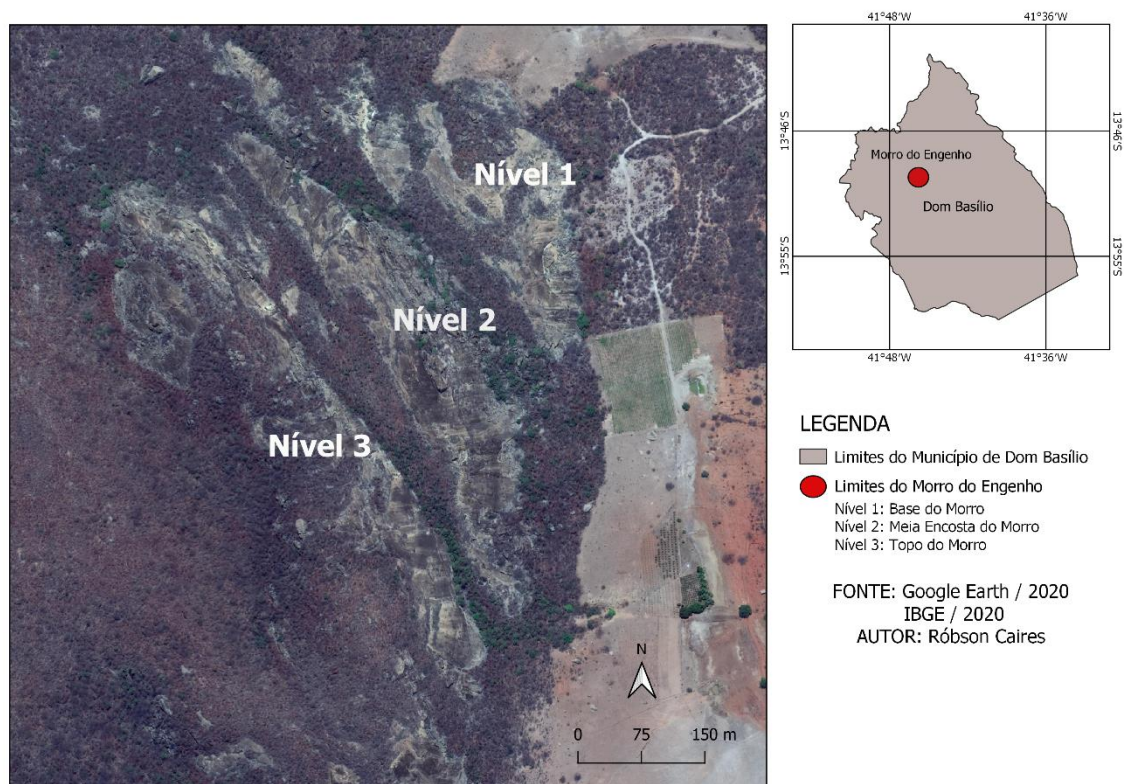
A quinta atividade foi a construção de croquis dos espaços analisados, etapa fundamental para entender o espaço e as relações entre as pinturas e os locais de sua aplicação, bem como a natureza do suporte rochoso no qual as pinturas rupestres estão dispostas. Por fim, a última atividade: o registro em caderno de campo, no qual o pesquisador descreve sensações, percepções e dúvidas, não observadas nas atividades anteriores.

Para atender à primeira proposta, o caminhamento, foi construído um plano de trabalho, que contou com a participação do morador local, Sr. Sílvio Santos Silva, mateiro e profundo conhecedor do espaço em estudo, possuidor de uma visão geral e sólida experiência referentes ao Morro do Engenho essenciais para a realização dessa atividade. Foram feitas quatro expedições, a fim de reconhecer o Morro em todo o seu diâmetro; para tanto, montou-se um grupo de quatro pessoas³⁸, que, de forma muito ágil, realizaram a tarefa proposta.

³⁷ O Professor Dr. Carlos Costa é o orientador desta pesquisa.

³⁸ Além do pesquisador e do mateiro Sílvio Silva, acima citado, fizeram parte do grupo o Professor Nilmar Silva Campos e o Agrimensor Bruno Soares.

Por tratar-se de um grande *inselberg* de granito intrusivo³⁹, o Morro do Engenho, na sua parte leste, é formado por três áreas rochosas de caráter ondulado. Apropriando-se dessa dinâmica natural da rocha, foram realizados os caminhamentos. As saliências encontradas na geologia local foram classificadas em níveis, sendo que o primeiro envolve a base do morro e a parte da meia encosta; já o segundo trata-se da área central do morro, exclusivamente na meia encosta; e, por fim, o último patamar, que corresponde ao topo.



Vale destacar que a parte do Morro a qual não apresentou suporte rochoso não foi prospectada, em razão da inexistência de ambientes propícios à realização das manifestações pictóricas. No entanto, por se tratar de uma área com vestígios de ocupação pretérita, faremos, em outro momento, novas expedições com o intuito de contemplá-la.

³⁹ As rochas ígneas intrusivas (conhecidas também como plutônicas ou abissais) são formadas a partir do arrefecimento do magma no interior da crosta, nas partes profundas da litosfera, sem contato com a superfície. Elas só apareceram à superfície depois de removido o material sedimentar ou metamórfico que a recobria. Em geral, o resfriamento é lento e ocorre a cristalização de todos os seus minerais, apresentando então uma textura holocristalina, ou seja, apresenta grande número de cristais observáveis à vista desarmada. Normalmente as rochas plutônicas ou intrusivas apresentam uma estrutura maciça. A sua estrutura mais corrente é granular, isto é, os minerais apresentam-se equidimensionais, ligados entre si (SILVEIRA *et al*, 2015).

A dinâmica de caminhamento da área foi assim classificada: da direita para a esquerda⁴⁰, nos níveis representados pela imagem acima. A primeira varredura aconteceu no dia onze (11) de agosto de 2019. Este caminhamento difere dos outros, em razão da existência de alguns painéis com pinturas rupestres. A área, *a priori*, foi dividida em quatro espaços, sendo os nomes das unidades geomorfológicas/arqueológicas atribuídos a partir da vivência com a comunidade local. São elas: Loca dos Tapuias, onde foi identificado um (01) painel; Pedra de Fogo, onde foram localizados quatro (04) painéis; Três Marias, identificados ali oito (08) painéis; e, por fim, a Lapinha do Velho, contendo apenas um (01) painel. Esta linha (de caminhamento) tem um comprimento de 481,28 m aproximadamente e sua altitude varia entre 470 e 480 m de altura em relação ao nível do mar.

Decidimos orientar a pesquisa a partir das quatro unidades acima citadas, pois entendemos a delimitação de um sítio rupestre de forma mais ampla. De acordo com a compreensão de Carlos Costa:

[...] para a delimitação de um sítio de representações rupestres, é preciso considerar unidades geomorfológicas/arqueológicas com relações formais do ponto de vista do testemunho geológico no qual se encontram inseridos os testemunhos antrópicos, as distâncias entre os espaços culturalmente utilizados, correlação dos relevos e da paisagem de inserção. Ou seja, buscam-se as relações formais do ponto de vista da paisagem na qual as unidades geomorfológicas/arqueológicas estarão inseridas. Sendo assim, poderá constituir um sítio uma ou mais unidades geomorfológicas/arqueológicas, dependendo das relações passíveis de ser identificadas no lócus de inserção (COSTA, 2012, p. 163-164).

Ainda segundo esse autor, a noção de unidade geomorfológica/arqueológica:

[...] corresponde às feições naturalmente modeladas na paisagem, utilizadas como parte constituinte dos sítios arqueológicos de representações rupestres. Referimo-nos, especificamente, aos espaços dos abrigos, grutas, lapas, locas, paredes, paredões, cavernas, matacões e lajedos que foram identificados, escolhidos e, por razões culturais diversas, utilizados como suporte para as pinturas e gravuras rupestres (COSTA, 2012, p. 162-163).

Tomando por base estes princípios, decidimos classificar o Morro do Engenho como sítio arqueológico e os espaços formados por quatro ambientes com pinturas rupestres, como unidades geomorfológicas/arqueológicas que compõem o sítio, devido à

⁴⁰ Esta orientação foi pensada em função da dinâmica de acesso do Morro; por trata-se de uma área com acentuada declividade, tomamos os devidos cuidados com os membros da equipe.

relação (proximidade e conexão) de tais espaços com a paisagem. Este entendimento de sítio arqueológico nos possibilita traçar diálogos próximos com pesquisadores especialistas na temática rupestre no território baiano, tais como: Carlos Etchevarne, Fabiana Comerlato e Carlos Costa.

No segundo nível observado, encontramos uma série de reentrâncias nas rochas, muitas delas formadas a partir do deslocamento e desgaste dos suportes rochosos. Essas saliências formam um emaranhado de lapas, locas e buracos, alguns passíveis de observação. Outros casos, por não oferecerem segurança aos membros da equipe, não foram explorados. Este é um ambiente formado por diversos paredões verticais, com base de difícil acesso, em virtude da sua dinâmica rochosa e da sua vegetação, mata de Caatinga muito densa.

No que diz respeito ao terceiro nível, o caminhamento, foi realizado em duas etapas, em momentos distintos, sendo a primeira varredura na base do paredão (área formada predominantemente por vegetação de Caatinga) e a segunda no topo do Morro. Para tanto, o acesso a esta segunda parte de exploração deu-se pela parte oeste, em razão da parte frontal não possibilitar meios seguros para o acesso ao topo.

A atividade de caminhamento por toda a extensão do Morro do Engenho trouxe uma visão geral do ambiente. Em função dessa atividade, conhecemos boa parte da paisagem cárstica local. Feita a primeira etapa, as visitas subsequentes foram centradas no primeiro nível (área das unidades geomorfológicas/arqueológicas), como forma sistemática de recolher o maior número possível de dados acerca do universo de pesquisa que propõe este estudo. Situações e obstáculos enfrentados nessa atividade produziram sensações que nos fizeram refletir sobre motivos que teriam levados os humanos, que viveram em períodos pré-coloniais, escolhido este ambiente para deixarem marcas tão expressivas das suas culturas.

De antemão, estas prospecções não revelaram novas unidades com representações rupestres. Entretanto, com a varredura, foi possível identificar um universo numeroso e diversificado de material lítico lascado, que posteriormente possibilitará um novo olhar, com outro enfoque de pesquisa, para o sítio arqueológico Morro do Engenho.

O procedimento seguinte foi aferir as coordenadas geográficas em UTM de cada painel existente no Morro do Engenho. Para nos auxiliar nesta tarefa, foi utilizado um aparelho GPS (*Garmim Etrex*). Esta ferramenta, somada à utilização dos *softwares Google Earth 2019* para a confecção de um mapa com a distribuição espacial das unidades rupestres identificadas, nos proporcionou os seguintes dados tabulados:

ÁREA	ZONA	UTM E	UTM N	ALTURA
Loca dos Tapuias	24 L	200310,674	8471139,838	480,329
Pedra de Fogo	24 L	200308,415	8471118,864	487,046
Três Marias	24 L	200341,186	8471014,889	480,093
Lapinha do Velho	24 L	200330,780	8471012,979	475,580

TABELA 01: Coordenadas geográficas das unidades geomorfológicas/arqueológicas localizadas no Sítio Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

Este trabalho de georreferenciamento é relevante; pois, considerando-se que o Morro do Engenho pode ser objeto de futuras pesquisas, a necessidade de retorno à área de pesquisa diminui-se com estes pontos já registrados.

Como continuidade do processo metodológico aplicado para este trabalho, temos o preenchimento de ficha, cuja função é recolher importantes e pontuais informações para a análise do material. A ficha têm modelo pré-estabelecido, elaborado anteriormente por Carlos Etchevarne e, em sequência, adaptada e utilizada por Carlos Costa em seu doutoramento (COSTA, 2012, p. 154).

A orientação de utilização do mesmo instrumento de registro consiste na possibilidade de levantamento de dados que sejam comparáveis em diferentes regiões do Estado. Por isso, optamos por manter na íntegra os campos que compõem a ficha, apenas com mudanças muito pontuais para ajustamento da observação aqui proposta. Como registramos, o Morro do Engenho é entendido como um sítio, posteriormente dividido em quatro (04) unidades geomorfológicas/arqueológicas, nas quais foram localizadas as pinturas rupestres. Diante disso, acrescentaremos essas informações às fichas para melhor tabular os dados obtidos em campo.

No primeiro quadro da ficha, consta a “identificação do sítio”. Neste campo, aparece o nome do sítio, a área de influência e o painel, além de informações básicas como o nome do pesquisador, do informante da área, proprietário, coordenadas geográficas, município, dentre outros. Em seguida, são preenchidos campos que procuram entender as “características ambientais” da área em estudo, tais como: clima, relevo, vegetação e hidrografia.

Vale lembrar que as características das unidades pictóricas são representadas nas fichas através de questões como visibilidade, classificação do suporte⁴¹ rochoso, identificação geológica e classificação do solo. Colhidas essas informações, a ficha apresenta, em sequência, questões de “preservação”, observando grau de preservação,

⁴¹ Neste caso, se o ambiente é formado por abrigo, lapa, gruta, caverna, matacão, loca, paredão, lajedo, outros (Ficha de Registro das Representações Rupestres).

exposição a agentes naturais ou deterioração antrópica. Por fim, o mecanismo apresenta questões relacionadas às “características das representações” e às “proporções em um mesmo painel e entre painéis diferentes”, elementos informativos para análise dos signos.

Segundo Carlos Costa:

Com o intuito de evitar inconsistências, distorções ou divergências nas informações prestadas, os campos da ficha seguem com respostas pré-definidas, de modo que o preenchimento apenas consiste na marcação da opção adequada ao local em apreço. Para situações imprevistas existem também campos abertos para registros livres (COSTA, 2012, p. 155).

As fichas, por serem documentos padronizados e utilizados com certo grau de sucesso em outras experiências de campo, são seguras na aplicação de suas instruções, de modo a reduzir imensamente os riscos de distorção de informação, uma vez que os dados observados serão computados e aplicados nas entidades competentes ao universo arqueológico nacional. Para tanto, utilizamos de um nomenclator⁴², que define cada campo da ficha, com o propósito de evitar distorções no preenchimento dos formulários (COSTA, 2012, p. 157).

Ao término desta etapa, as fichas foram agrupadas e digitalizadas, formando-se um conjunto de quatro (04) ao todo. As informações contidas nesses formulários foram tratadas em gabinete, sendo os dados ali coletados as bases para as análises estatísticas e qualitativas da área em estudo. A partir dessa coleta, foram confeccionados gráficos e tabelas que exemplificam os resultados obtidos na pesquisa.

As fichas constituem um poderoso instrumento para análise e reflexão do universo pictórico existente no Morro do Engenho. As produzidas neste estudo, por terem caráter inédito, alcançam uma importância ainda maior, visto que os locais de interesse arqueológico que foram analisados serão futuramente registrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Em seguida, foi-se a campo para o “levantamento fotográfico” das áreas de interesse arqueológico do Morro e, conseqüentemente, das unidades geomorfológicas/arqueológicas e seu entorno. Para realização desta atividade, construiu-se um plano de trabalho que contemplasse de forma mais precisa o ambiente circundante, isto é, os espaços escolhidos para as pinturas rupestres ali existentes.

⁴² Este documento encontra-se na íntegra no Apêndice da tese de doutorado do Dr. Carlos Costa.

As pinturas rupestres são manifestações materiais fixas em suportes rochosos deixados pelos homens que viveram em tempos pré-coloniais. Trata-se, portanto, de obras imobiliárias⁴³, no sentido de que não podem ser transportadas (PROUS, 1991, p. 510). A natureza desta afirmativa nos orienta a estabelecer um olhar direto para a paisagem, pois estes vestígios são parte integrantes do ambiente.

Ao atender a necessidade acima apontada, o trabalho de tomada fotográfica exige do pesquisador uma exaustiva documentação na formação de um banco de dados imagético que dê base para os trabalhos em laboratório. Essa imobilidade do objeto de estudo obriga o pesquisador a retornos contínuos ao sítio, caso haja necessidade de novas análises ou de aplicação de novas técnicas de estudo, ao contrário de vestígios que podem ser transportados e analisados em laboratório, como é o caso dos artefatos líticos ou cerâmicos. Nesse sentido, o pesquisador está sujeito às condições impostas pelo sítio, sobretudo com relação à localização e ao acesso (OKUYAMA, *et al.*, 2014).

Apesar de a fotografia reproduzir com grande fidelidade o objeto de estudo, há a necessidade de uma maior atenção por parte do pesquisador quanto ao enquadramento, à luminosidade e aos ângulos de visão, já que a limitação imposta pelo equipamento fotográfico pode prejudicar o resultado final (OKUYAMA, *et al.*, 2014).

Na efetivação desta tarefa, foi utilizada uma câmera digital, do tipo *Canon EOS Rebel T1000*, com boa capacidade de captura de imagem, pois o tipo de rocha e o estado de conservação dos signos, somados à luminosidade local, apresentaram-se como obstáculos a serem superados. A maior dificuldade enfrentada nesta etapa foi a distorção focal, pois não foi possível a utilização de um tripé, em razão da declividade da superfície rochosa; apesar disso, com o equipamento de boa qualidade, obtiveram-se registros de qualidade tal que permitisse identificar as temáticas representadas. O registro materializa visualmente as informações contidas nas fichas, estabelecendo, assim, um estreitamento das informações, sendo que os resultados (nas fichas e nas fotografias) são os mesmos, há mudança apenas no mecanismo de captura dos elementos.

Cada sítio arqueológico possui realidades distintas e localizações que implicam, em alguns casos, na impossibilidade de aplicação dos procedimentos de levantamento fotográfico em sua totalidade. Cabe ao pesquisador, então, encontrar o melhor posicionamento para a realização da fotografia.

⁴³ Fixas, paradas. Não sendo possível sua locomoção, o transporte de um lugar para outro.

A tomada fotográfica tem como propósito registrar a visibilidade da área onde estão inseridas as unidades pintadas, quando possível, tanto desde o sítio, como para o sítio, percebendo, desse modo, reentrâncias paisagísticas que revestem o ambiente circundante.

Por meio desta ação, pretendemos entender como a noção de visibilidade foi utilizada na confecção destas unidades gráficas, classificando-as em total, parcial, escassa ou nula. Para atingir um registro que permitisse essa percepção, lançamos o recurso de captura da paisagem através da tomada fotográfica panorâmica. Esta é uma técnica especial, que reúne múltiplas imagens em conjunto a partir da mesma câmera, tendo como objetivo formar uma fotografia única e abrangente (vertical ou horizontal).



IMAGEM 15: Vista panorâmica do Vale do Brumado a partir do Sítio Arqueológico Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Foto: Róbson Caires.

Acerca desta discussão, Carlos Costa salienta que:

A tomada fotográfica do ambiente circundante dependerá necessariamente da condição de visualização, de modo que ela registrará aquilo que pode ser enxergado a partir do sítio. Disto depreende-se a constatação de que em alguns contextos esta tomada será possível totalmente, parcialmente ou não será realizada pela própria impossibilidade de apreender o ambiente circundante em função da existência de obstáculos na paisagem (COSTA, 2012, p. 158).

Partindo desta lógica, foram feitos registros fotográficos das quatro (04) unidades geomorfológicas/arqueológicas (Loca dos Tapuias, Pedra de Fogo, Três Marias e Lapinha do Velho), tendo como intencionalidade apreender imagens das unidades em estudo, buscando identificar lugares onde foram registradas as pinturas rupestres, com destaque para as paredes e tetos, formadores dos suportes rochosos existentes no sítio.

Feita esta primeira ação, de caráter macro, iniciou-se a parte dos registros fotográficos do suporte rochoso, utilizando como estratégia a captura de imagens, da parte frontal e das diagonais. Desta forma, foi possível ter uma visão ampla do local escolhido para a representação das pinturas rupestres. Este mecanismo de registro fornece uma visão multidimensional do ponto escolhido para a aplicação das pinturas no período pré-colonial.



IMAGEM 16: Exemplo de tomada fotográfica frontal e nas diagonais do Painel 3 da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fotos: Róbson Caires.

O segundo passo na tomada fotográfica foi o registro dos painéis contidos em cada unidade geomorfológica/arqueológica existente no Morro do Engenho. Para essa tarefa, foram pensadas algumas estratégias. A primeira foi utilizar a câmera digital sempre na posição horizontal e, em seguida, posicionar a lente no mesmo sentido da orientação do painel, de forma paralela, com o objetivo de eliminar distorções. Essas estratégias foram imprescindíveis para que as imagens capturadas tivessem a mesma proporção e nos fornecessem, em gabinete, uma visão real dos painéis registrados.

Os painéis foram confeccionados em rochas de granito, com grãos bem definidos. Este tipo de superfície torna-se um obstáculo, pois não se encontra um polimento mínimo necessário, sendo a maior parte formada por uma face granulada. A citada característica do suporte rochoso, além de outras de caráter natural e antrópico, foi decisiva para a deterioração de parte das figuras. As particularidades das pinturas rupestres estão relacionadas essencialmente à base, ou seja, à rocha, em que os desenhos estão pintados, também à luz e à condição da figura em si.

Outro fator importante a ser observado é que muitas das pinturas estudadas foram sofrendo alterações ao longo do tempo. Partindo de uma pintura original, outros grupos, em épocas diferentes, foram adicionando detalhes a essa imagem. Ao ser estudada, a imagem necessita da aplicação de mecanismos para diferenciar detalhes entre os signos e, assim, poder distingui-los.

Vários são os métodos e técnicas disponíveis em ferramentas computacionais que podem ser utilizadas no realce de imagens de pinturas rupestres. Decidimos utilizar, em campo, a ferramenta digital *DStretch*, de código aberto, destinada a pesquisadores de pinturas rupestres, utilizada para melhorar as imagens das figuras. Trata-se de um *plugin*

implementado em *Java*, utilizado a partir do *ImageJ*, que é um *software* de processamento e análise de imagens (HARMAN, 2019).

Essa técnica de tratamento digital das imagens consiste em realçar algumas tonalidades de cores existentes nos painéis rupestres a partir de distintos filtros, *layers* automáticos pré-configurados, que permitem revelar como as diferentes matérias absorvem e rebatem os espectros luminescentes captados pelas câmeras, mas não possíveis de observação a olho nu; possibilita, por exemplo, perceber resquícios de pigmentos esmaecidos. As técnicas de melhoria disponíveis no *DStretch* e aplicadas nas pinturas rupestres fazem com que diferenças sutis na tonalidade sejam melhoradas, tornando possível um melhor estudo sobre a pintura, por revelar importantes detalhes pictográficos (HARMAN, 2019).

Como anteriormente informado, o *DStretch* opera em numerosas tonalidades de cores, algumas separadas por filtros exclusivamente preparados para o trabalho com a arte rupestre, que são identificados no programa como: RGB, LAB, YDS, YYE, YRE, LWE, YWE e LYE, entre outros (HARMAN, 2019). Para a realidade encontrada nas unidades geomorfológicas/arqueológicas do Morro do Engenho, foram aplicadas, na sua grande maioria, os filtros LAB e YYE. Isto explica-se pela natureza da rocha e dos pigmentos ali encontrados.

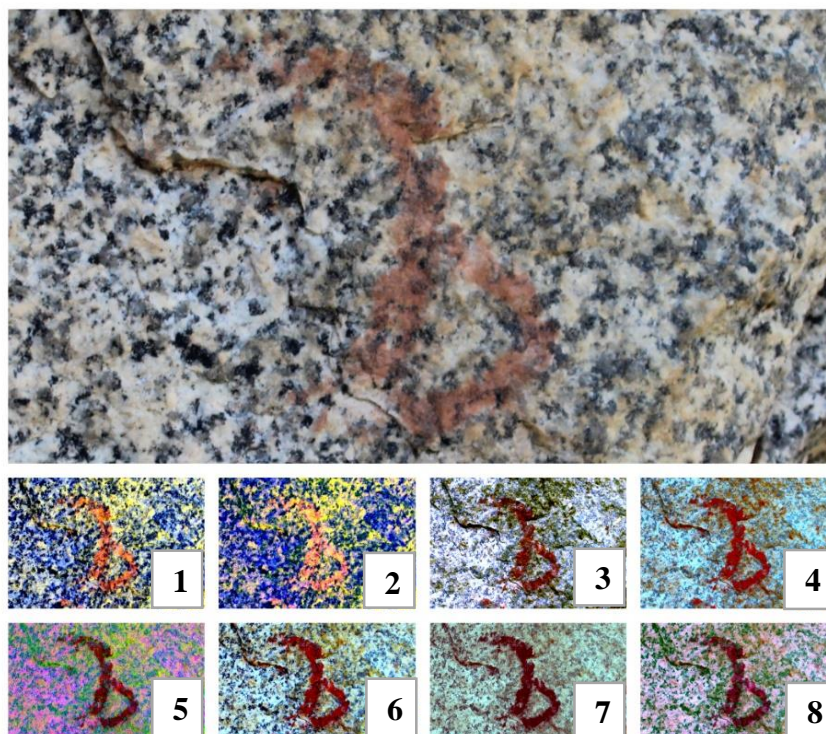


IMAGEM 17: Exemplo do resultado alcançado a partir da aplicação do espaço de cores, ferramenta disponível no *DStretch*, que melhora a visibilidade das imagens. Fonte: Róbson Caires.

A manipulação *DStretch* é bem simples e oferece resultados imediatos em campo, o que faz com que se torne uma ferramenta metodológica muito adequada para a análise de imagens digitais de pinturas rupestres. A utilização de técnicas de computação gráfica através do processamento de imagens tem muito a contribuir com o estudo das pinturas rupestres. Essas técnicas estão disponíveis em ferramentas proprietárias e livres, que podem ser de uso geral ou específico. Vale ressaltar que a ferramenta *DStretch* foi utilizada em campo e que o tratamento das imagens continuou em outra etapa, a de gabinete.

Feito esses procedimentos (fotográficos e aplicação do *software*), iniciamos os registros dos signos. Etapa que corresponde à atividade de fotografar de forma individual cada desenho representado nos painéis. Para atender essa demanda, foi adotado o seguinte mecanismo: primeiro, foram registradas as figuras de cima para baixo e, na sequência, da esquerda para direita. Essa estratégia permite que se padronize a atividade e nos fornece uma maior segurança no armazenamento das fotografias e no acesso aos dados produzidos. Foram feitas duas fotografias de cada signo, sendo uma foto sem e outra com escala. O uso desse instrumento de medição é de suma importância, uma vez que nos fornece a noção de tamanho dos desenhos rupestres estudados.



IMAGEM 18: Exemplo de tomada fotográfica de pintura rupestre, com e sem escala, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, painel 5, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

As pinturas rupestres do Morro do Engenho encontram-se em mau estado de conservação, algumas unidades estão em avançado grau de deterioração. Por isso, faz-se

necessário um bom trabalho fotográfico antes que os signos se percam para sempre – essa afirmativa deixa clara a fragilidade das pinturas rupestres, de forma que a fotografia aparece como um poderoso mecanismo de salvaguarda desse patrimônio. Ainda que de maneira virtual, é assegurada através das imagens a transmissão do conhecimento.

As imagens capturadas nesta etapa da pesquisa foram organizadas em pastas, agrupadas em arquivos para cada painel, facilitando assim a localização dos ambientes de interesse geomorfológico/arqueológico da pesquisa em curso. Todo o trabalho fotográfico possibilitou a montagem de um acervo com 835 fotografias correspondentes aos signos, painéis, suportes rochosos e áreas circundantes encontrados na paisagem do Morro do Engenho. Em laboratório, essas fotografias foram tratadas e analisadas. Desta etapa, produzimos um banco de dados, que será disponibilizado em plataformas digitais ao final da pesquisa.

Visando ampliar o universo documental do contexto estudado, deu-se início à etapa de confecção dos croquis de cada unidade geomorfológica/arqueológica existente no Morro do Engenho. Foram produzidos a próprio punho, seguindo uma série de convenções, dentre elas: a observação dos limites das rochas, a extensão dos corpos rochosos e as áreas pintadas. Nesses croquis, são apresentados os atributos físicos dos espaços priorizados pela análise topográfica, tamanho da área, tipo de piso e tipo de suporte.

Parte das análises apreendidas em um sítio arqueológico de representações rupestres advém do suporte rochoso, pois este assume contribuição direta na mensagem, ou seja, seu uso também comporta uma abrangência semântica. As recentes pesquisas, na Bahia, apontam para a ideia de que os grupos responsáveis pelas confecções dos signos rupestres têm suas similaridades no que diz respeito às formas e contornos dos motivos representados. Tais pesquisas se relacionam com a Geologia, uma vez que as características geofísicas dos suportes rochosos influenciam na composição dos painéis e, conseqüentemente, na formação de unidades estilísticas que são reconhecíveis por todo território (ETCHEVARNE *et al.*, 2011, p. 50-51).

Um detalhe importante é que as fotografias possibilitam o registro bidimensional dos contextos observados em campo. Por isso, na construção dos croquis, são feitas diversas medições, com a intencionalidade de apresentar um panorama de altura, largura e profundidade do relevo onde estão dispostos os signos rupestres. Além das medidas supracitadas, foi observada a inclinação dos painéis, se positiva ou negativa. Todos os

croquis foram feitos seguindo uma mesma padronização, para a aplicabilidade das técnicas e posterior análise dos desenhos.

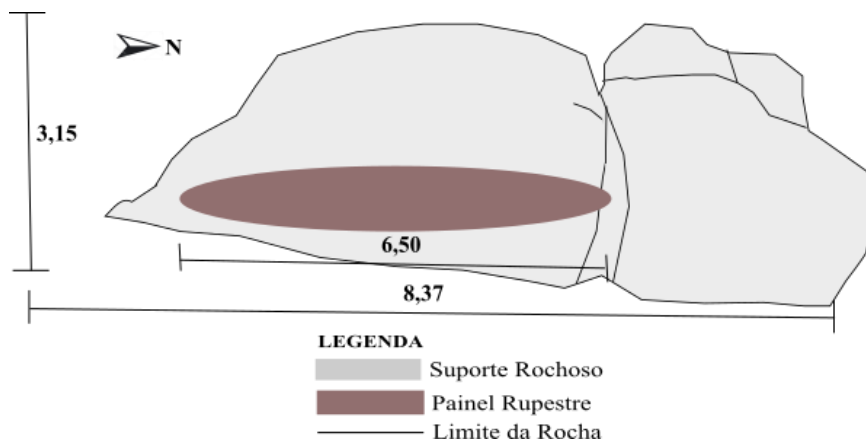


IMAGEM 19: Modelo de croqui elaborado em plataforma digital, Painel 4, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

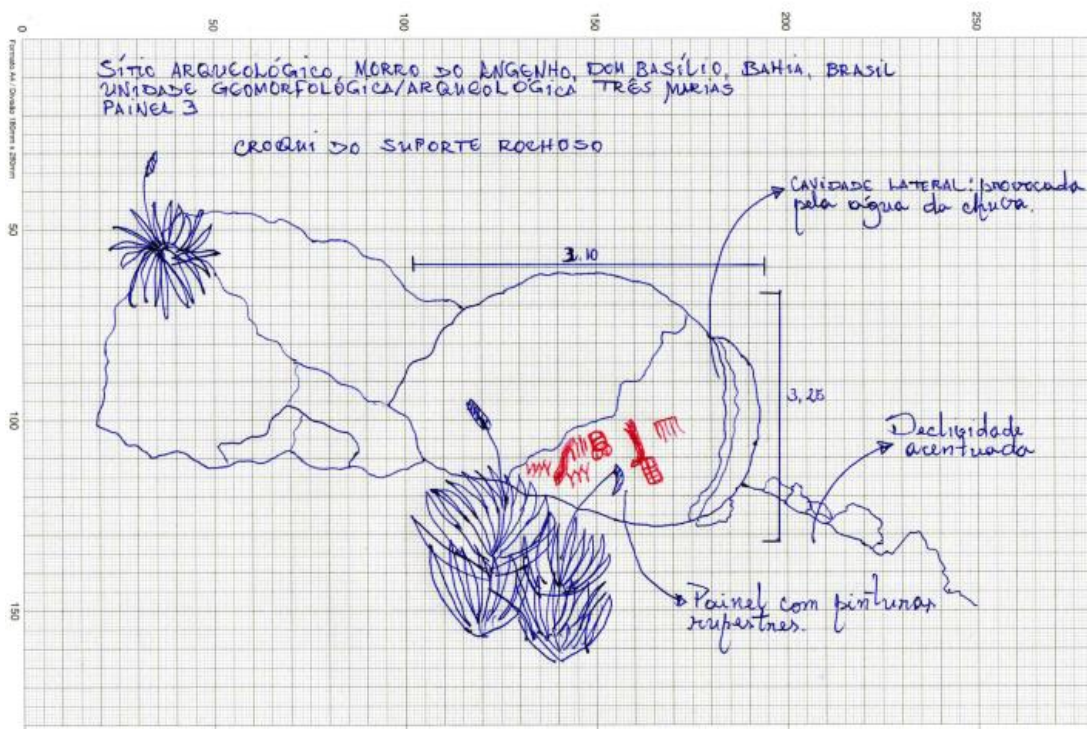


IMAGEM 20: Modelo de Croqui do Painel 3 da unidade geomorfológica/arqueologia Três Marias, Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Nesta planta está disposta as metragens do suporte rochoso. Fonte: Róbson Caires.

A observação sob diversos ângulos de formas distintas nos concede uma percepção quase que completa de nosso objeto. Maria de Jesus Sanches afirma que “o levantamento

topográfico no sentido do entendimento e registo dos seus espaços como “arquiteturas”⁴⁴ apresenta-se como um elemento de registo tão importante como o das representações em si” (SANCHES, 2012, p. 173).

Com o objetivo de organizar de forma sistemática o espaço de interesse arqueológico, durante as confecções dos croquis, lançamos a estratégia de construção de desenho em papel milimetrado, pois entendemos que esta ferramenta foi fundamental para a leitura e compreensão dos painéis como um todo. Sendo assim, o todo será conhecido depois que analisarmos cada partes, separadas por quadrículas. As etapas de aprofundamento das camadas e conhecimentos dessas partes serão executadas através de diversos processos de registo em campo

A produção dos desenhos levou em consideração uma série de nomenclaturas, que foram aplicadas a todas as unidades geomorfológicas/arqueológicas, são elas: medidas dos painéis, distância entre as pinturas, localização do metro e detalhes do perfil. Esta tarefa constitui uma ferramenta eficaz, pois a prática assume a função de ultrapassar a percepção imediata dos conjuntos ornados, que, na grande maioria dos casos, revela-se superficial, confusa e, muitas vezes, engenhosa, sendo essa constatação muito importante.

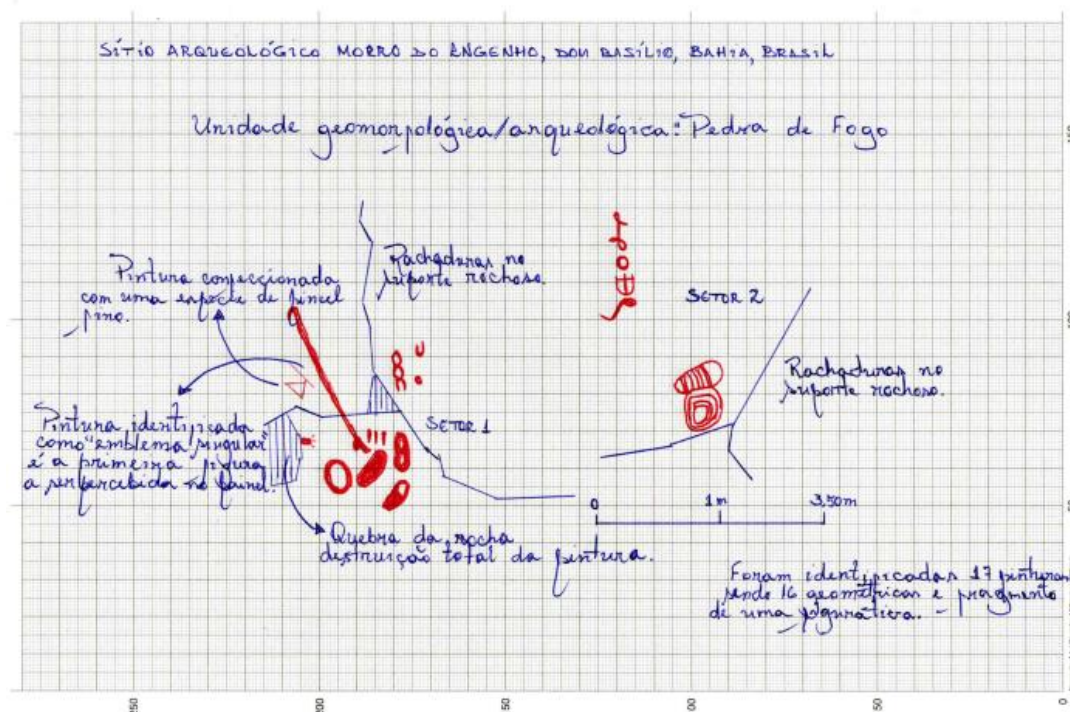


IMAGEM 21: Modelo de desenho em papel milimetrado com anotações de campo, painel 3 da unidade geomorfológica/arqueológica, Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.

Fonte: Róbson Caires.

⁴⁴ Para entender melhor esta metodologia de estudo, consultar Maria de Jesus Sanches, em *Pensar a arte rupestre através dos métodos e técnicas de registo e de representação: uma abordagem ensaística*.

O desenho em papel milimetrado se porta, assim, como uma ferramenta descritiva e analítica que auxiliou de maneira fundamental nossas análises e registros de campo. Este mecanismo, juntamente às análises dos registros fotográficos, nos possibilitou levantar hipóteses acerca das produções pictóricas estudadas. Sua importância está na medida em que o pesquisador observa, de diferentes distâncias, traço por traço, como foi construída cada figura, cada painel.

Não se trata simplesmente de uma cópia pura. A confecção dos desenhos em papel milimetrado é, antes de tudo, um trabalho interpretativo e de orientação, uma vez que a direção que se estabelece produz um ordenamento, contribuindo, assim, com a percepção analítica do arqueólogo. À primeira vista, os painéis rupestres existentes nas unidades do Morro do Engenho apresentam uma aparente desorganização dos signos, talvez pela sua formação, em maior parte, de imagens não figurativas, compreensíveis no universo cognitivo do pesquisador, mas que, a princípio, parecem não possuir ordem alguma.

É consenso entre os pesquisadores que não é possível saber o significado dos sítios rupestres pré-coloniais, pelo simples fato de que seus idealizadores e colaboradores derivam de sociedades extintas. Desse modo, a compreensão que se tem é que os significados estão para sempre perdidos. No entanto, a materialização ficou gravada pelas pinturas e gravuras rupestres, de forma que nelas podemos observar escolhas, relações espaciais, estruturas de organizações dos discursos e potencialidades dos pensamentos organizados (GUEDES, 2014, p. 11).

A técnica da observação foi uma grande ferramenta na coleta de dados, sendo esta realizada de forma simples e direta no caderno de campo, possibilitando complementar as informações reunidas nas diferentes etapas da pesquisa. Em campo, as técnicas e métodos de coleta de dados exigem atenção especial do pesquisador enquanto observador, mas as notas do caderno são livres, algumas de forma direta. As técnicas desenvolvidas, outras de natureza geral, perpassam os instrumentos pré-estabelecidos para a pesquisa.

A atividade de campo realizada no Morro do Engenho nos possibilitou reunir uma série de informações de caráter arqueológico a respeito das pinturas rupestres existentes no local, sendo estes dados tratados na intencionalidade de obter um resultado satisfatório proposto por este estudo.

3.2. Análise e interpretação dos dados: atividade de gabinete

A partir da coleta de dados, buscou-se analisar e interpretar as informações levantadas na atividade de campo. Para isso, foi montado um banco de dados, no intuito de armazenar o conteúdo produzido, sendo o material organizado em pastas no computador, com a identificação: “Sítio Morro do Engenho – Dom Basílio, Bahia”. Os arquivos foram reunidos por cada unidade geomorfológica/arqueológica⁴⁵ e cada painel rupestre. Com essa disposição, foram contabilizadas todas as imagens, a fim de conhecer o número de tomadas fotográficas realizadas no trabalho de campo. Também foram organizadas as coordenadas geográficas, tendo por necessidade a construção de mapas; além disso, as fichas preenchidas foram adicionadas e os *croquis* foram digitalizados.

Organizado o material coletado, concentramo-nos no tratamento digital das informações. Este método possibilitou-nos uma melhor compreensão do universo pictórico identificado na paisagem em estudo. A nossa experiência de campo, somada a estas técnicas laboratoriais, permitiu-nos uma melhor compreensão do sítio e de sua inserção no contexto ambiental do Morro do Engenho.

Os dados levantados foram organizados em uma tabela, que possibilitou aprofundar a compreensão, a partir das fichas de campo, de diversos detalhes acerca do sítio, tais como: características ambientais da área; características do sítio⁴⁶, no que diz respeito ao conjunto de informações das condições das unidades pictóricas na paisagem; características dos painéis; grau de preservação; características das pinturas; proporções em um mesmo painel e entre painéis diferentes. Buscou-se, também, perceber uma cronologia relativa a partir da presença de sobreposição dos desenhos nos painéis (COSTA, 2012).

As tabelas de síntese dos painéis rupestres do sítio arqueológico Morro do Engenho, em Dom Basílio, encontra-se no próximo capítulo, uma vez que é um recurso de acesso rápido às informações gerais da área pesquisada, possibilitando ao leitor a checagem da base empírica que sustenta as nossas considerações. Nas tabelas, constam dados quantitativos, qualitativos e descritivos, capazes de promover uma leitura segura e ampla acerca da realidade pesquisada na paisagem.

As imagens dos painéis rupestres foram trabalhadas em programa gráfico de imagens vetoriais⁴⁷, tendo como finalidade a apreensão de seu conteúdo: sobreposições,

⁴⁵ Estas áreas correspondem aos espaços identificados dentro do Sítio Morro do Engenho, conhecidos como: Lapinha do Velho, Três Marias, Pedra de Fogo e Loca dos Tapuias.

⁴⁶ Utiliza-se aqui o método de visibilidade apresentado por Felipe Criado Boado, buscando descrever as condições de visualização e visibilidade do sítio (COSTA, 2012, p. 243).

⁴⁷ Segundo Amaury Fernandes: “imagem vetorial” é um tipo de imagem gerada a partir de construções geométricas de formas, diferente das bitmap (mapa de bits) construídas por uma unidade básica. Uma

tonalidades, grau de pátina, técnica de execução, dentre outros. A utilização do *software* possibilitou o desenvolvimento de calques das imagens rupestres de forma eletrônica, o que permite uma melhor compreensão do universo estudado, já que eletronicamente é possível, por exemplo, extrair características estilísticas, tais como cores, tintas, temáticas etc.

Os calques se portam, desta forma, como ferramentas analíticas, que nos auxiliaram de modo imprescindível nas nossas apreciações, já que essa técnica age como um filtro que deverá ser lido e analisado. Utilizamos, assim, dois tipos de calque: a imagem vetorizada e o desenho em papel milimetrado. Esses métodos visam registrar não apenas as características formais e temáticas dos painéis rupestres, mas também as características naturais do suporte rochoso, exigindo, dessa maneira, minuciosa atenção com as reentrâncias e saliências existentes nas paredes, com o intuito de reproduzir o maior número de detalhes possível.

Segundo Edithe Pereira, Trinidad Martinez Rubio e Carlos Augusto Palheta Barbosa, o método utilizado na confecção das imagens vetorizadas:

[...] está baseado na discriminação de pixel (a base da fotografia digital), em função da gama cromática que apresenta. Os três grandes pilares do método são a fotografia, a seleção por gama de cor dos pixels e a correção das reproduções obtidas (PEREIRA *et al.*, 2013, p. 592).

Para obter o resultado esperado com o tratamento das imagens das pinturas rupestres, foi realizado um plano gráfico com o auxílio do programa *Inkscape*, composto por três camadas de informações, conforme descrito a seguir: a imagem digital captada em campo; a delimitação das áreas e as figuras. As ilustrações para a impressão final foram representadas nas cores vermelha (na grande maioria) e amarela (em um número menor das pinturas) (PEIXOTO & SIMITH, 2011, p. 243).

Como acima mencionado, os painéis foram confeccionados de forma digital, e dispostos em pranchas⁴⁸, exibidas mais adiante. As pinturas rupestres do Morro do Engenho, em sua maioria, encontram-se com alto grau de deterioração⁴⁹, de modo que um enorme grupo de pinturas perdeu o contorno e formato, tornando sua visualização a olho nu impossível. A técnica computacional nos possibilitou reconstruir, quando possível,

imagem desenvolvida em um programa vetorial é composta por curvas, elipses, polígonos, texto, entre outros elementos, isto é, utilizam vetores matemáticos para sua descrição (FERNANDES, 2003, p. 4).

⁴⁸ É uma forma de apresentar os painéis rupestres trazendo imagens do suporte rochoso, do painel vetorizado e uma pequena amostra das pinturas.

⁴⁹ Esta deteriorização acontece em função de ações naturais e antrópicas.

contornos e formas das figuras, promovendo um entendimento mais completo dos painéis rupestres.

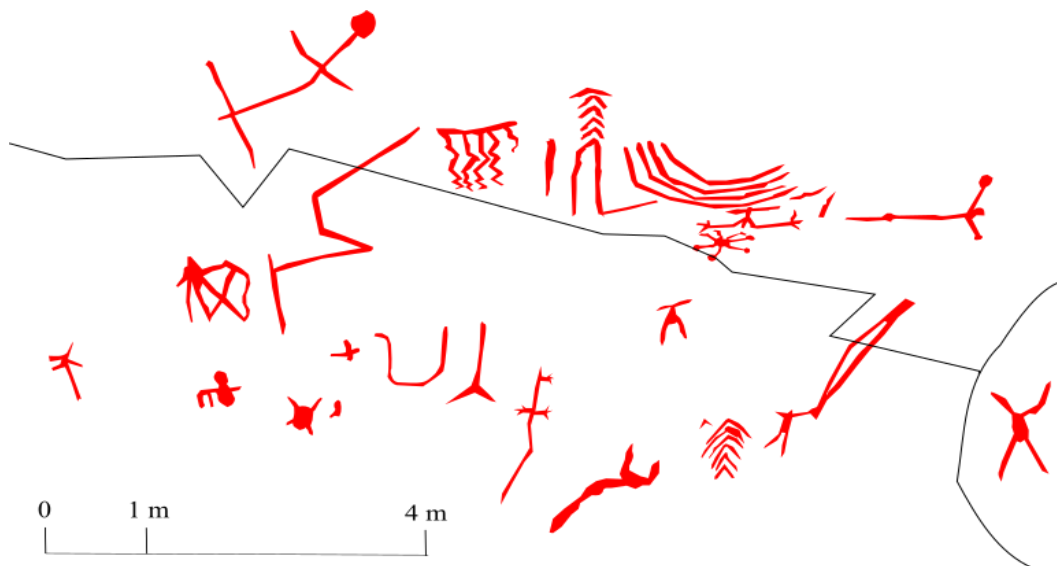


IMAGEM 22: Modelo de calque digital elaborado com o *software inkscape* do Pannel 1 da unidade geomorfologia/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

Os grupos culturais manifestam-se de diferentes formas na produção da sua cultura material. Para a classificação das pinturas rupestres do Morro do Engenho, utilizamos parâmetros que nos permitiram separá-las a partir das características morfológicas. Diante disso, os signos identificados nas unidades foram organizados em uma tabela. A intenção é proporcionar, de forma rápida e direta, o acesso aos desenhos, apresentando uma descrição básica dos atributos que caracterizam cada representação.

Enfim, todo o esforço na elaboração de um protocolo de procedimentos metodológicos visa, de um lado, a pensar em procedimentos que sejam adequados ao universo artefactual analisado e, de outro, a dar consistência e assegurar coesão no levantamento de dados que, ulteriormente, sustentarão as interpretações arqueológicas.

4. SÍTIO ARQUEOLÓGICO MORRO DO ENGENHO

O objetivo central deste capítulo é apresentar o sítio de pintura rupestre existente no Morro do Engenho, localizado na cidade baiana de Dom Basílio. Dessa forma, exibiremos os pressupostos que orientam esta pesquisa; para tanto, buscamos assinalar as diretrizes para a observação do sítio arqueológico, segui-las é condição eficaz na realização dos procedimentos técnicos específicos adotados neste trabalho.

A esta ideia, Carlos Costa complementa:

Esclarecer a maneira pela qual percebemos os sítios de representações rupestres configura-se como ação essencial da pesquisa. Isto porque este momento permitirá dispor das bases que norteiam a nossa observação desta categoria da cultura material e, por consequência, deste entendimento partirão as justificativas para os procedimentos de campo e de gabinete. Estes últimos, por seu turno, servirão para angariar dados empíricos que subsidiarão as nossas observações, criando os elementos para a produção de resultados que sejam coerentes com o problema de pesquisa, com a hipótese de trabalho e com o arcabouço conceitual apresentado (COSTA, 2012, p. 143).

A quantificação dos dados empíricos da pesquisa servirá de base na construção dos resultados alcançados, que, em seguida, serão apresentados e discutidos ao longo deste capítulo. Utilizaremos três propostas de análise: a primeira corresponde à descrição das unidades geomorfológicas/arqueológicas, incluindo as características morfológicas e a arquitetura natural dos suportes rochosos que compõem os espaços do sítio, na qual avaliaremos a relação entre espaços natural e antrópico, dispostos na paisagem. A segunda trata do trabalho analítico com os painéis rupestres, ou seja, a compreensão das diferentes unidades pictóricas. A terceira e última etapa de análise consiste em apresentar as pinturas, caracterizando-as, isto é, o que podemos entender sobre os motivos, formas, normas de construção dos desenhos formadores deste sítio arqueológico.

Nas últimas décadas, a arte rupestre vem sendo estudada por vários campos de conhecimento, aplicadas a ela distintas perspectivas. Segundo Maria Isabel Hernández Llosas⁵⁰, as observações acerca das pinturas rupestres podem ser abordadas em diferentes

⁵⁰ Maria Isabel Hernandez Llosas é arqueóloga e pesquisadora do patrimônio. É formada em Ciências Antropológicas, doutora em Arqueologia pela Universidade de Buenos Aires, Argentina, e pós-doutorada em Pesquisa e Gerenciamento de Patrimônio pela Australian National University (ANU), Canberra, Austrália. Ela é pesquisadora sênior do CONICET, o Conselho Nacional Argentino de Pesquisa Científica. É professora associada e catedrática universitária, nos níveis de graduação e pós-graduação, nas Universidades Nacionais de Buenos Aires, Rosário, Córdoba e del Centro, na Argentina, e Politecnica del Litoral, no Equador. <https://uba.academia.edu/MariaIsabelHernandezLlosas>

ólicas, a partir das Artes Plásticas, da História da Arte, da Antropologia e da Arqueologia (LLOSAS, 2010 *apud* COSTA, 2012, p. 144).

Dentre os caminhos apresentados acima, esta pesquisa orienta-se a partir da perspectiva arqueológica, pois o nosso objeto é um artefato e, em razão disso, são necessárias metodologias e técnicas próprias da Arqueologia.

Não é possível saber o que os signos significavam para as sociedades que os produziram; no entanto, uma série de contextos encontrados no sítio sugere escolhas, as quais podem ser interpretadas. Essa ideia é fundamentada pela Arqueologia Cognitiva e pela chamada Neuroarqueologia (GUEDES, 2014, p. 23).

Nas palavras de Carolina Machado Guedes:

O que vemos nos paredões, maticões, suportes rochosos de diversas naturezas, enfim, nos sítios rupestres, é o momento final de uma sequência de ações desenvolvidas e manifestadas no capô cognitivo e expressas pela habilidade técnica. Vemos desta forma expresso materialmente, o resultado de representações mentais, um verdadeiro processo de “exteriorização de uma consciência” envolvendo escolhas, simbolismo, organização, função, significado, categorização, (todo este conjunto faz parte de nosso funcionamento cognitivo) além de questões relacionadas ao gesto como operações tecnológicas, seleção e obtenção de matéria-prima bem como as ações necessárias na transformação dessas matérias-primas em elemento material para a fabricação dos registros rupestres [...] (GUEDES, 2014, p. 32).

Somadas às questões interpretativas as de natureza científica, esta pesquisa pauta-se nos pontos técnicos, nas ações concretas, são eles responsáveis pela cientificidade deste trabalho. Por ser uma pesquisa inicial nesta região da Bahia, nos preocupamos em restringir um pouco esta visão simbólica, em função das múltiplas possibilidades interpretativas, que constituem um perigo quanto à apreensão do objeto em estudo.

Visando atender os pressupostos traçados para este trabalho, a apresentação das unidades geomorfológicas/arqueológicas será disposta utilizando a orientação da direita para a esquerda, seguindo o direcionamento norte-sul. Adotamos essa medida em razão da alta declividade formada pela área que corresponde ao sítio arqueológico e desenvolvemos uma pedagogia de análise coerente com uma dinâmica mais explicativa.

O Morro do Engenho é um sítio arqueológico pré-colonial, classificado como multicomponencial⁵¹, possibilitando encontrar, em suas dimensões territoriais, pinturas rupestres e líticos lascados. O conjunto de unidades pintadas no sítio está voltado para a

⁵¹ São sítios que apresentam dois ou mais conjuntos de artefatos, sugerindo assim diversas ondas de ocupação, de um mesmo ou vários grupos humanos.

direção leste, onde nos deparamos com uma visão frontal do vale do Rio Brumado. A poligonal da área é de aproximadamente 219,34 m de comprimento de um extremo ao outro, com uma média de 7 a 10 metros de altitude da base do morro aos locais de interesse pictórico. Antes de aferir essas metragens através de equipamentos eletrônicos, foi possível perceber uma certa padronização quanto à altitude na escolha dos suportes rochosos para a confecção dos painéis rupestres. É evidente a intencionalidade com que essas unidades geomorfológicas foram produzidas pelo homem pré-colonial.

De acordo com a discussão que estabelecemos anteriormente, a delimitação de um sítio arqueológico de arte rupestre considera: o relevo do testemunho geológico; as unidades geomorfológicas/arqueológicas e suas relações formais com este testemunho; além da apropriação cultural destes espaços a partir dos vestígios antrópicos (as pinturas e gravuras rupestres), na qual podem ser observadas as relações entre os elementos naturais e os espaços culturalmente utilizados, correlacionando os relevos e as paisagens de inserção imediata e de inserção regional.

Dessa forma, consideramos como sítio arqueológico a própria formação natural do relevo, o *inselberg* conhecido como Morro do Engenho, por constituir-se como o elemento relevante na paisagem natural, que quebra a rotina de uma grande planície e se apresenta como marco ambiental com expressiva monumentalidade na paisagem. Por seu turno, as quatro feições identificadas nesse morro, nas quais foram localizados conjuntos de pinturas rupestres, são chamadas de unidades geomorfológicas/arqueológicas.

Essas unidades estão situadas, de modo geral, na primeira meia encosta do sítio e foram denominadas: Loca dos Tapuias, Pedra de Fogo, Três Marias e Lapinha do Velho, assim designadas respeitando o topônimo local, uma vez que a comunidade reconhece estes ambientes dessa forma.



LEGENDA

- Morro do Engenho
- Unidades Geomorfológicas/Arqueológicas

FONTE: Google Earth / 2020
AUTOR: Róbson Caires



MAPA 05: Disposição espacial das unidades geomorfológicas/arqueológicas Lapinha do Velho, Três Marias, Pedra de Fogo e Loca dos Tapuias no sítio arqueológico Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Google Earth, 2020.

Em razão do estado de conservação do sítio arqueológico Morro do Engenho, utilizaremos as expressões: “ruim”, “regular” e “bom” como mecanismo de identificação das pinturas rupestres. A primeira expressão corresponde às áreas pintadas com avançado grau de deteriorização dos signos, não sendo possível identificar sua morfologia; a segunda corresponde às áreas pintadas que sofrem com ações antrópicas e naturais, mas nas quais é possível identificar boa parte das figuras representadas; a terceira e última expressão corresponde aos painéis que estão legíveis, mesmo com as intemperes do tempo.

Para melhor organizar as informações visuais dos painéis rupestres existentes nas unidades geomorfológicas/arqueológicas do Morro do Engenho, elaboramos um modelo de apresentação, o qual chamamos de pranchas. Foram dispostas nestas pranchas, imagens do suporte rochoso do painel rupestre, além do decalque digital e uma pequena amostra das pinturas. Observamos que as pinturas rupestres, aquelas que foram passíveis de registro, vão ser apresentadas no Apêndice do trabalho, onde descreveremos uma visão individualizada das pinturas existentes nos diversos painéis em estudo.

4.1. Unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias

Trata-se de uma área abrigada do sítio arqueológico Morro do Engenho, localizada nas coordenadas 24L E 200310,674 / N 8471139,838, com 4 m de comprimento e aproximadamente 7,03 m de altura. O diâmetro do abrigo é de 10 m², posicionado em uma altitude de 480,329 m em relação ao nível do mar. A arquitetura do local é formada por uma grande rocha assentada em outro bloco, sendo a entrada estreita e direcionada no sentido Leste-Oeste; na frente do abrigo, localiza-se uma grande pedra, que protege a área e sobre a qual observa-se uma vista panorâmica do vale do Brumado.

O local é dividido em dois compartimentos. O primeiro, onde se localizam as pinturas rupestres, descrito logo acima, e o segundo, sem figuras. Quanto ao piso, a primeira parte é formada por diversas rochas, impossibilitando a realização de escavações arqueológicas; a segunda, no entanto, constitui-se de um piso que permite a atividade prospectiva.

A área é circundada por uma camada vegetacional composta por árvores de pequeno e médio porte. Essas plantas criam uma barreira natural e protegem o sítio do intemperismo do sol, vento e chuva. Em razão da dinâmica natural apresentada acima, não é possível visualizar a loca na paisagem, nem, conseqüentemente, os signos ali representados.

É esse espaço, dentre os quatro compostos pelo sítio Morro do Engenho, o mais conhecido da população local, já que uma série de causos e histórias fazem parte da memória dos dombasilienses. Uma das mais conhecidas é a de que o espaço foi utilizado por parte da população da comunidade da Fazendinha como esconderijo, quando ocorreu a passagem dos revoltosos⁵². Outra memória trata o espaço como um local de refúgio de pessoas na condição de escravizados, que, ao saírem em fuga, escondiam-se no morro. Uma das mais recentes histórias foi a reclusão, por alguns anos, do Sr. Manoel Coelho, que se isolou de sua família, distanciando-se na Loca dos Tapuias. Em função dessa diversidade de histórias, criou-se uma áurea mística em relação a esta área habitável, reforçando, assim, a identidade que o povo cultivava em relação ao Morro do Engenho.

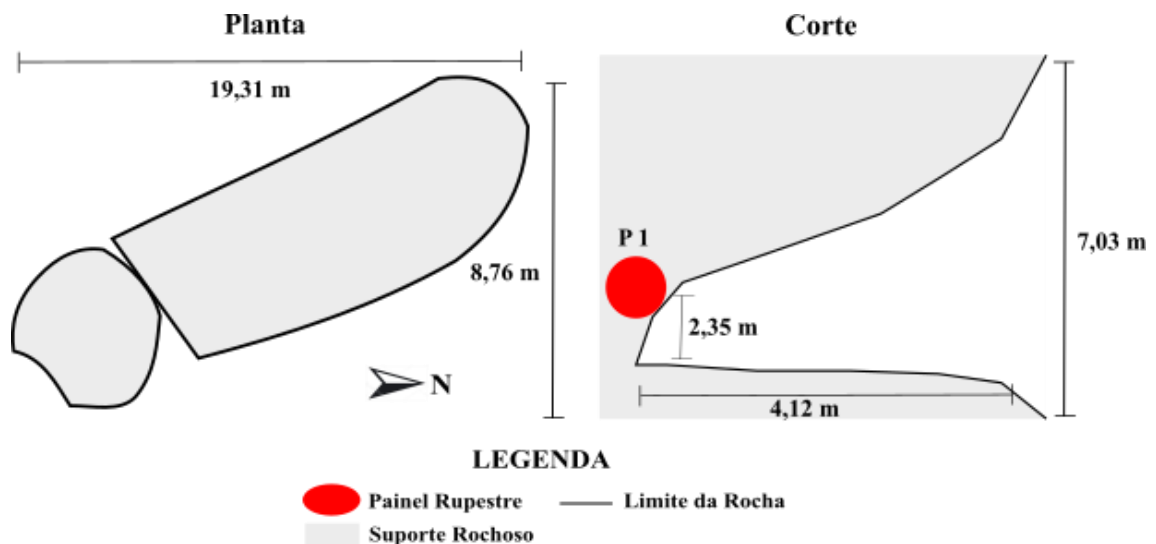
O estado de conservação é regular. O painel sofre com ações naturais, dentre elas o escorrimento mineral (formação de uma densa pátina que cobre boa parte das pinturas), casas de insetos, urina e fezes de animais que vivem no espaço, além das ações antrópicas,

⁵² Trata-se da Coluna Prestes. Movimento resultante da união entre forças tenentistas paulistas e gaúchas, efetivada no dia 11 de abril de 1925, esse grupo audacioso decidiu percorrer o interior do Brasil, à procura de apoio do povo para novos protestos contra o governo oligárquico do presidente Arthur Bernardes.

pois a loca é utilizada por caçadores que fazem armadilhas no local e acabam por deteriorar as pinturas rupestres. Apesar dessa realidade de conservação, é este o ambiente pictórico com melhores condições de observação.



IMAGEM 23: Unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires



CROQUI 01: Planta baixa da unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Reprodução digital: Róbson Caires.

4.1.1. Paine1 1

O paine1 possui, aproximadamente, 3,87 m de largura por 2,45 m de altura e as pinturas rupestres foram representadas na parede do abrigo. Uma saliência na rocha divide o paine1 em dois setores, sendo que o primeiro é composto por onze pinturas e o segundo por quinze. As pinturas impressionam com tamanhos que variam entre 1,25 cm de largura a 5 cm de diâmetro. O conjunto pintado conta com uma figura isolada, que foi representada em um bloco rochoso localizado em frente ao paine1. As pinturas estão espalhadas na parte central da parede do suporte rochoso, com excelente campo de visão.

Quanto à técnica de confecção, os signos foram produzidos a dedo, com predominância da cor vermelha. As figuras geométricas estão representadas em maior número no paine1. No entanto, o destaque vai para as imagens figurativas, dentre elas os antropomorfos. São cinco, todos com o corpo bem definido, de fácil identificação, uma vez que os membros superiores e inferiores estão bem constituídos. Dentre as figuras humanas, uma em especial chama a atenção pela sua composição, pois é acompanhada por um objeto artefactual que sugere ser um instrumento de caça. Sendo assim, as representações humanas no paine1 apresentam a mesma morfologia, com preenchimentos idênticos. Ainda no universo figurativo, encontramos três pinturas zoomórficas, que sugerem ser, respectivamente: uma ave, um aracnídeo e um lagarto. Nas pinturas geometrizadas, o conjunto conta com linhas paralelas, perpendiculares, zigue-zagues e figuras não identificáveis.

Quanto ao estado de conservação das pinturas rupestres, mostra-se regular, mas o paine1 vem apagando-se gradativamente, em função do escorrimento mineral e das constantes ações de insetos no local. Escorre da rocha uma mancha esbranquiçada, que vem cobrindo parcialmente algumas pinturas e outras por completo.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	18
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	9
Borrões (não identificáveis)	6
Total	33

TABELA 02: Descrição do Paine1 1, unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA LOCA DOS TAPUIAS: PAINEL 01

UF^B Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



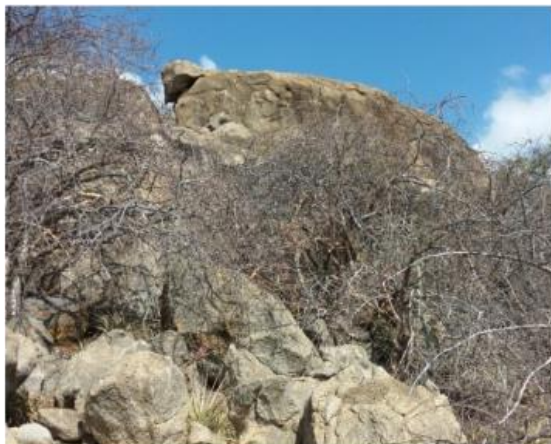
Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

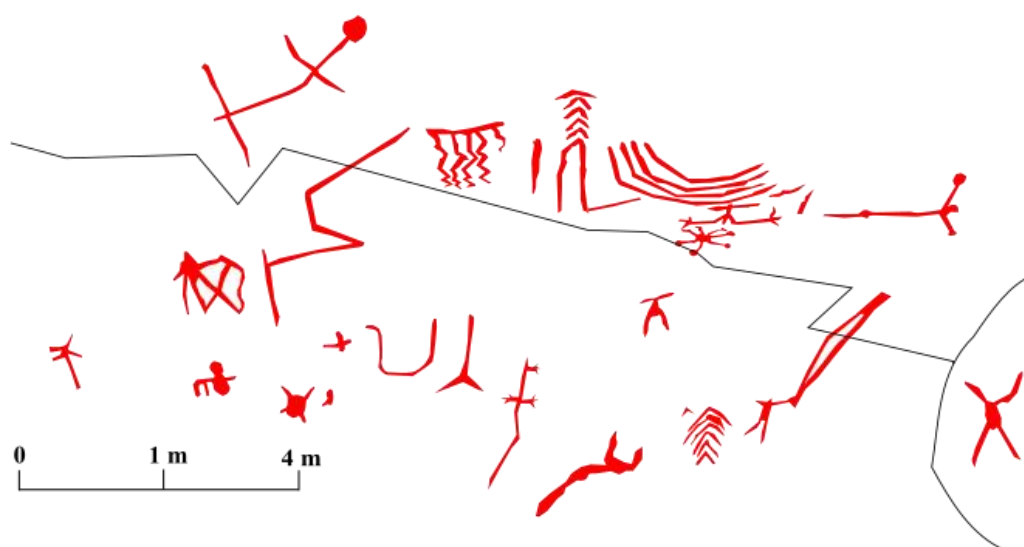
Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 01: Apresentação geral do Painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.2. Unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo

Este espaço é formado por um aglomerado de rochas de tamanhos variados (médios e grandes blocos), localizado à meia encosta, constituído por um perímetro de aproximadamente 92,80 m e uma área total de 536,60 m², situado nas seguintes coordenadas: UTM 24L E 200308,415 / N 8471118,864, com altitude de 487,046 m em relação ao nível do mar. A vegetação desse lugar é baixa, composta por pequenas plantas, e aparece em ambientes pontuais, onde há o acúmulo de sedimento, visto que a topografia em declive, formada de rocha maciça, dificulta o desenvolvimento de uma camada vegetacional mais densa.

Segundo a memória local, o lugar tem o nome de Pedra de Fogo devido à incidência de sol em boa parte do dia. Raios solares aquecem as rochas e o piso maciço do morro, elevando a temperatura do ambiente e dificultando o acesso. O caminhamento é melhor realizado a partir das 14h, pois a penumbra que cobre esta parte do morro diminui consideravelmente a temperatura do ambiente.

Levando-se em conta sua inclinação, a unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo é de difícil acesso, pois os locais onde estão dispostos os painéis são formados por uma declividade muito acentuada. Há duas possibilidades de entrada: a frontal e pelas laterais, ambas as vias apresentando alto grau de dificuldade. A visibilidade é um elemento importante a ser observado: a total, do entorno para o sítio, apresenta-se de forma parcial, já que, em função da disposição dos painéis, não é possível visualizar todos em um único ponto de observação; quanto à visibilidade do sítio para o entorno, é excelente, uma vez que, em frente aos painéis, é possível visualizar de forma panorâmica o vale do rio Brumado, além de obter uma vista privilegiada da floresta que cobre a base do morro.

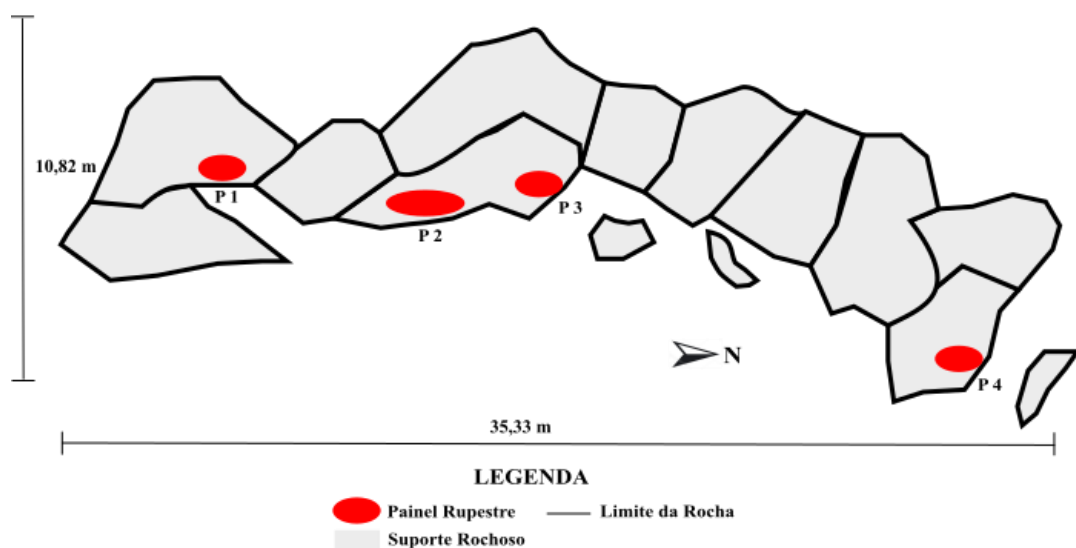
A composição granítica dos suportes, com grãos bem formados e poucas áreas lisas, somada a ações naturais e antrópicas, tem acelerado o processo de degradação das pinturas rupestres, em que a maior parte das representações estão em avançado grau de deterioração. Problemas como o deslocamento da rocha, o escorrimento mineral e pluviométrico, a insolação, juntamente às ações de mineração que ocorrem no lugar, transformaram esta unidade na mais ameaçada do sítio.

Trata-se de um espaço formado por quatro painéis rupestres, que estão localizados em diferentes suportes rochosos distribuídos pelo local. Dos painéis identificados, apenas um localiza-se no teto de uma pequena cavidade na rocha, existente em função do deslocamento e acomodação de dois grandes suportes, enquanto que os outros três foram

confeccionados na parede. É evidente que a distribuição dos painéis rupestres segue o contorno natural dos diversos afloramentos rochosos constituintes desta unidade geomorfológica/arqueológica. Utilizamos uma metodologia de análise padronizada, orientando-nos da esquerda para direita, mas é visível que a relação e composição são inversa.



IMAGEM 24: Vista frontal da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires



CROQUI 02: Planta baixa da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Reprodução digital: Róbson Caires.

4.2.1. Painel 01

O painel está situado no teto em um dos suportes rochosos laterais, onde o deslocamento das rochas criou uma curta área abrigável. A observação das pinturas é feita com o corpo projetado no piso, pois o espaço mede 1,5 m de profundidade, com 1,43 m de altura. O teto da loca está com uma pátina que provoca uma camada esmaecida muito densa, afetando diretamente os desenhos. O painel corresponde a uma área de 90 cm de comprimento, onde as pinturas estão posicionadas. Sua posição em relação aos pontos cardeais: abertura é S e orientação W-L.

Identificamos três pinturas com motivos geométricos e todas foram confeccionadas em vermelho, usando-se os dedos como técnica de produção. A primeira pintura representada é formada por linhas irregulares e pontilhadas, condição que ocorre em função do desgaste da tinta e da irregularidade da superfície do suporte rochoso. Contudo, o destaque deste painel são as duas pinturas conectadas, pois a junção delas forma uma geometrização muito impactante para o observador. O painel ainda conta com outra pintura composta por linhas não reconhecíveis.

As pinturas estão localizadas na parte central do teto da pequena cavidade, sendo que a primeira mede 23 cm de diâmetro, enquanto que a segunda e a terceira têm 13 cm. Como foi dito, estas últimas figuras são conectadas. O painel conta com uma mancha em vermelho, na qual não pode ser identificado nenhum tipo de morfologia, este borrão encontra-se na parte central do suporte.

A visibilidade do painel é nula, ou seja, não se pode observar do entorno para o local do pequeno abrigo. Quanto à possibilidade de visualização da área representada para o entorno, é parcial, uma vez que a arrumação dos suportes rochosos fornece uma pequena abertura, na qual pode ser observada, de forma bem limitada, uma parte reduzida do vale circundante. Esta condição contrasta com o restante dos painéis rupestres desta unidade, pois é neste ambiente onde encontramos o melhor ponto de visualização do vale do Brumado.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	3
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	-
Borrões (não identificáveis)	2
Total	5

TABELA 03: Descrição do Painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA PEDRA DE FOGO: PAINEL 01

UFB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
AP Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

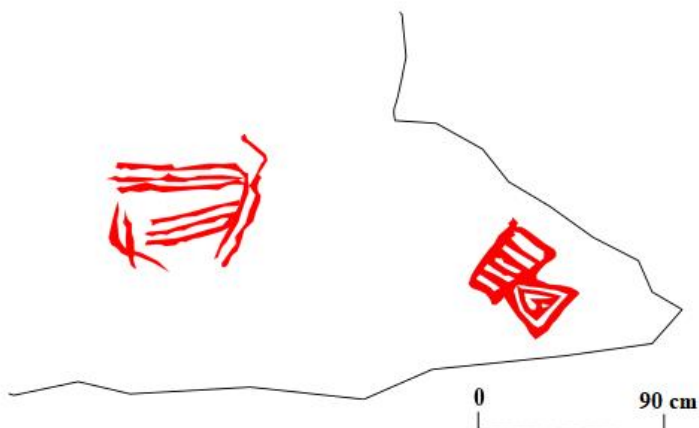
Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

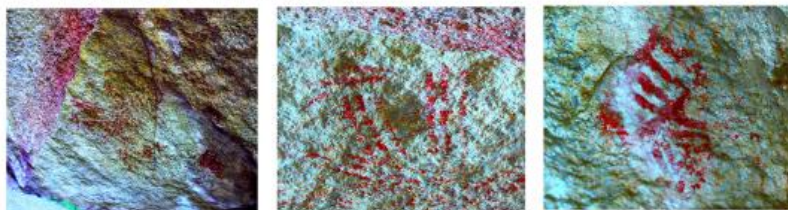
Suposte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 02: Apresentação geral do Painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.2.2. Painel 02

Dentre as diversas características apresentadas pelas pinturas rupestres deste painel, destacamos a técnica utilizada na produção das pinturas, o dedo, pois as condições físicas da rocha não permitem a utilização de instrumentos nem a produção de traços finos. Quanto ao pigmento, é monocromático, em vermelho, e todos os desenhos são confeccionados em motivos geométricos.

O painel está localizado em parede vertical e as pinturas estão situadas na parte baixa do suporte rochoso. Essa dinâmica dá-se em função da alta declividade do lugar, já que a melhor posição para observação é agachado ou sentado no chão. Na lateral direita da parede, encontra-se uma pequena reentrância, que ocorre em função da junção de duas rochas. A cavidade é bem irregular, apresentando vários sucus naturais, sendo os poucos pontos planos utilizados para a produção das figuras.

Este painel é formado por 15 pinturas reconhecíveis, e alguns borrões estão em avançado grau de deterioração, em função do intemperismo do sol, chuva e vento, que provocam severos danos ao suporte rochoso. Incidindo sobre as pinturas, podem ser observadas manchas de águas pluviométricas, eflorescência de sais, fraturas estruturais e deslocamento do suporte. Como ocorrido com as demais pinturas desta unidade geomorfológica/arqueológica, o painel apresenta apenas pinturas de motivos geométricos, estas que apresentam diâmetros entre 5 cm e 87 cm.

O painel corresponde a uma área de 5 m de comprimento e é formado por dois setores. No primeiro, parte esquerda do painel, os grafismos estão espaçados em aproximadamente 15 cm de distância de um para outro, enquanto que, no segundo setor, as pinturas estão agrupadas em uma única área. Isso ocorre em função da saliência formada pelo encontro de dois grandes blocos rochosos.

Quanto à posição do painel em relação aos pontos cardeais: sua abertura é S e sua orientação W-L. Entre os vários ambientes do sítio arqueológico, este é o local que apresenta a visão mais ampla do vale do Brumado.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	15
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	-
Borrões (não identificáveis)	3
Total	18

TABELA 04: Descrição do Painel 2, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA PEDRA DE FOGO: Painel 02



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

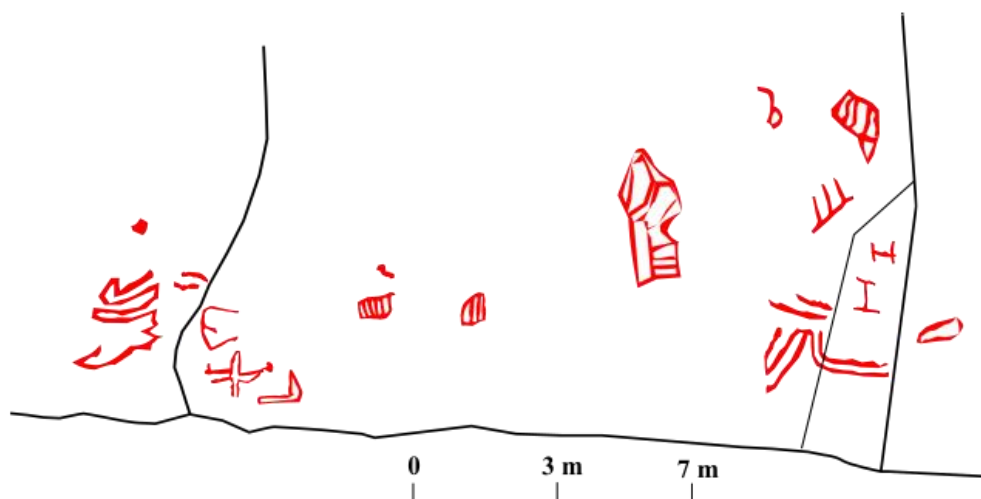
Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

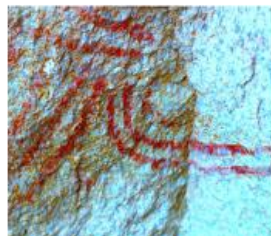
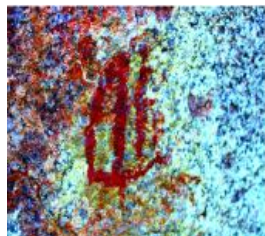
Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 03: Apresentação geral do Painel 2, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.2.3. Painel 03

Este painel parece seguir a mesma dinâmica do anterior, pois temos a sensação de um caminho rupestre pelo Morro do Engenho, em que a posição das pinturas acompanha a dinâmica de caminhamento no terreno em alta declive e a posição no suporte rochoso desta unidade geomorfológica/arqueológica. As pinturas rupestres desse painel localizam-se na parede vertical de um grande suporte e foram produzidas em meia altura, sendo possível sua observação com o corpo ereto. É um conjunto de 17 pinturas reconhecíveis e alguns borrões que não são possíveis de serem identificados.

Quanto ao universo temático, há o predomínio de pinturas geométricas, mas com pinturas figurativas, que sugerem terem sido produzidas com os dedos, sendo que todas foram pintadas em vermelho. Entretanto, uma pequena pintura geométrica foi confeccionada com uma espécie de pincel fino, único exemplo desta técnica em toda a dimensão do sítio arqueológico Morro do Engenho. A técnica de utilização de pincéis finos geralmente é empregada em suportes rochosos que apresentam superfície com granulometria fina, muito diferente da realidade rochosa da área em estudo.

Por tratar-se de um painel em parede a céu aberto, as pinturas estão em um avançado grau de deterioração, muito em razão do intemperismo provocado pelas ações do sol, vento e chuva. O suporte rochoso está cortado por rachaduras, parte do painel já se despreendeu, danificando por completo algumas pinturas. Em função desse desprendimento da rocha, temos um pequeno resquício do que foi uma pintura figurativa, pois parte de uma representação de um braço permanece no painel. É possível que esta pintura apresente morfologia diferenciada da de outros desenhos figurativos, pois os dedos foram confeccionados com o pincel fino, técnica não encontrada nas demais pinturas figurativas existentes no sítio. O painel está voltado para o sentido norte e sua posição em relação aos pontos cardeais é: sua abertura é S e sua orientação é S-N. O painel apresenta as seguintes dimensões: altura de 80 cm e comprimento de 1,30 m. Já as pinturas medem entre 30 cm e 70 cm de diâmetro.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	15
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	1
Borrões (não identificáveis)	3
Total	19

TABELA 05: Descrição do Painel 3, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA PEDRA DE FOGO: PAINEL 03

UFB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
AP Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

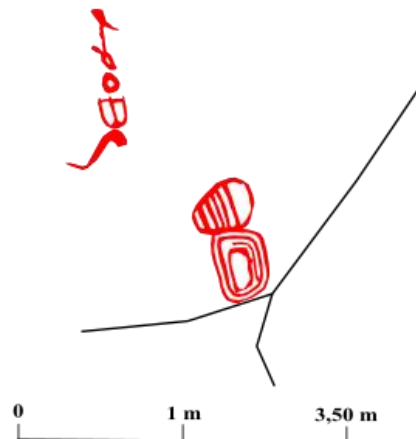
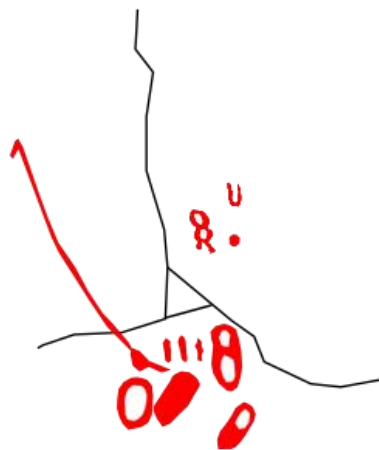
Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 04: Apresentação geral do Painel 3, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.2.4. Painel 04

As pinturas rupestres deste painel localizam-se em um dos suportes rochosos mais próximos da base do morro. É um conjunto de cinco pinturas reconhecíveis e alguns borrões que não são possíveis de serem identificados. Quanto ao universo temático, há o predomínio de pinturas geométricas, duas, produzidas com os dedos, e todas foram pintadas em vermelho. Mas, uma pintura, ao menos, parece ter sido confeccionada utilizando outra técnica, o que se afirma pela sua composição, pois esse signo tem o interior preenchido com um contorno bastante acentuado. O preenchimento apresenta um tom de vermelho mais claro, enquanto o contorno, um vermelho mais escuro e intenso.

O painel apresenta as seguintes dimensões: altura de 80 cm e comprimento de 2,67 m. Quanto às pinturas, medem entre 30 e 70 cm de diâmetro. Sua posição em relação aos pontos cardeais: abertura é S e orientação é S-N. A observação deste painel rupestre é melhor percebida se sentado no piso rochoso, pois segue a mesma dinâmica de alta declividade.

As pinturas cobrem toda a área do suporte, que naturalmente apresenta uma forma quadrada, onde as pinturas foram confeccionadas uma paralela à outra, sendo que as duas últimas são agrupadas aparentando ter uma conectividade representativa. No entanto, o destaque para este conjunto é a segunda pintura, de natureza figurativa, do tipo antropomórfica, que apresenta morfologia muito curiosa e não recorrente para o padrão do sítio. Trata-se de uma figura humana que sugere movimento, pois os braços e as pernas estão em posições fétidas, sugerindo movimentações.

Por se tratar de um painel em parede a céu aberto, as pinturas estão em um avançado grau de deterioração, muito em razão de agentes naturais, como o sol, o vento e a chuva. Uma pátina muito densa cobre as pinturas, dificultando sua observação, que é melhor com a penumbra formada pelo morro no período da tarde.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	4
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	1
Borrões (não identificáveis)	2
Total	7

TABELA 06: Descrição do Painel 4, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA PEDRA DE FOGO: PAINEL 04

UFB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
AP Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

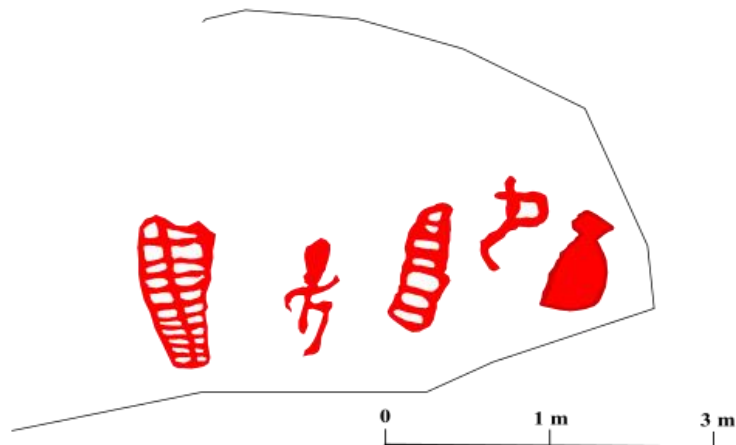
Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

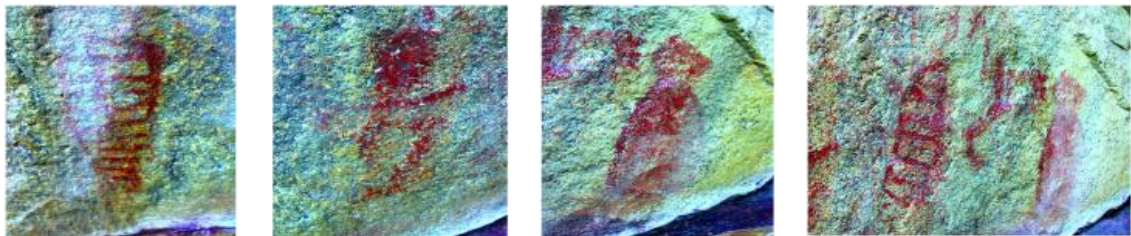
Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 05: Apresentação geral do PAINEL 4, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.3. Unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias

O ambiente é composto por três blocos grandes agrupados. Um bloco menor, separado do conjunto, localizado nas coordenadas UTM 24L E 200338,957 / N 8471008,184, com altitude de 486,396 m, um perímetro de 89,37 m e uma área total de 439,13 m². Formado por uma grande declividade, o acesso é difícil, ocorre pelas pedras que estão dispostas na base do morro.

A vegetação do perímetro é baixa, com pouca densidade, o entorno é composto por macambiras⁵³ (*Encholirium spectabilis*), plantas espinhosas, encontram-se também, musgos, que envolvem parte dos suportes por estas áreas serem locais de escoamento de água da chuva. Vale lembrar que estes são nichos muito presentes em morros e serras do sertão nordestino. Esta condição é mais um obstáculo de acesso ao local, pois estes musgos, quando secos, oferecem riscos aos observadores de alguns painéis, de modo que a área, em função disso, é muito escorregadia.

Na base do morro, o predomínio é da vegetação de Caatinga lenhosa, com árvores de médio e grande porte. A visibilidade do sítio é boa, sendo que do solo é possível visualizar os grandes suportes rochosos que dão nome à unidade geomorfológica/arqueológica e, de forma parcial, são observados alguns dos painéis rupestres. Quanto à visão que se tem da unidade para o ambiente circundante, é excelente, já que, na posição em que se encontram os painéis, tem-se uma visão panorâmica de todo o vale do Brumado e, ao fundo, as Serra das Almas e Rio de Contas.

O estado de conservação é ruim, os suportes apresentam discretas fraturas, áreas de esfoliação e de deslocamento e, por consequência, estes agentes da degradação comprometem a integridade das pinturas. Ações naturais, somadas a elementos antrópicos, aceleram a deterioração do conjunto rupestre, de forma que muitos dos desenhos não são mais identificáveis devido ao alto índice de destruição.

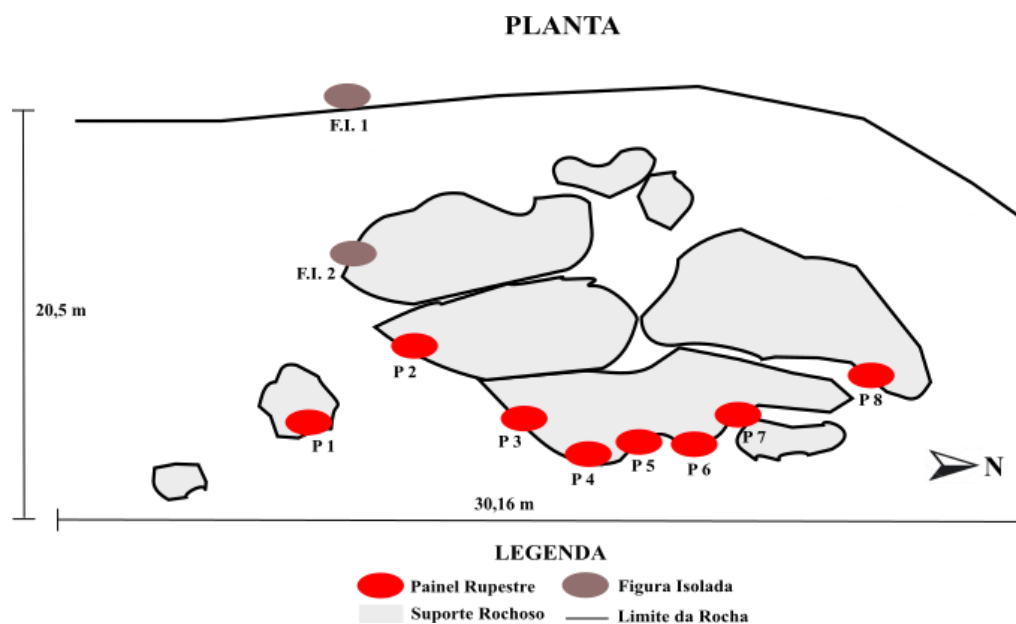
Essa unidade geomorfológica/arqueológica é formada por oito painéis rupestres, com maioria dos motivos geométricos, mas com presença de pinturas figurativas e um grande número de borrões que não podem ser identificados. Nesta unidade, encontramos algumas pinturas isoladas, todas geométricas. A policromia é característica de boa parte

⁵³ Planta da família das Bromeliáceas (*Bromelia laciniosa*), encontrada nas regiões mais quentes e secas das caatingas brasileiras, cujos rizomas e raízes, muito ramificados, cobrem, juntamente com as folhas grandes de bordos espinhosos, extensas áreas; as folhas fornecem fibras e os rizomas contêm grandes reservas de água e são amiláceos; frequentemente vive associada com o xiquexique.
<https://www.dicio.com.br/macambiras/>

dos painéis e, dentre as tonalidades presentes, temos o vermelho (claro e escuro), o amarelo e o preto. A condição policromática de alguns painéis chama a atenção, uma vez que o quarto painel é marco na paisagem, destacando-se como o que mais desperta curiosidade entre os observadores.



IMAGEM 25: Vista panorâmica da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.



CROQUI 03: Planta baixa da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Reprodução digital: Róbson Caires.

4.3.1. Painel 01

Localiza-se no suporte separado do conjunto principal, suas dimensões são de 3 m de altura e 2,5 m de comprimento e a área pintada é de 76 cm de altura e 94 cm de largura. As pinturas estão em avançado estado de destruição, não sendo possível identificar os motivos representados, salvo um pequeno conjunto de linhas paralelas. O suporte rochoso apresenta ausência de inclinação, condição esta que afeta diretamente no painel, uma vez que as pinturas ficam expostas diretamente aos agentes naturais.

Quanto à dimensão técnica, pode-se dizer que os traços das figuras foram produzidos a dedo, com exceção de uma mancha, a qual sugere ter como técnica construtiva a chamuscagem. O painel apresenta um ordenamento temporal, composto por sobreposições de pinturas rupestres, espaço em que são observadas três tonalidades, duas na cor vermelha e uma em amarelo. As pinturas com o vermelho mais claro foram produzidas num primeiro momento, já as em vermelho ocre e amarelo foram confeccionadas em um momento posterior.

Foram identificadas nove pinturas e algumas manchas, que não são possíveis de serem classificadas. Em destaque, no painel, encontra-se uma figura com quatro linhas paralelas e duas verticais, imagem sobreposta a uma grande pintura preenchida ao fundo, sendo um conjunto de linhas paralelas formados na cor vermelha, com o tamanho de 13 cm de comprimento cada uma. Nota-se uma linha paralela composta por 3 outras linhas perpendiculares de 7 cm e por uma linha de 8 cm, além de uma forma geométrica em amarelo que circunda um conjunto de 3 linhas paralelas em vermelho.

O painel tem sua face voltada para o leste, apresentando uma excelente condição de visibilidade, pois é possível observar, de forma panorâmica, o vale que circunda a unidade geomorfológica/arqueológica. Acreditamos que foi possível, no passado, a observação do painel a partir da base do morro, em diversos ângulos, mas, em função do seu estado de deterioração, sua observação é escassa na contemporaneidade.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	8
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	-
Borrões (não identificáveis)	3
Total	11

TABELA 07: Descrição do Painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA TRÊS MARIAS: PAINEL 01

UF B Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

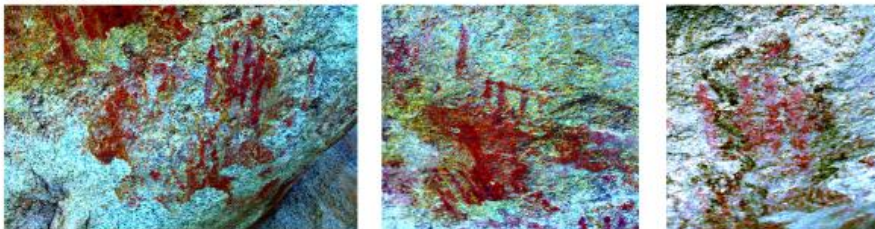
Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 06: Apresentação geral do Painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.3.2. Painel 02

Situado na parte lateral do conjunto de suportes rochosos que formam a unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, confeccionado em parede, o segundo painel tem suas dimensões de 72 cm de altura e 1,89 m de comprimento. Da esquerda para a direita, tem início com duas pinturas do tipo figurativa: uma zoomórfica, que se assemelha a um lagarto, e uma antropomorfa, com os membros bem definidos, ambas monocromáticas em vermelho, tendo o dedo como técnica de composição. A primeira apresenta as dimensões de 12 cm de comprimento, enquanto que a segunda apresenta 5 cm de comprimento. O painel possui um outro conjunto de pinturas, também figurativas: tem uma fileira (com 23 cm de comprimento) de seis antropomorfos, representados com os braços levantados, e se completa com uma figura tridígita de 6 cm

Todas as pinturas foram confeccionadas em vermelho e utilizando-se o dedo como técnica de produção. O painel está voltado para o sul, onde é possível observar parte da lateral do Morro do Engenho e do contorno da Serra do Meio, porém a visibilidade do entorno para o painel é escassa, pois sua posição lateral impede a observação das pinturas. Em relação ao vale do Brumado, sua visão é parcial, visto que os suportes rochosos formadores desta unidade geomorfológica/arqueológica, neste ângulo, apresentam uma obstrução que compromete boa parte da visualização da área circundante.

O estado de conservação é regular, pois o desgaste do suporte, advindo de ações naturais, contribuiu para o enfraquecimento da tonalidade dos desenhos representados. Dentre essas ações do intemperismo, o vento e a chuva estão promovendo, no suporte rochoso, um grande desgaste erosivo, que interfere diretamente no painel. O conjunto principal exhibe um elevado grau de desagregação da rocha, mostrando-se bastante fragmentado e comprometendo, em alguns casos, a integridade das pinturas; já o suporte possui fraturas estruturais. Queimadas da vegetação nativa, na base do morro, indiretamente afetam as pinturas, uma vez que a elevação da temperatura dos suportes rochosos promove rachaduras, deslocamentos e outras ações irreversíveis no morro.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	1
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	8
Borrões (não identificáveis)	-
Total	9

TABELA 08: Descrição do Painel 2, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA TRÊS MARIAS: PAINEL 02

UFB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
AP Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

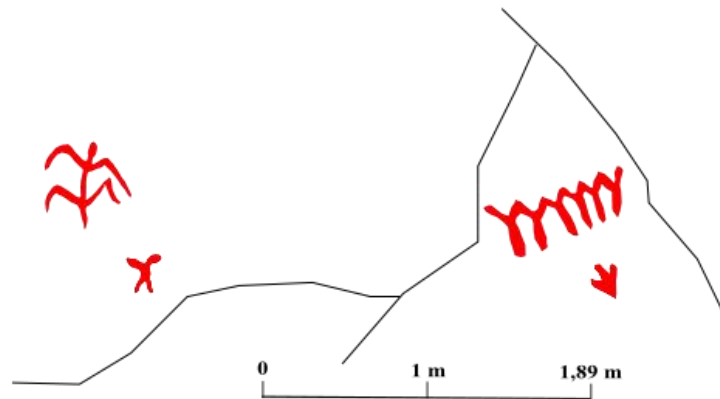
Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 07: Apresentação geral do PAINEL 2, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.3.3. Painel 03

Localiza-se na parte lateral de um dos grandes suportes rochosos formadores desta unidade geomorfológica/arqueológica. Sua orientação é voltada para o sul, de onde é possível observar parte da lateral do Morro do Engenho e do contorno da Serra do Meio. A visibilidade do entorno para o painel é escassa, pois sua posição lateral impede a observação das pinturas. Em relação ao vale do Brumado, sua visão é parcial, já que os suportes rochosos formadores desta unidade geomorfológica/arqueológica, neste ângulo, apresentam uma obstrução que dificulta boa parte da visualização da área circundante.

O painel apresenta 2,18 m de largura e 1,77 m de altura, onde foram identificadas vinte e uma pinturas. Quanto ao ordenamento temporal, no painel ocorrem sobreposições de pinturas, de modo que as figuras em vermelho ocre foram feitas primeiro e as em vermelho claro, depois. Há uma maior densidade pictural no lado esquerdo do painel, com predominância de motivos geométricos, alguns preenchidos, mas o destaque vai para o carimbo de um braço que se localiza na região central da área representada.

A maior parte das pinturas contidas no painel não foi identificada, devido ao desgaste da tinta, monocromática em vermelho. Quanto à técnica de realização, nota-se que os traços delineadores das figuras foram efetuados com os dedos das mãos, e que não há evidências de tratamento prévio do suporte. Os braços humanos representados no painel parecem ter sido confeccionados com a técnica do preenchimento, utilizando-se uma espécie de pincel grosso na aplicação da tinta.

O estado de conservação do painel é ruim, devido aos agentes naturais que incidem diretamente no suporte rochoso, e, conseqüentemente, nas pinturas rupestres. A ação pluviométrica e a constante incidência eólica comprometem diretamente as figuras, diminuindo consideravelmente as cores das pinturas e possibilitando a observação de boa parte do painel somente através da utilização do aplicativo eletrônico *DStretch*, que apresenta diversas camadas de cores.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	12
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	9
Borrões (não identificáveis)	5
Total	26

TABELA 09: Descrição do Painel 3, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA TRÊS MARIAS: Painei 03

UFB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
AP Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

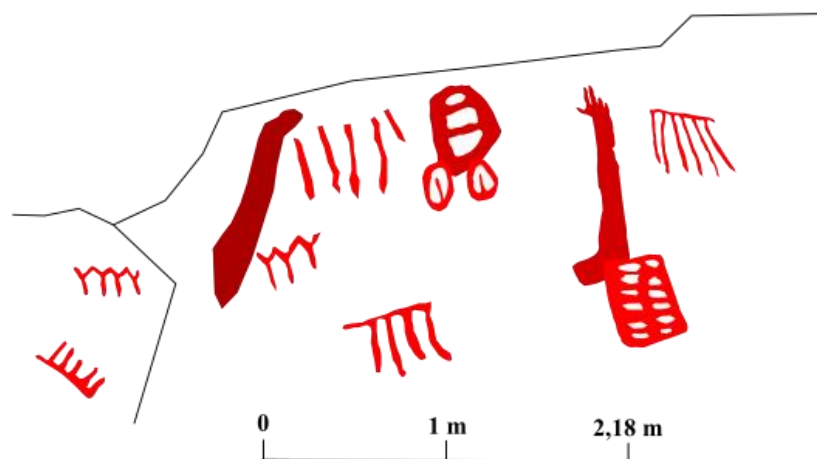
Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

Suporte Rochoso



Painei Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 08: Apresentação geral do Painei 3, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.3.4. Painel 04

Situado na parte frontal do primeiro suporte, com 2,36 m de comprimento e 1,92 m de altura, contém as pinturas mais impactantes ao olhar do observador, devido à policromia em vermelho (claro e ocre) e em amarelo. Quanto ao ordenamento temporal, o painel exhibe apenas um momento pictórico. São observadas duas sequências, em que se encontram pintadas figuras geométricas, confeccionadas a dedo. As pinturas medem entre 5 cm e 70 cm de diâmetro.

Foi possível identificar 18 pinturas reconhecíveis no painel e alguns borrões. Dentre o conjunto de pinturas que formam este painel, salienta-se acerca da pintura central, confeccionada em amarelo com contorno vermelho, que é uma linha bifurcada na parte superior. Sua centralização sugere ser o ponto mais importante do painel, pois, a todo instante, os olhos são atraídos por esta imagem, o que parece evidenciar a sua relevância cênica e, talvez, simbólica no conjunto pintado. Outro destaque vai para o conjunto de linhas paralelas, que aparecem em grande número.

As figuras rupestres estão expostas aos agentes naturais do intemperismo, como o vento, a chuva e o sol, que incidem diretamente sobre as pinturas; há, sobre o suporte rochoso, manchas de águas pluviométricas, líquens, deslocamentos e fraturas. O suporte possui algumas rachaduras com médio grau de desagregação da rocha, as quais se mostram bastante friável e comprometendo, em alguns casos, a integridade das pinturas. Uma cavidade lateral com profundidade de 10 cm, aproximadamente, ameaça todo o painel rupestre.

Sua posição em relação aos pontos cardeais: a abertura é S e orientação L-W. Acerca de sua localização no suporte rochoso, este painel apresenta excelente visibilidade do sítio para o entorno, onde é possível observar, de forma panorâmica, o vale do Brumado, com a Serra das Almas e Rio de Contas ao fundo. Do entorno para o sítio, o painel pode ser observado na base do morro, em diversos ângulos e distâncias. Sua topografia é formada por uma declividade acentuada, dificultando seu acesso.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	20
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	-
Borrões (não identificáveis)	1
Total	21

TABELA 10: Descrição do Painel 4, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA TRÊS MARIAS: PAINEL 04

UFB Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
AP Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 09: Apresentação geral do Painel 4, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.3.5. Painel 05

Situado em uma saliência de formato côncavo na rocha, apresenta 4,05 m de largura e 1,5 m de altura, sendo munido de um repertório bem variado de figuras rupestres, com o predomínio de motivos geométricos. No centro, localiza-se uma imagem em destaque, que acreditamos representar um antropomorfo caricaturado⁵⁴, com 15 cm de diâmetro. Quanto ao ordenamento temporal, há sobreposições de pinturas, com uma policromia em vermelho (ocre e claro), amarelo e preto. A técnica aditiva utilizada foram os dedos das mãos.

As pinturas rupestres estão expostas aos agentes do intemperismo, como o vento, a chuva e o sol, os quais incidem sobre o painel, resultando no aparecimento de manchas de água pluviométrica, sendo este o fenômeno mais ameaçador, pois esta ação provoca uma pátina esmaecida. Há um elevado grau de desagregação da rocha na ponta do suporte, que se mostra bastante fragmentado, comprometendo, em alguns casos, a integridade das pinturas; o suporte contém fraturas estruturais, que a qualquer momento podem desprender-se, desabando morro abaixo.

Muitas das figuras não são reconhecíveis, em função do avançado estado de degradação, identificadas apenas por borrões. No entanto, foi possível localizar pinturas – em sua maioria, geométricas – que nos fornecem uma leitura parcial do painel. Linhas paralelas, quadrados e figuras em zigue-zague formam o conjunto pintado desse espaço, onde conseguimos identificar um total de 15 desenhos rupestres.

A visualização do painel é excelente, tanto do sítio para o entorno, o Vale do Brumado, quanto da base do morro, onde podemos observar de vários ângulos e distâncias o conjunto rupestre. Sua posição em relação aos pontos cardeais: a abertura é S e a orientação L-W.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	35
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	3
Borrões (não identificáveis)	14
Total	52

TABELA 11: Descrição do Painel 5, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

⁵⁴ Desenho que apresente elementos de adorno, roupas, acessórios. Por tratar-se de figuras com um grau de abstração elevado, esta afirmativa é apenas uma suposição, apesar de este trabalho não entrar nesse mérito de interpretação.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA TRÊS MARIAS: PAINEL 05

UF^B Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

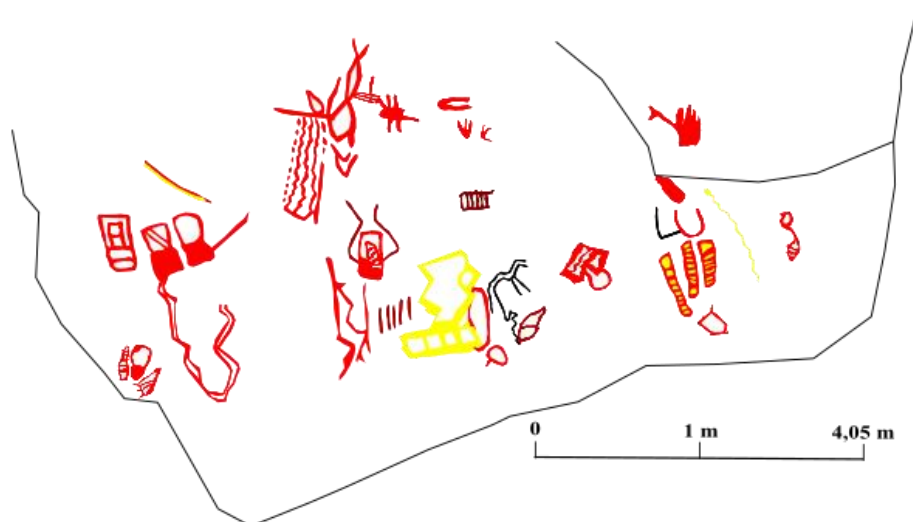
Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 10: Apresentação geral do PAINEL 5, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.3.6. Painel 6

Está localizado na parte oposta da cavidade côncava existente no suporte rochoso, suas dimensões são de 2,15 m de largura por 1,78 m de altura, formado por figuras espaçadas em motivos geométricos e figurativos. Quanto ao ordenamento temporal, nota-se apenas um momento pictórico, com policromia em vermelho e amarelo, aplicados a dedo.

Dentre as pinturas representadas neste painel, destaca-se a representação de um felino, que tem diâmetro de 7 cm. O universo figurativo completa-se com um grupo de quatro antropomorfos em miniatura, posicionados entre uma linha em zigue-zague, além de um carimbo de uma mão, preenchido. No entanto, o predomínio é de figuras geométricas das mais variadas formas, sendo que a pintura seis do painel é recorrente, aparecendo em vários painéis desta unidade geomorfológica/arqueológica; trata-se de sete linhas horizontais ligadas a uma linha vertical. Além disso, uma fileira de figuras humanas em miniaturas complementa o painel.

Sua posição em relação aos pontos cardeais: a abertura é S e a orientação é L-W. Em função de sua localização no suporte rochoso, este painel apresenta excelente visibilidade do sítio para o entorno, onde é possível observar, de forma panorâmica, o Vale do Brumado, com a Serra das Almas e Rio de Contas ao fundo. Do entorno para o sítio, o painel pode ser observado na base do morro em diversos ângulos e distâncias. Sua topografia é formada por uma declividade acentuada e seu acesso é difícil

O estado de conservação do painel é ruim, apresentando avançado grau de degradação, muito em razão da incidência direta do sol, chuva e vento. O deslocamento do suporte rochoso e o escoamento pluviométrico são as principais ameaças à integridade das figuras rupestres. A maior parte das pinturas não é identificável, pois são borrões.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	11
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	6
Borrões (não identificáveis)	3
Total	20

TABELA 12: Descrição do Painel 6, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA TRÊS MARIAS: PAINEL 06

UF^B Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

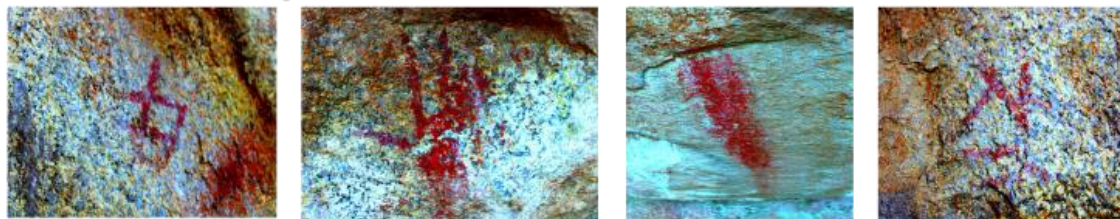
Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 11: Apresentação geral do Painel 6, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.3.7. Painel 07

Está localizado no suporte central, com dimensões entre 2,21 m de largura e 1,5 m de altura. As pinturas estão circunscritas na parte inferior da rocha, fato recorrente entre os painéis do sítio arqueológico Morro do Engenho, em razão da declividade do solo rochoso no qual estão situados.

As figuras apresentam predominância de motivos geométricos e uma pintura figurativa, do tipo zoomórfica. O painel ainda contém alguns borrões com a identificação de seus traços impossibilitada. Em função do universo geométrico dominante, é importante ressaltar a única pintura figurativa, representação de um cervídeo, de 32 cm de comprimento e 27 cm de altura. O tamanho dessa pintura foge do padrão em que os outros zoomorfos foram confeccionados no sítio arqueológico. Da mesma forma que foi descrita no painel anterior, a pintura quatro é recorrente e aparece de vários tamanhos e posições nesta unidade geomorfológica/arqueológica e corresponde a cinco linhas onduladas ligadas a uma linha vertical.

A técnica utilizada na confecção das figuras é o dedo, e a única pintura figurativa, com motivo zoomórfico, parece ter sido confeccionada com a técnica de preenchimento. O espaço pictórico apresenta apenas uma única fase de construção, sendo bicrômico, em vermelho e amarelo.

Sua posição em relação aos pontos cardeais: abertura é S e orientação é L-W. A observação deste painel rupestre é melhor se sentado no piso rochoso, pois segue a mesma dinâmica de alta declividade. A visibilidade é excelente do painel para o entorno, sendo possível visualizar todo o Vale do Brumado e, ao fundo, a Serra das Almas e Rio de Contas. Da base do morro, é possível visualizar o painel de diversos ângulos e distâncias.

Quanto à conservação do painel, é ruim, pois o intemperismo do sol, vento e chuva danificaram parte das figuras. O escorrimento mineral e o deslocamento do suporte rochoso, somados a dejetos de animais, são os problemas mais pontuais.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	12
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	1
Borrões (não identificáveis)	1
Total	14

TABELA 13: Descrição do Painel 7, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA TRÊS MARIAS: PAINEL 07

UF B Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 12: Apresentação geral do Painel 7, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.3.8. Painel 08

Localiza-se em parede, possui 1,25 m de largura e 3,04 m de altura, é situado no último bloco da unidade figurativa, volta-se para noroeste e foi confeccionado em uma pequena fenda entre os suportes rochosos. A área pintada foi preparada, pois nota-se o acabamento realizado na rocha. Por se tratar de uma área curta entre dois suportes rochosos, não se tem visualização direta do espaço, apenas o ambiente pictórico posicionado na fenda da pedra.

Os motivos encontrados são geométricos e um figurativo, monocromáticos em vermelho, todos confeccionados a dedo. O painel conta com sete pinturas, sendo que, dentre o conjunto, o destaque é da maior figura, composta por duas linhas perpendiculares que começam na base da rocha, de forma horizontal, e sobem verticalmente, seguindo o contorno e a saliência do suporte. No entanto, a pintura figurativa, do tipo zoomorfa, que parece representar um pássaro, chama a atenção pela noção de movimento, sugerindo que a ave está em pleno voo, condição incomum às pinturas deste sítio. A menor pintura tem 6 cm de diâmetro, enquanto que a maior chega a 1,25 m de comprimento, mostrando que as representações deste painel, com relação ao tamanho, são bastante variadas.

Sua visibilidade do entorno para o sítio é nula, pois a fenda onde foi confeccionado o painel não oferece nenhum campo de visão, de modo que sua observação só é possível nas proximidades do buraco, entre um suporte e outro. Essa realidade muda do sítio para o entorno, já que, neste caso, seguindo a mesma dinâmica dos outros painéis, é possível observar, de forma panorâmica, todo o Vale do Brumado e as serras circundantes.

Quanto ao estado de conservação do painel, é ruim. A ação pluviométrica produziu uma espessa cobertura esbranquiçada na rocha e está, gradativamente, apagando quase que por completo as figuras rupestres. Outros problemas são visíveis, tais como o deslocamento da rocha e os dejetos e ninhos de animais, que ajudam na deterioração das pinturas

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	6
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	1
Borrões (não identificáveis)	5
Total	12

TABELA 14: Descrição do Painel 8, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA TRÊS MARIAS: PAINEL 08

UF B Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

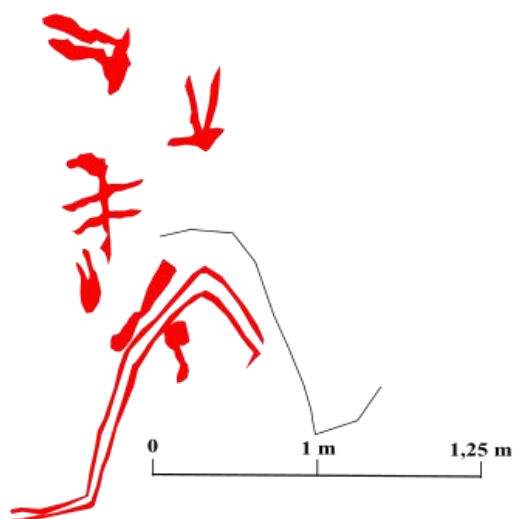
Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

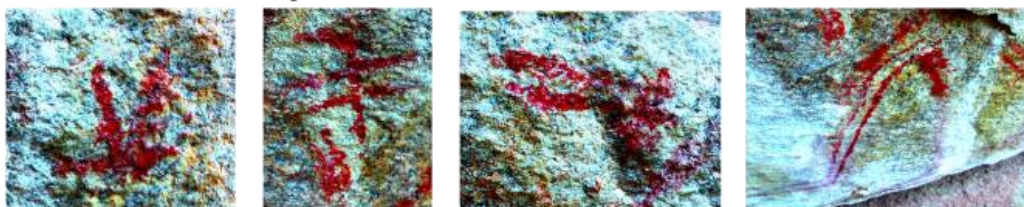
Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 13: Apresentação geral do PAINEL 8, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.3.9. Pinturas Isoladas



São duas pinturas em motivo geométrico, confeccionadas a dedo, de pigmentação monocromática em vermelho. A primeira localiza-se na área de contorno, aos fundos dos suportes rochosos que fazem parte desta unidade. Trata-se de um círculo com 13 cm de diâmetro e com linhas paralelas, verticais e horizontais, no seu interior. A segunda está localizada no bloco de rocha situado na lateral e a arquitetura do suporte completa-se com a sobreposição de outros blocos rochosos, formando um pequeno buraco na parte frontal. A pintura é composta por seis linhas côncavas, que medem 10 cm de comprimento, forma geométrica recorrente, pois outros desenhos com a mesma feição foram encontrados em outros painéis do sítio.

Quanto à visibilidade das pinturas, é regular, a observação é possível com o caminhamento e exploração da unidade geomorfológica/arqueológica, já que sua condição de fundo e o fato de serem pinturas isoladas dificultam a orientação. A partir das pinturas isoladas, pode-se visualizar os painéis 2 e 3 desta feição e parte do Vale do Brumado. A primeira pintura tem sua posição em relação aos pontos cardeais: a abertura é S e a orientação é L-W, enquanto que a segunda tem sua posição com abertura S e sua orientação é S-N.

O estado de conservação é regular, pois as pinturas rupestres estão expostas aos agentes naturais do intemperismo, como o vento, a chuva e o sol. O escorrimento mineral é a ação de maior impacto nessas pinturas, uma vez que parte delas está coberta por uma camada esbranquiçada que escorre na rocha. Outro agente de destruição são as vespas, que fazem suas casas sobre as figuras

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	2
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	-
Borrões (não identificáveis)	-
Total	2

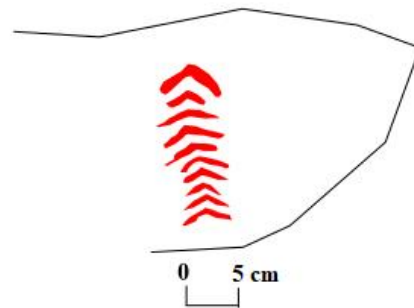
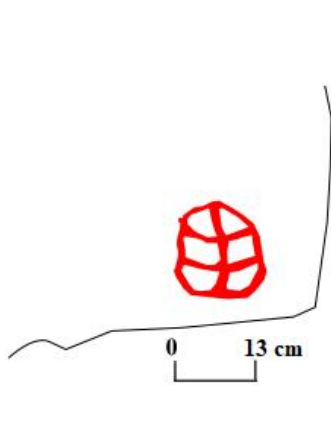
TABELA 15: Descrição das pinturas isoladas, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA TRÊS MARIAS: Pinturas Isoladas	
 Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural	As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil Aluno: Róbson Bonfim de Caires Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

Suporte Rochoso



Suporte Rochoso



Pinturas Rupestres



PRANCHA 14: Apresentação de pinturas isoladas, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

4.4. Unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho

Situado na base do morro, trata-se de uma pequena laje, cujas pinturas foram confeccionadas no teto. A área é formada por um amontoado de rochas que foram se deslocando do alto. A arquitetura do suporte principal é constituída pela acomodação de um grande bloco sobre outros que o sustentam na parte de baixo. Esta unidade geomorfológica/ arqueológica localiza-se nas coordenadas UTM 24 L E 200330,780 / N 8471012,979, com altitude de 475,580 m. Para chegar ao ambiente pretendido, é necessário escalar algumas rochas, sendo essa uma disposição de fácil acesso.

Foram observados, entre as rochas formadoras desta unidade, um total de 8 objetos líticos lascados. Este achado indica que a área foi bastante ocupada, de modo que, talvez por ser próxima do solo, o número de instrumentos líticos é maior que o encontrado nas outras unidades geomorfológicas/arqueológicas existentes no sítio.

A unidade é formada por um painel rupestre, com dez (10) pinturas com motivos geométricos e apenas dois (2) figurativos, do tipo antropomórfico, além de alguns borrões que não são possíveis de serem identificados. Esta predominância pela geometrização reflete a natureza deste sítio arqueológico, por ser esta temática dominante em todos os ambientes pintado do morro.

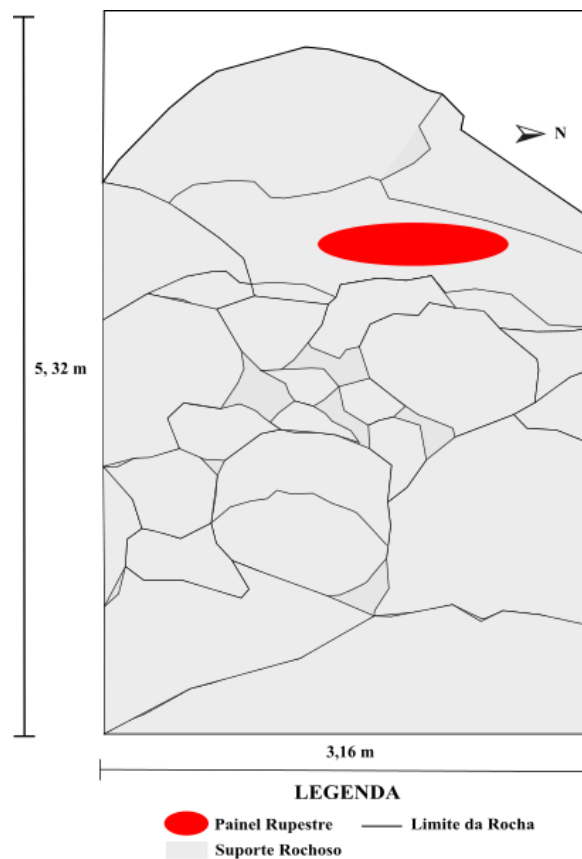
A vegetação na base é composta, por uma pequena parte, de floresta de Caatinga primária, com árvores de grande e pequeno portes. No perímetro do abrigo, encontramos algumas plantas que, nos períodos de estiagem, perdem suas folhagens, facilitando assim a chegada na área pintada. A unidade geomorfológica/arqueológica é formada por apenas um painel, que, por sua vez, é composto por uma unidade figurativa.

O estado de conservação dessa unidade é ruim, sendo este conjunto rupestre o mais ameaçado de todo o sítio arqueológico, em razão de o painel estar quase apagado por completo. Dentre as ações naturais que provocam a destruição das pinturas rupestres, a atividade pluviométrica é a que mais contribui com a deterioração. Isso ocorre em função da acentuada inclinação do suporte rochoso, que faz com que, em épocas de chuvas, escorra muita água por todo o painel rupestre.

Desta unidade, temos acesso a uma outra, que se localiza mais acima, Três Marias e, em razão dessa dinâmica, tem-se da Lapinha do Velho uma visão total dos painéis rupestres. Essa conexão entre uma unidade e outra nota-se em todos os ambientes do sítio arqueológico, pois acreditamos ser este mecanismo uma estratégia pensada e programada na intenção de promover um integração entre as unidades geomorfológicas-arqueológicas.



IMAGEM 26: Vista frontal da unidade geomorfológica/arqueológica, Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.



CROQUI 04: Planta baixa da unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Reprodução digital: Róbson Caires.

4.2.1. Painel 1

Localiza-se no teto da pequena laje, apresentando 1,71 m de altura e 2 m de comprimento, a área representada tem 76 cm de altura e 1,47 cm de largura. O suporte conta com uma área com polimento natural, que difere dos outros suportes encontrados no sítio, e uma outra com superfície bem áspera. O espaço é composto por um painel que já se apagou quase por completo, sendo possível identificar apenas algumas figuras completas e alguns traços. Em relação à dimensão técnica, pode-se dizer que os traços das figuras foram produzidos a dedo, utilizando-se a monocromia em vermelho. O painel rupestre tem sua posição em relação aos pontos cardeais: abertura é S e orientação é L-W

A visão do painel é parcial. Dessa forma, foram identificados apenas parte das pinturas rupestres, alguns motivos geométricos, antropomorfos e borrões⁵⁵. As duas primeiras figuras apresentam características humanas, pois membros superiores e inferiores distinguem as imagens, a primeira com 10 cm de largura e a segunda com 20 cm. Esta segunda pintura humana foi representada em perfil, situação que sugere movimento, sendo que poucos foram os signos encontrados no sítio arqueológico Morro do Engenho com esta característica. As outras figuras são do tipo geométricos, compostas por um traço de 5 cm de comprimento e por um quadrado de 10 cm de altura e 5 cm de comprimento. Alguns traços espaçados no painel podem ter sido uma pintura maior que foi apagando-se com a ação do tempo.

Como foi dito, o estado de conservação é ruim, pois ações naturais, tais como chuva, vento e sol aceleram o processo de destruição das pinturas. Além do escorrimento mineral, uma pátina densa que se forma no suporte rochoso, ocorrem interferências de animais, como dejetos e ninhos.

TIPOS DE FIGURAS	QUANTIDADE
Geométricos	10
Figurativos (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo...)	2
Borrões (não identificáveis)	7
Total	19

TABELA 16: Descrição do Painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

⁵⁵ São desenhos que não são possíveis de serem reconhecíveis, por estarem em um grau de deterioração tão avançado que o que visualizamos são apenas manchas, borrões.

UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA LAPINHA DO VELHO : PAINEL 01

UF^B Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia e Patrimônio Cultural

As Pinturas Rupestres do Morro do Engenho,
Dom Basílio, Bahia, Brasil

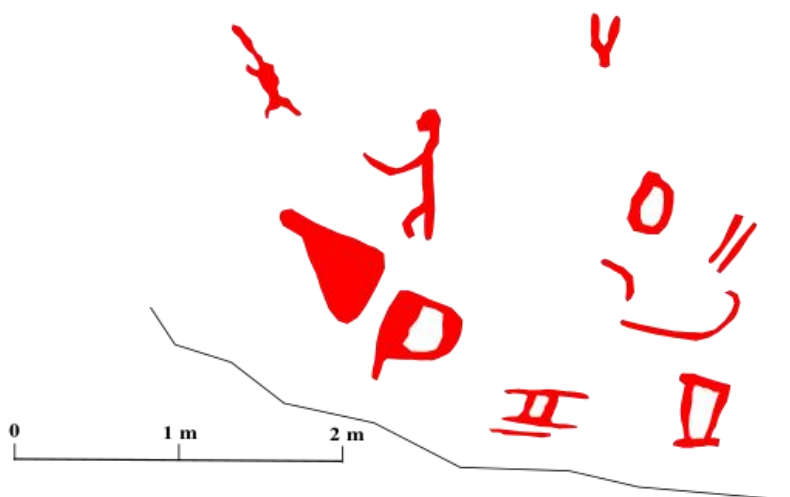
Aluno: Róbson Bonfim de Caires

Orientador: Dr. Carlos Alberto Santos Costa

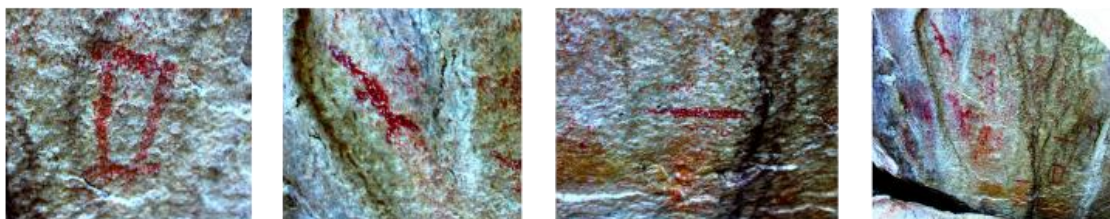
Suporte Rochoso



Painel Rupestre



Amostra das Pinturas Rupestres



PRANCHA 15: Apresentação geral do Painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

5. DISCUSSÕES DOS DADOS DA PESQUISA

Esta seção tem como propósito apresentar os resultados das análises realizadas para este trabalho, no intuito de gerar o maior número possível de informações acerca das pinturas rupestres observadas e, conseqüentemente, apresentar um panorama geral do sítio arqueológico em estudo. Através da reflexão acerca dos dados tabulados para esta pesquisa, apresentaremos as principais características das pinturas rupestres formadoras das unidades geomorfológicas/arqueológicas existentes no Morro do Engenho. Tais análises fundamentam-se em parâmetros de classificação previamente selecionados.

Nessa direção, foram analisadas uma série de elementos atribuídos à confecção e conservação das pinturas rupestres. Dentro do quadro do estudo proposto foram considerados alguns pressupostos importantes para a demonstração do fenômeno pesquisado: tipos de suportes rochosos, universo figurativo e não-figurativo, técnicas de produção, composição de cor dos painéis, sobreposição de pinturas, e, por fim, estado de conservação. A eficácia das análises efetuadas deve se basear no maior número possível de características disponíveis, mesmo considerando métodos altamente precisos.

Entender a paisagem natural do Morro do Engenho foi matéria fundamental para relacionarmos o sítio arqueológico com a área em estudo. Dos quatorze (14) painéis rupestres existentes nas quatro (04) unidades geomorfológicas/arqueológicas, onze (11) foram pintados a céu aberto, enquanto apenas três (03) foram confeccionados em área abrigável. Em todas as situações, as unidades geomorfológicas/arqueológicas estão voltadas para o nascente, com vista panorâmica para o vale do Brumado.

É notório que o vale é peça-chave no entendimento da escolha dos ambientes pintados, já que todos apresentam visualização⁵⁶ total desse vale, exceto a unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho, que, por estar localizada, em baixa vertente, a cobertura vegetacional não permite uma visão ampla do espaço circundante. Esta dinâmica de produção rupestre encontrada nos permite afirmar que as pinturas rupestres foram feitas, em sua maioria, para serem vistas, pois a grande parte dos painéis estão em paredes e podem ser contemplados à média distância e de diversos ângulos.

Fica evidente que a observação da maior parte do sítio acompanha o movimento do sol, pois a incidência de luz promove, no decorrer do dia, diversos parâmetros de observação. Sendo assim, nas unidades geomorfológicas/arqueológicas Pedra de Fogo,

⁵⁶ Como se vê o entorno a partir do sítio (COSTA, 2014, p. 179).

Três Marias e Lapinha do Velho, as pinturas é melhor percebidas no período da tarde, momento em que o sol está direcionando para o poente, fornecendo uma penumbra necessária para uma melhor visualização das pinturas. Com relação à dificuldade de observação em outros momentos do dia, ocorre, em parte, pela composição granítica dos suportes rochosos, que, em contato direto com os raios solares, provoca uma luminosidade excessiva e dificulta a visualização do conjunto pictórico. Salientamos que a visibilidade das figuras varia ao longo do dia, o que determinou novas visitas ao local para confirmar e/ou acrescentar algum detalhe da observação.

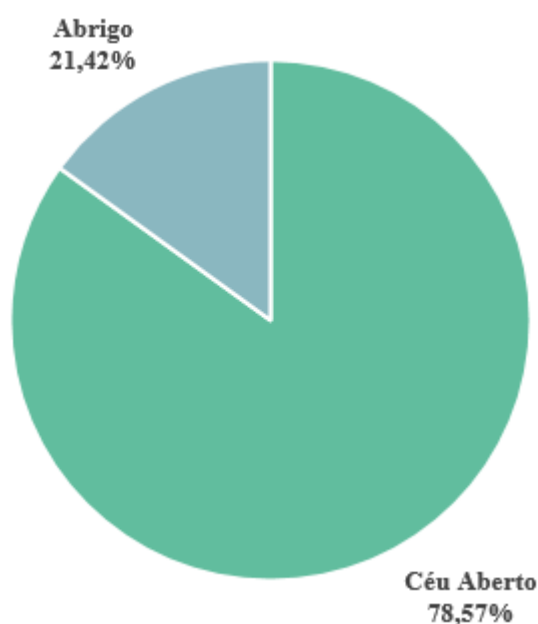


GRÁFICO 01: Distribuição dos Painéis rupestres no Sítio Arqueológico Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

É evidente que os espaços selecionados para a confecção das pinturas rupestres estão diretamente relacionados com a visibilidade, com o modo como o sítio é visto a partir do entorno circundante da paisagem local onde as unidades geomorfológicas/arqueológicas estão inseridas. Esta condição de visibilidade e luminosidade reflete-se na maneira como as pinturas rupestres estão inseridas, dispostas, na paisagem do Morro do Engenho, é evidente que a intencionalidade nas escolhas dos locais de ocupação está ligada, diretamente as condições paisagísticas. Dentre os locais que compõem este sítio, 75% deles apresentam excelente visibilidade, enquanto 25% apresentam condições de visibilidade regular. É notória a escolha por pontos de excelente visualização, sendo essa uma das principais

características deste sítio arqueológico. Por essa razão, direcionamos, na leitura dos painéis, a ideia de visibilidade – completa, parcial, escassa e nula.

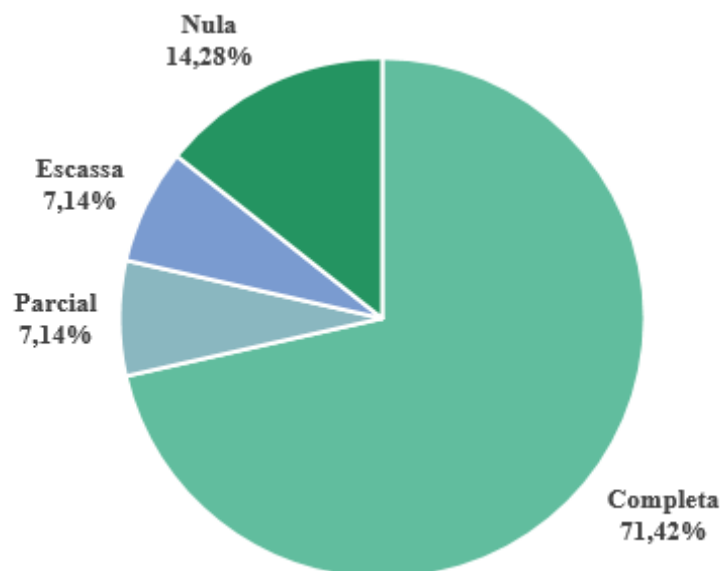


GRÁFICO 02: Visualização dos Painéis que compõem as unidades geomorfológicas/arqueológicas do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

Os recursos hídricos, em muitos casos, são elementos decisivos na escolha dos locais de ocupação. Quanto a essa natureza de observação para a instalação do sítio arqueológico Morro do Engenho, notamos que o local não conta com uma fonte direta de água, pois os córregos e riachos do entorno são intermitentes, mas o rio Brumado dista do Morro aproximadamente uns três (3) km.

Outra característica de análise dos suportes rochosos foi a inclinação, sendo que 57,14% das rochas apresentaram inclinação negativa, enquanto que 42,85% têm inclinação positiva. Para os suportes com inclinação positiva, há uma variabilidade entre 7 cm a 1,04 m. No entanto, a inclinação ou ausência dela em alguns suportes rochosos chamam a atenção, pois os painéis ali pintados apresentam ângulos esféricos convexos, recebendo luminosidade direta a maior parte do dia, dificultando assim a observação.

Quanto ao piso, o sítio é formado por uma grande declividade, pois o ato de observar requer equilíbrio e concentração. No entanto, a posição do piso nos estimula a sentar; dessa forma, a visualização das pinturas ganha uma dinâmica diferente. O modo pelo qual alguns painéis foram montados justifica esta afirmativa, uma vez que, em determinadas situações, as pinturas rupestres estão na parte baixa do suporte rochoso. As paredes pintadas são, portanto, parte importante de nossa leitura. Dos quatorze (14)

painéis, doze (12) foram confeccionados em parede e apenas dois (02) estão localizados no teto – um deles é o único exemplo situado em uma área curta, sendo sua observação possível apenas com o corpo deitado no chão. Como os outros painéis estão aparentes, pode ser (ou não) que este em especial tenha sido produzido para não ser visto de imediato, pois sua localização foi feita pela metodologia exploratória, utilizada neste trabalho.

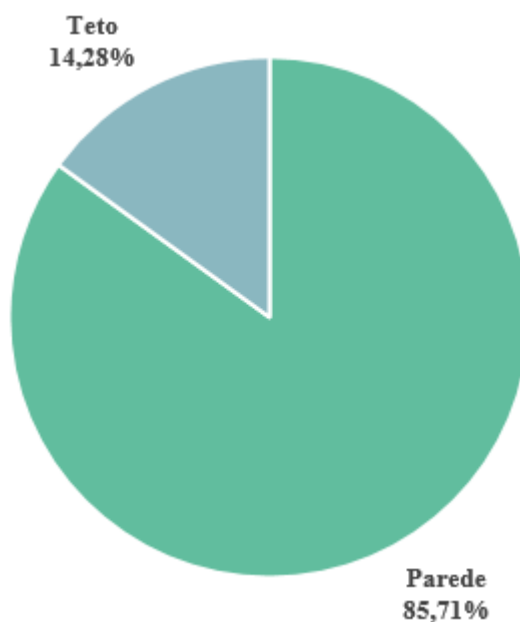


GRÁFICO 03: Espaços pintados nos suportes rochosos, unidades geomorfológicas/arqueológicas do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio. Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

O universo rupestre encontrado no Morro do Engenho é de duzentas e quinze (215) pinturas reconhecíveis e cinquenta e seis (56) borrões, cujo traço de produção não foi possível entender. Em relação aos motivos pintados, foram identificados cento e setenta e cinco (175) geométricos, trinta e um (31) antropomorfos e nove (09) zoomórficos. É um sítio composto majoritariamente de pinturas geométricas, pode ser que a predominância pela geometrização tenha correlação com a matéria formadora do suporte rochoso, o granito, que, por ser de caráter irregular, com grãos bem definidos, apresenta uma camada superficial grosseira, a qual dificulta a realização de traços sutis e, conseqüentemente, a execução de pinturas mais elaboradas, com um universo figurativo mais aparente.



IMAGEM 27: Amostra de motivos geométricos existentes no sítio arqueológico Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

No universo das pinturas figurativas, os antropomorfos aparecem em maior número. Encontramos essas representações humanas em diversos formatos morfológicos, de traços simples a pinturas esquemáticas, com uso de adornos, dentre outros objetos.

Dentro da categorização da arte rupestre, são as figuras humanas melhor representadas quanto a sua manifestação figurativa (ETCHEVARNE, 2007, p. 126).

Em todas as unidades geomorfológicas/arqueológicas do sítio, foram encontradas figuras humanas; no entanto, algumas diferenças são pontuais, uma vez que, na Loca dos Tapuias, encontramos pinturas antropomorfas espaçadas com os membros (superiores e inferiores) bem definidos. Enquanto, na Pedra de Fogo e na Lapinha do Velho, encontra-se, em cada unidade, apenas uma representação humana, sendo que ambas se destacam pelo forma, que sugerem estar em movimento. Com relação à unidade Três Marias, área com maior concentração desse tipo de pintura, o destaque vai para o conjunto, pois os antropomorfos, em sua maioria, foram pintados em grupos: fileiras de quatro (04) a sete (07) humanos. Outro destaque desta temática no sítio são os carimbos de mãos e braços.

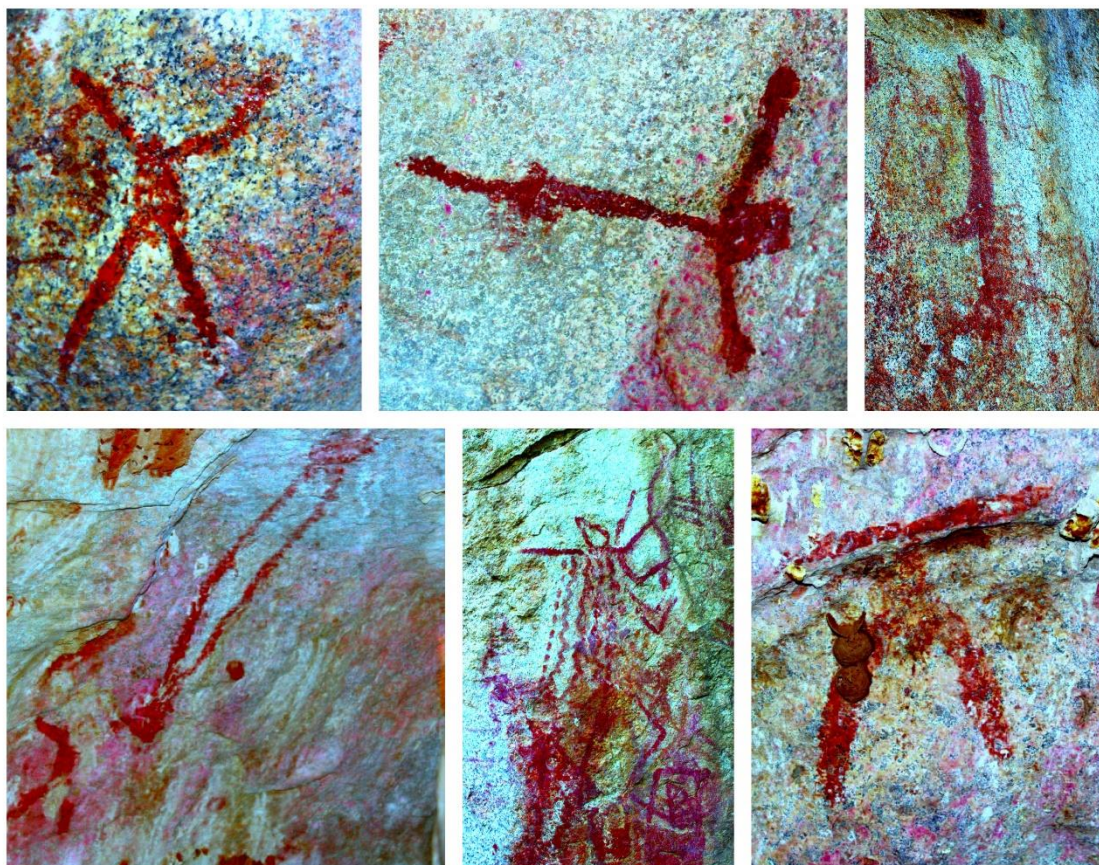


IMAGEM 28: Amostra de motivos antropomórficos existentes no sítio arqueológico Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Quanto às pinturas do tipo zoomorfas, aparecem em menor número no sítio Morro do Engenho. Em relação a esta temática, foram localizadas pinturas apenas em duas (02) das unidades geomorfológicas/arqueológicas, são elas: Loca dos Tapuias e Três Marias. Foram representados animais da fauna local, como cervídeos, aracnídeos, aves e felinos.

Apesar do traço grosso, em função da técnica de confecção utilizando o dedo, os desenhos de animais foram bem estruturados, sendo facilmente reconhecíveis em sua morfologia.

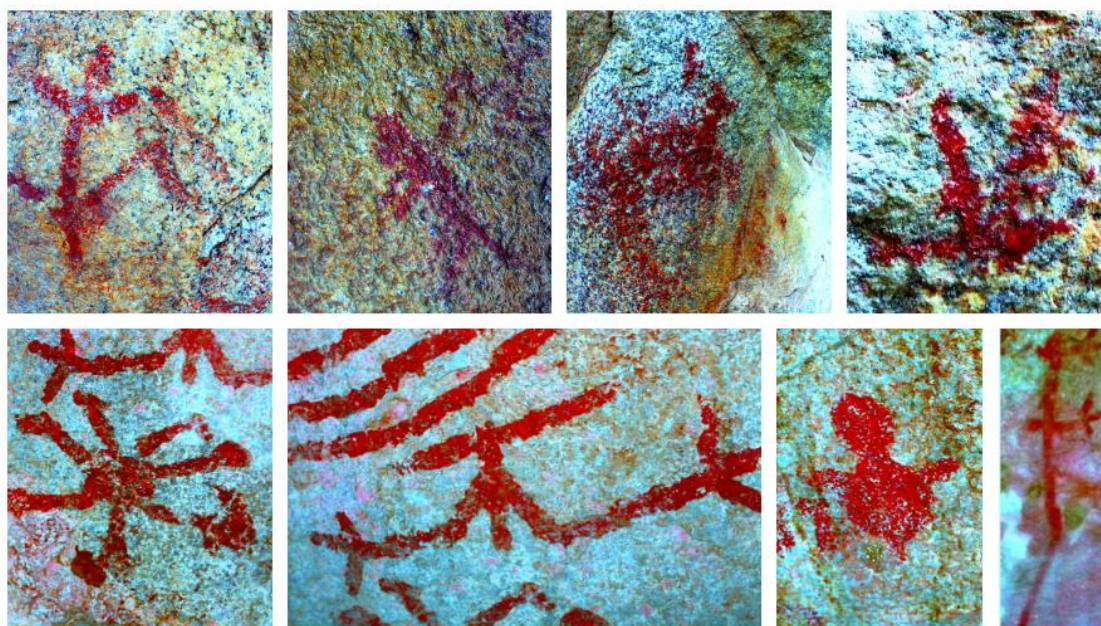


IMAGEM 29: Amostra de motivos zoomorfos existentes no sítio arqueológico Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

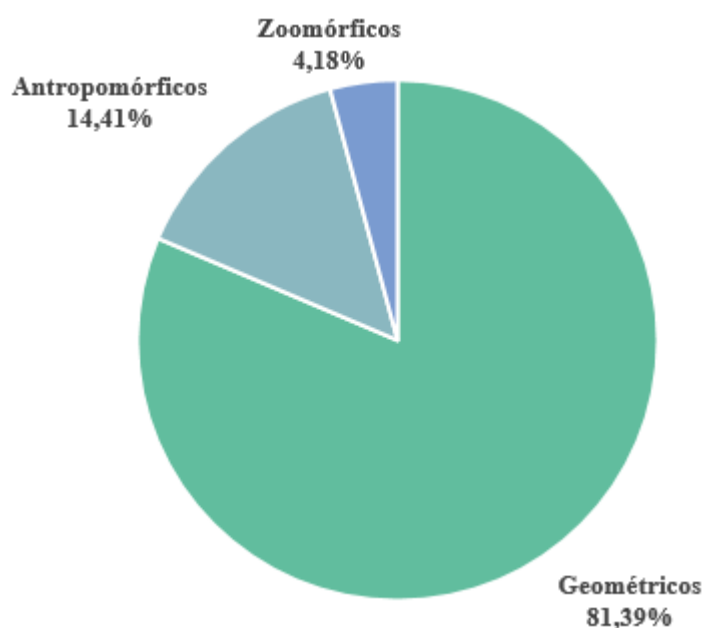


GRÁFICO 04: Motivos reconhecíveis das pinturas rupestres encontradas nos painéis que formam as unidades geomorfológicas/arqueológicas do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

O repertório rupestre de maioria geométrica existente no Morro do Engenho acaba por apresentar um universo morfológico diverso. Encontram-se pinturas: *simples*, como traços, retângulos, círculos, entre outros, de características universais, identificadas em

todos os territórios rupestres existentes no país; e *complexas*, formas que não sugerem nenhum desenho reconhecível, únicas representantes de um contexto regional específico. A respeito dessa categorização geométrica, Carlos Etchervane aponta que:

Sob a denominação genérica de motivos geométricos, ficam englobadas modalidades de grafismos que remetem as representações da geometria ocidental construídas a partir dos conceitos de pontos, linhas e áreas ou superfícies. Deve-se ressaltar que essa categoria é estabelecida pelo observador como maneira de reconhecer aquilo que é visualizado e comparar com elementos da sua própria cultura, tornando-o mais inteligível. Mas esta abordagem não pode deixar de considerar o fato de que as representações gráficas identificadas como geométricas podem ocultar o verdadeiro conteúdo narrativo e naturalístico proposto por quem as executou. Inúmeros exemplos de caráter etnográfico demonstram como funcionam figuras geometrizes em grupos indígenas contemporâneos (ETCHEVARNE, 2007, p. 138).

O aparecimento de pinturas recorrentes no sítio arqueológico Morro do Engenho nos chamou a atenção, alguns desses signos estão presentes em três das quatro unidades geomorfológicas/arqueológicas, reforçando esta característica muito conhecido no estudo da arte rupestre e sobre o qual Carlos Costa comenta:

Para efeito metodológico, foram considerados recorrentes os signos que aparecem em 2 ou mais sítios. Isso quer dizer que não é a quantidade de signos que determinará a sua recorrência, mas sim o seu aparecimento em diferentes sítios. Sendo assim, recorrência diferencia-se de ocorrência, pois este segundo princípio considera a quantidade de vezes que um signo aparece indiferentemente da quantidade de sítios. Ou seja, a recorrência reflete a quantidade de sítios em que um mesmo signo aparece. Por seu turno, a ocorrência reflete a quantidade de vezes que um signo é registrado nos diferentes sítios (COSTA, 2012, p. 164).

Algumas das pinturas do Morro do Engenho aparecem com a mesma tipologia⁵⁷ em vários painéis espalhados pelas unidades geomorfológicas/arqueológicas e algumas das escolhas temáticas também se repetem, gerando a sensação de um forte uso simbólico nos signos representados. A partir de uma classificação numérica, foi possível analisar essas pinturas recorrentes, que foram reconhecidas e categorizadas conforme o tipo em: 1, 2, 3 e 4.

⁵⁷ Para entender melhor a ideia de ocorrência e recorrência e como são montadas as tabelas de classificações dos signos rupestres, ver tese de doutorado de Carlos Costa: *Representações rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil*. Coimbra: FLUC, 2012.

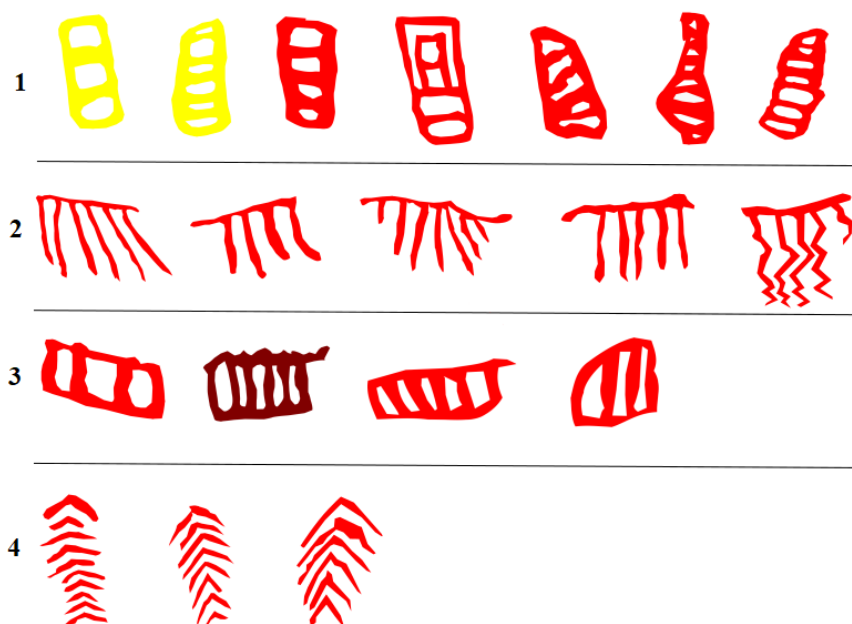


IMAGEM 30: Tipos de pinturas rupestres recorrentes encontradas nas unidades geomorfológicas/arqueológicas do Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

O tipo 1 é uma forma quadrada, de linhas paralelas na vertical, cantos em aresta ou arredondados, dividido internamente por linhas, com espaços irregulares; o 2 são três ou mais linhas paralelas com comprimentos regulares e distantes uniformemente por linhas, com espaços regulares; o 3 é uma forma retangular com cantos com aresta ou arredondados, dividido internamente por linhas, com espaços irregulares, e, por fim, o 4 são conjuntos verticais de pequenas linhas paralelas em forma convexe.

Das tipologias de pinturas apresentadas, algumas chamam a atenção pela posição que foram representadas. As figuras do tipo 2 foram majoritariamente posicionadas na parte superior dos painéis rupestres, enquanto que os signos do tipo 4 foram posicionados na parte inferior dos painéis rupestres. São situações como essas que reforçam a ideia de valor simbólico aplicada a tais pinturas pelos grupos humanos pré-coloniais.

PINTURAS RUPESTRES DO MORRO DO ENGENHO

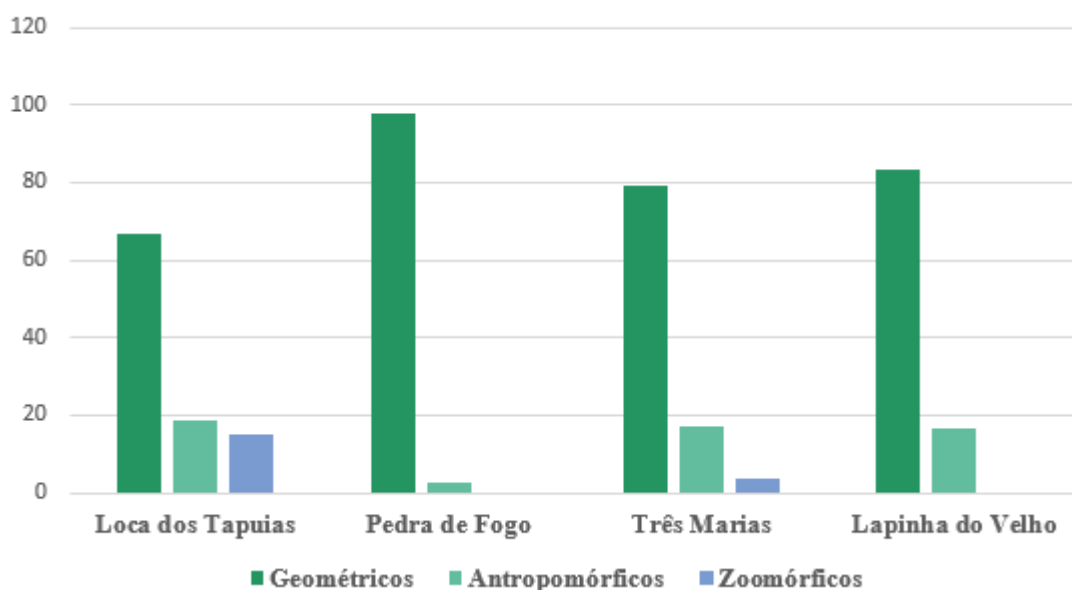


GRÁFICO 05: Distribuição das temáticas pintadas nas unidades geomorfológicas/arqueológicas do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio. Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

Durante a análise do sítio Morro do Engenho, identificamos três (03) técnicas na confecção das pinturas rupestres: dedo, traço fino e preenchimento⁵⁸. A partir dos dados coletados, pode-se afirmar que a maior parte das pinturas foram produzidas com os dedos, duzentos e setenta e três (273), enquanto uma (01) com pincel fino e sete (07) através do preenchimento, sendo que em uma dessas últimas utilizou-se o artifício do contorno. Quanto aos tamanhos das pinturas, foram confeccionadas nas mais variadas dimensões, embora se perceba um padrão na realização das pinturas no painel. As variações de tamanho se dão ou não conforme a temática aplicada. Os geométricos, temática dominante, foram as pinturas que apresentaram maior irregularidade quanto ao tamanho, encontramos pinturas de comprimentos entre 5 cm e 1,25 m.



IMAGEM 31: Exemplos de técnicas de confecção das pinturas rupestres do Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. 1 – pincel fino, 2 – dedo, 3 –preenchimento. Fotos: Róbson Caires.

⁵⁸ A técnica do preenchimento corresponde à aplicação da tinta líquida com algum instrumento (pincelada).

Do total de painéis rupestres e pinturas isoladas encontradas no Morro do Engenho, onze (11) são monocromáticos e cinco (05) policromáticos. É evidente que o vermelho é predominante na maior parte dos ambientes pictóricos do Morro do Engenho, essa tonalidade é recorrente em toda arte rupestre, conhecida e estudada no Brasil. O amarelo é uma cor que aparece com destaque em alguns painéis, mas o que chama a atenção é o uso dessa coloração em situações específicas, como contorno e combinação com pinturas em vermelho. Do universo de duzentas e setenta e um (271) pinturas, temos duas (02) em preto, dezessete (17) em amarelo e o restante, duzentos e cinquenta e dois (252), em vermelho, sendo que desta tonalidade trinta e duas (32) são em ocre e duzentos e vinte (220) são em claro. A unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias é o único local do sítio que apresenta variedade de cores, além de concentrar o maior conjunto de pinturas.

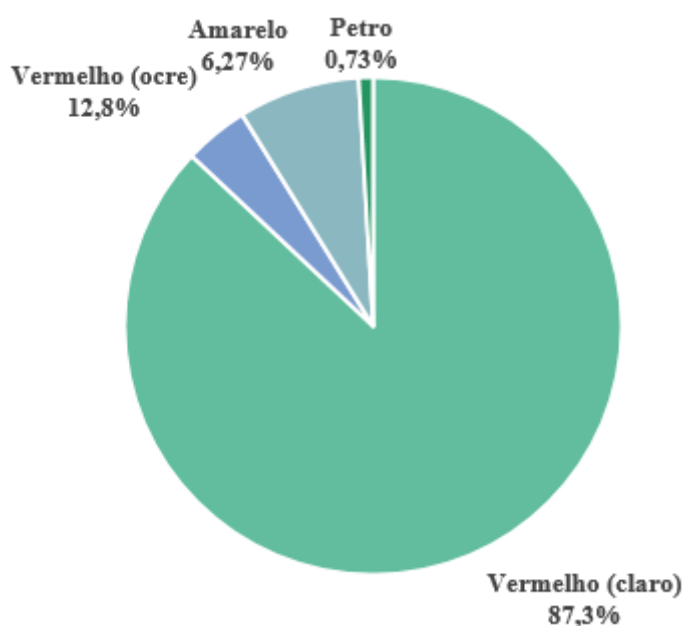


GRÁFICO 06: Tipos de cores encontradas nos Pinéis Rupestres do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

Mas uma vez a unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias ganha destaque, pois é a única entre as quatro (04) existentes no Morro do Engenho que apresenta painéis com sobreposição de pinturas. Complementando essa ideia, o sítio apresenta, entre seus painéis, quatro (04) áreas de sobreposição, um total de 28,57% dos ambientes de pintura rupestre no local. A técnica conhecida como sobreposição apresenta pelo menos duas possibilidades analíticas: a primeira diz respeito à intencionalidade de anular os desenhos

primários representados; a segunda parte do princípio de anexar elementos ao painel já existente. Além da possibilidade de representar momentos pictóricos distintos, pode ser que as várias pinturas sobrepostas tenham sido pintadas por grupos diferentes.

A princípio, é a sobreposição o único mecanismo capaz de fornecer informações acerca da temporalidade do sítio Morro do Engenho, pois o piso rochoso do espaço não possibilita a descoberta de evidências que sugiram ocupações permanentes mais densas. Entretanto, é fácil supor que a unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, com relação às outras, tenha sido uma espécie de marco topográfico importante, devido às sobreposições de pinturas, dados indicativos de uso e reuso desse espaço no sítio.

A respeito da ideia de sobreposição, Carlos Etchevarne afirma:

Deve-se considerar, igualmente, que as superposições representam mais do que indicadores de temporalidade. Manifestam atitudes dos grupos pintores, já que pintar uma figura sobre outra não constitui um gesto aleatório ou sem significado. No momento de pintar, o autor de um grafismo observou a existência de outro elemento gráfico e adaptou sua pintura a essa circunstância. De alguma maneira, quem pintou incorporou ao seu projeto a figura precedente, conformando assim uma nova estrutura gráfica, atualizando os conteúdos significativos ou, então, decididamente, negando-os (ETCHEVARNE, 2007, p. 146).

Diante disso, algumas questões cronológicas foram levantadas a respeito das figuras rupestres. As posições cronológicas das pinturas foram observadas em relação à sobreposição, além da disposição das cores, indicando que o vermelho (claro e ocre) e o amarelo foram tonalidades que se mantiveram constantes nessa situação. Dessa forma, foi possível observar, no painel, a antiguidade de uma cor em relação à outra.

O painel 03 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias é um exemplo de sobreposição existente no sítio: as primeiras pinturas, feitas com o vermelho ocre, são quase inexistentes, e as poucas figuras revelam a antiguidade deste momento pictórico. Estas pinturas estão conjugadas em uma mesma área no painel, seguindo uma linha padronizada, quanto a sua altura no suporte. Em momento posterior, a parede rochosa é preenchida com outras pinturas, em vermelho claro, configurando assim a sobreposição existente neste painel.

Em outros exemplos de sobreposição no sítio, percebe-se o uso simultâneo dos pigmentos vermelhos e amarelos. A tonalidade amarela aparece, na maioria das vezes, relacionada com pinturas em vermelho, como se as duas cores funcionassem em uma associação bicromática direta, complementando assim a morfologia dos signos envolvidos.

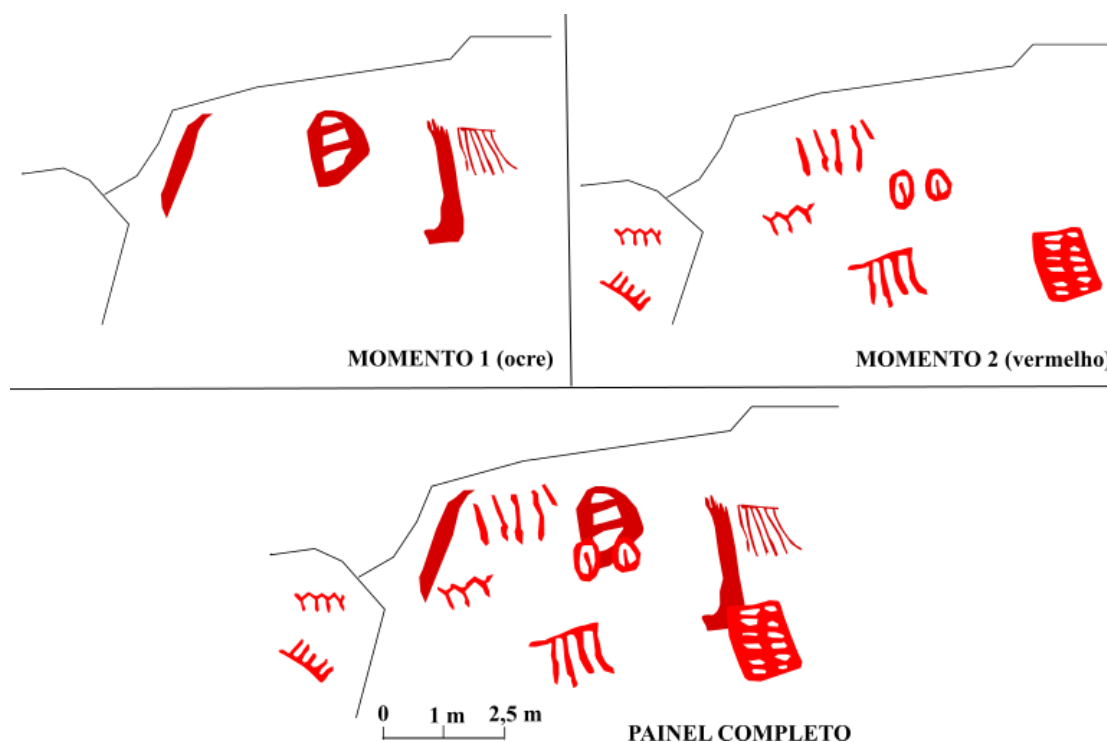


IMAGEM 32: Exemplo de sobreposição, painel 03 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

O painel 05 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias é outro exemplo de sobreposição e apresenta três momentos pictóricos distintos. No primeiro momento, os signos foram confeccionados nas cores vermelho ocre e preto. Em seguida, no segundo momento pictórico, foram confeccionadas pinturas na cor vermelho claro, sendo essa tonalidade dominante no painel (presente na maior quantidade de figuras); chama a atenção também a distribuição espacial, pois as pinturas estão espalhadas por todas as direções do suporte rochoso. Na terceira e última fase, aparece a cor amarela, mas em menor escala e em situação específica: a bicromia entre amarelo e vermelho.

O vermelho claro parece ser a cor destaque em todas as situações de sobreposição no Morro do Engenho, pois esta tonalidade se apresenta nas pinturas. Podemos concluir que este momento, do vermelho claro, em todas as situações, compreende a segunda fase de produção pictórica, levando-nos a entender que este período teve a maior produção rupestre e, conseqüentemente, uma intensa utilização dos espaços.

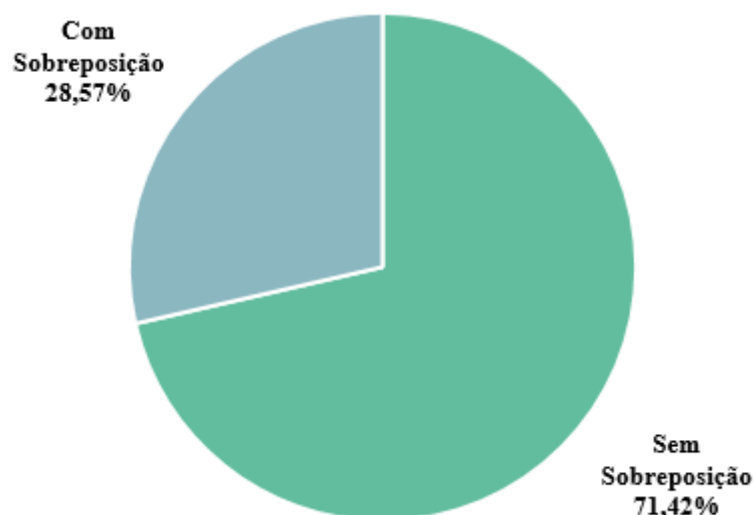


GRÁFICO 07: Quantidades de painéis com e sem sobreposição do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio. Bahia. Fonte: Róbson Caires.

Uma das características mais marcantes do sítio rupestre Morro do Engenho é a existência de emblemas singulares⁵⁹ (figurativos ou geométricos) com certa centralidade que atrai o olhar. Os painéis foram confeccionados a partir dessas pinturas centrais, dinâmica que é melhor observada na unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias. Outro atributo de destaque dessas figuras é com relação às dimensões (tamanhos): todas, sem exceção, são maiores do que os outros signos e estão localizadas na parte superior do painel.

É como se o conjunto pintado estabelecesse uma relação de complementação com cada emblema singular. Essa estruturação apresenta os signos complementares como periféricos, feitos para dialogar com a figura central. Dentre as temáticas em destaque, estão pinturas que representam lagartos, braços, tridígito bicrômico, antropomorfo caricaturado, antropomorfo miniatura/carimbo de mão, cervídeo, pássaro.

A sensação que temos é a de que o painel era pensado, ainda no plano das ideias, a partir desse emblema singular, como se este fosse a primeira pintura a ser materializada no suporte rochoso. Acreditamos ser este dispositivo de análise um dos maiores potenciais no estudo da arte rupestre de toda a região Sudoeste da Bahia, pois parece ser uma tendência regional. No universo de quatorze (14) painéis rupestres, foram observados emblemas singulares em 64,28% dos conjuntos pintados, um total de nove (09) emblemas – dado que representa bem a presença dessa estratégia pictórica, amplamente utilizada pelos grupos pré-coloniais.

⁵⁹ São pinturas que se destacam no painel pela sua posição de centralidade e pela sua dimensão com relação ao conjunto rupestre.

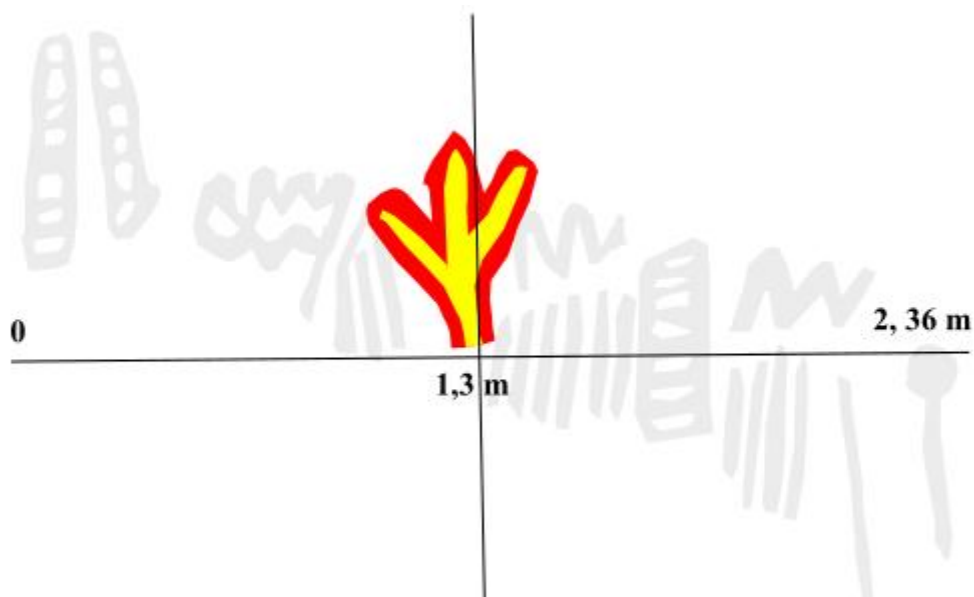


IMAGEM 33: Exemplo de emblema singular, Painel 4, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

Uma outra temática analítica que propôs este trabalho foi quanto ao estado de conservação do sítio arqueológico Morro do Engenho. Para tanto, foram selecionados alguns aspectos que consideramos relevantes neste estudo, os agentes naturais e os antrópicos. Os primeiros são ações do vento, da chuva e do sol, enquanto os segundos referem-se a situações provocadas pela ação humana.

Dos agentes naturais, os maiores danos provocados nas pinturas rupestres analisadas são os deslocamentos do suporte rochoso, a pátina que cobre boa parte dos painéis, os líquens e a ação de insetos. Quanto aos danos provocados por ações antrópicas, os mais recorrentes são as queimadas e a mineração.

A matéria dos suportes rochosos é o granito, rocha porosa que desgasta com as ações da chuva, do vento e do sol; em função dessas circunstâncias naturais, o deslocamento e a rachadura do suporte são dos agentes que mais causam danos nos painéis rupestres. Dos quatorze (14) painéis, apenas três (03) não apresentaram esse problema, que são os ambientes que não recebem diretamente luz e vento, as áreas abrigáveis. Em situações mais danosas, há pinturas que caíram por completas, outras de forma parcial. O problema é tão sério que um painel – talvez o mais expressivo em impacto visual, por conter uma combinação policromática em vermelho e amarelo – corre o risco de cair, pois há uma rachadura, na parte lateral do suporte, que avança para a outra extremidade. Trata-se de uma cavidade de aproximadamente quatro (04) centímetros de espessura, não sendo possível aferir sua profundidade, por conta da posição da rocha.

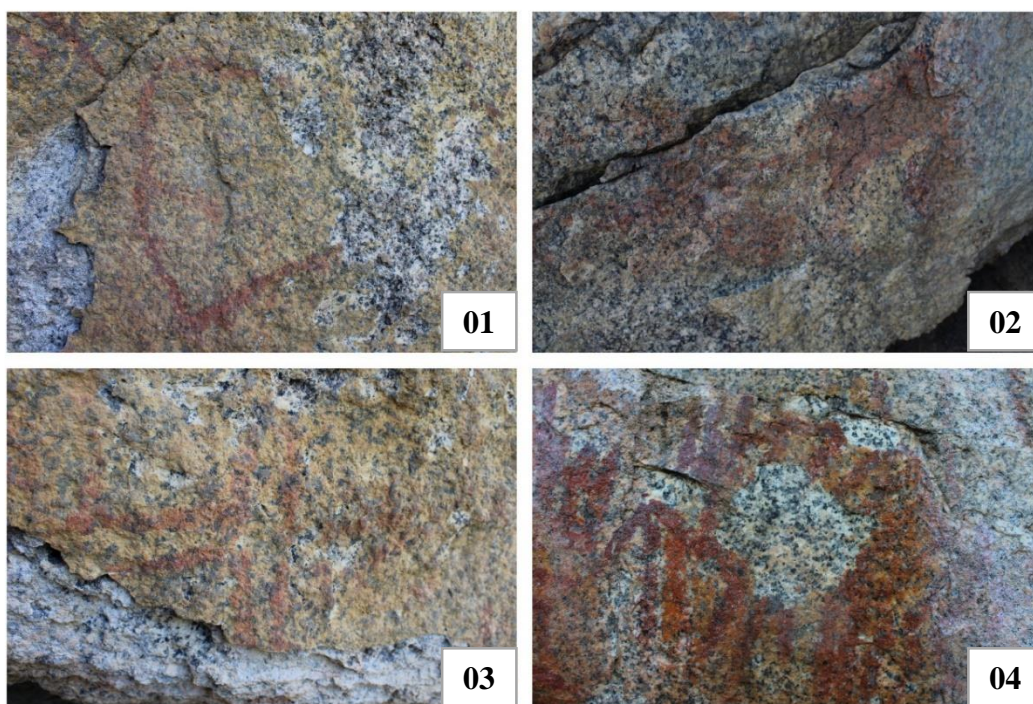


IMAGEM 34: Ocorrências de deslocamentos dos suportes rochosos: 1. Paineis 2 Pedra de Fogo, 2. Paineis 3 Pedra de Fogo, 3. Paineis 1 Pedra de Fogo e 4 Paineis 4 Três Marias. Sítio arqueológico Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Foto: Róbson Caires.

Os animais que habitam naturalmente a região contribuem muito para a degradação dos painéis rupestres, verificou-se que ninhos de insetos, urinas e fezes de mocó e excrementos expelidos por morcegos são frequentes em alguns suportes rochosos. Esta situação acima apresentada provoca, às vezes, danos irreversíveis aos painéis e, conseqüentemente às pinturas rupestres.

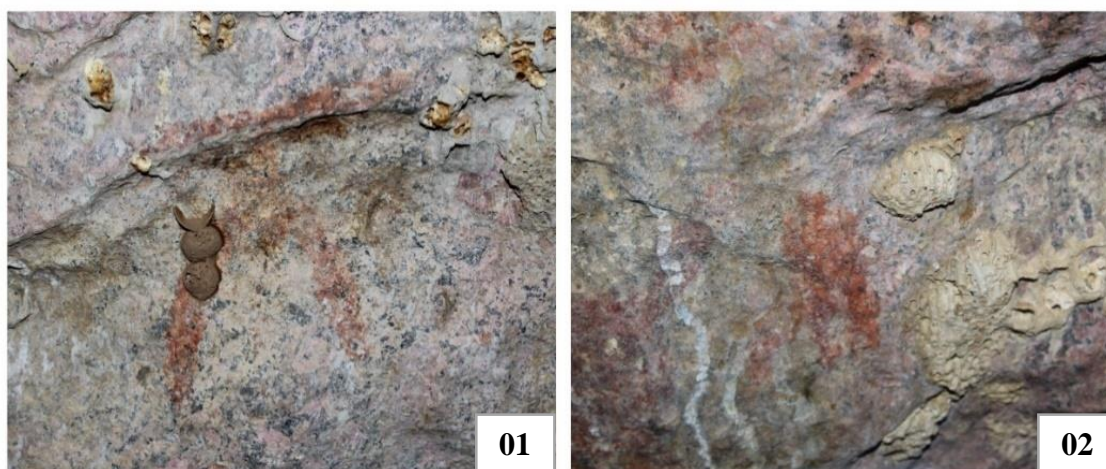


IMAGEM 35: Ninhos de insetos que provocam a degradação dos painéis rupestres. Pintura 1 e 2 unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho em Dom Basílio, Bahia, Brasil. Foto: Róbson Caires.

Por tratar-se de um sítio em que a maior parte dos painéis encontram-se a céu aberto, a combinação de sol, chuva e vento provoca uma pátina muito agressiva nas pinturas. Esses fenômenos da natureza geram uma cobertura densa sobre as pinturas, sendo desses agentes; o escoamento pluvial, mineral e o aparecimento de líquens⁶⁰ em alguns painéis os casos mais comuns no Morro do Engenho. Em razão das ações desses fenômenos naturais, que foram intensificados nos últimos anos por conta dos excessivos desmatamentos, algumas pinturas já se apagaram por completas, outras são apenas borrões que não podem ser identificados.

Esta desequilíbrio intensificado nas últimas décadas, provoca, em alguns casos, o esmaecimento das pinturas rupestres. Na imagem seguinte, apresentamos uma amostra da evolução deste fenômeno em uma pintura pertencente ao painel que compõe a unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias. A fotografia 1 foi registrada em 2010, enquanto a 2 foi registrada em agosto de 2020, nota-se como no intervalo de dez anos houve um avançado grau de deterioração devido à presença intensa dessa pátina esbranquiçada.



IMAGEM 36: Evolução da degradação de pinturas rupestres a partir do esmaecimento provocado pelos líquens presentes no Painel 1 da unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil. Foto: Róbson Caires.

É preciso produzir um estudo acompanhado de intervenções diretas nos suportes, no sentido de evitar ou retardar esses fenômenos naturais; para tanto, é preciso entender o

⁶⁰ A identificação provável do líquen é *Aspicilia calcarea*, uma espécie de cor branca e aspecto pulverulento. Este microorganismo cresce em regiões de clima árido e semi-árido, cobrindo a área onde encontra nutrientes.

comportamento natural em que estão inseridos os vestígios e a evolução sofrida por eles, pois a não realização dessas sugeridas ações replicará na perda total das pinturas rupestres. Mediante essa realidade, é preciso identificar e entender os agentes naturais de degradação dessas pinturas rupestres (o que é fundamental para preservá-las), garantindo assim a longevidade desse patrimônio.

Outra ação muito danosa às pinturas rupestres do sítio Morro do Engenho é a antrópica. Em caminhar pelas unidades geomorfológicas/arqueológicas, foi possível observar ações de mineradores, blocos de rochas foram implodidos próximo ao painel 04 da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo. Fomos comunicados pela Secretária Municipal de Meio Ambiente do Município de Dom Basílio que os atuais proprietários do terreno solicitaram uma licença para instalação de uma pedreira na área, ameaçando de forma direta as pinturas rupestres.



IMAGEM 37: Blocos de rocha implodido nas proximidades da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo. É possível observar a cavidade feita para a colocação dos explosivos. 1 suporte rochoso localizado na parte superior da unidade, 2 e 3 suportes rochosos situados na parte inferior da unidade, base do morro.

Foto: Róbson Caires.

Esta situação aparente nos levou a promover estratégias para a proteção desse patrimônio, então participamos de reuniões com os representantes municipais (secretários de educação e do meio ambiente) e os proprietários do local onde estão situadas as unidades geomorfológicas/arqueológicas do Morro do Engenho, para um diálogo, com

objetivo de apresentar o sítio e a importância de sua preservação. O encontro foi positivo e fizemos uma visita de campo com a presença da Secretária de Meio Ambiente e os proprietários da área. Na oportunidade, falamos da possibilidade de implantação do empreendimento e mantendo a conservação do sítio.

As visitas da população local ao sítio arqueológico também estão diretamente relacionadas à degradação e devem ser objeto de cuidadoso controle. Trata-se de caçadores, que utilizam os abrigos e paredões do Morro em suas atividades ilegais e que, por onde passam, deixam seus rastros. Outro público são os curiosos, que, sem um controle turístico, frequentam a área e ameaçam as pinturas rupestres.

Conforme a realidade de degradação apresentada, nota-se que as ações naturais são mais atuantes no processo de deterioração dos painéis rupestres. No entanto, a ameaça antrópica é real e constante, o que nos tornando vigilantes em defesa do patrimônio arqueológico e paisagístico existente no Morro do Engenho.

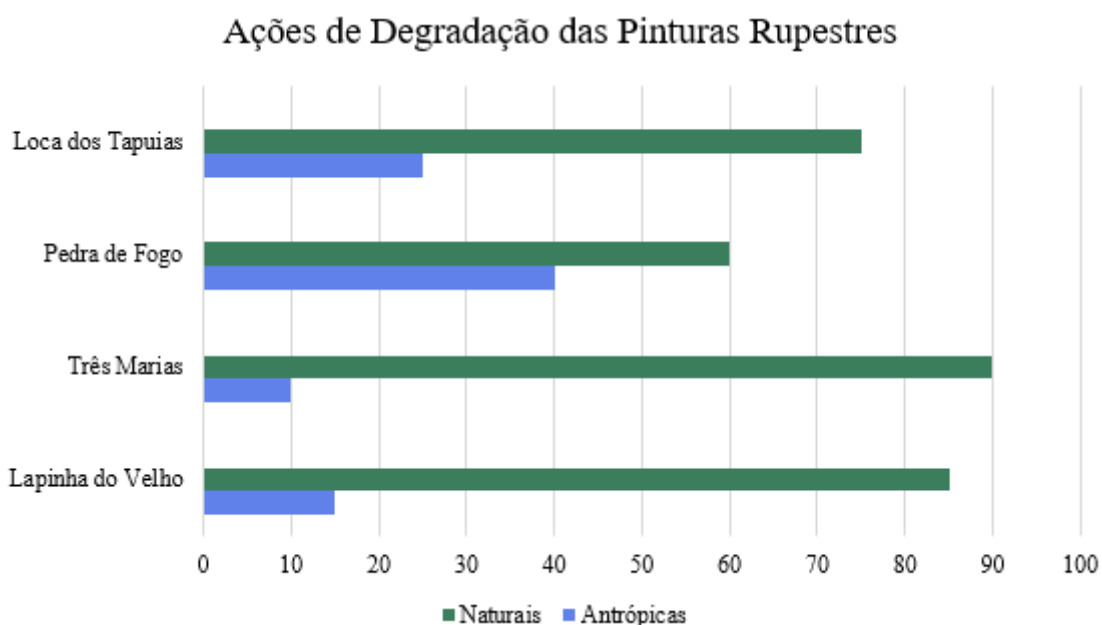


GRÁFICO 08: Ações de degradação das pinturas rupestres nas unidades geomorfológicas/arqueológicas do sítio Morro do Engenho, Dom Basílio. Bahia, Brasil. Fonte: Róbson Caires.

Pelo gráfico acima apresentado, percebe-se que as ações naturais são as causas mais frequentes na situação de degradação das pinturas rupestres do Morro do Engenho. A exceção é a unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, em que encontramos ações antrópicas mais graves; neste espaço, deparamo-nos com vestígios de prospecção mineral, ação é de grande impacto e que destrói por completo e de forma irreversível o patrimônio arqueológico.

Seguimos alguns passos para a interpretação e descrição dos dados, buscando a eficiência necessária na análise das pinturas rupestres, conferindo cientificidade aos resultados. Por ora, fechamos a nossa análise do sítio arqueológico Morro do Engenho, atentando-nos ao fato de que outros olhares para o fenômeno estudado são imprescindíveis para uma melhor abstração de tão complexa produção cultural ancestral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, muitas pesquisas foram realizadas sobre a arte rupestre no país. Esses estudos apresentam-se nas mais variadas formas de pensar estas manifestações pintadas sobre rochas por grupos humanos pré-coloniais. Diversas são as correntes teóricas utilizadas para a reflexão dessa temática envolvendo ciências como a Antropologia, a História da Arte e a Arqueologia.

As pinturas rupestres constituem parte importante do conjunto de vestígios arqueológicos, pois são consideradas por muitos como as primeiras formas de expressão simbólica. Sua ocorrência é comum em diferentes partes do mundo, estão localizadas em abrigos, cavernas, matacões e paredões. Não podemos deixar de reconhecer que os diferentes grupos que deixaram suas “marcas” na paisagem as deixaram de maneira intencional.

Apesar de serem consideradas indecifráveis, as pinturas rupestres permitem conhecer um pouco mais do passado desses grupos; transformam-se, pois, em fonte de informação científica. Com base nessa perspectiva, um dos objetivos deste estudo foi conhecer o cenário rupestre existente no Morro do Engenho, catalogando de forma sistemática o sítio, e, conforme os vestígios ali presentes, gerar dados e interpretações que aprofundem o conhecimento do passado que envolve esse lugar.

A tarefa inicial foi construir um corpo teórico que servisse de base para as discussões propostas. Dessa forma, apresentamos um panorama geral e histórico do estudo da arte rupestre no Brasil, tendo como direcionamento o olhar para as pesquisas desenvolvidas no Nordeste e, conseqüentemente, na Bahia. No Brasil, é a região Nordeste a área com maior investigação a respeito do assunto. Isso ocorre devido ao grande número de sítios rupestres encontrados na região e às suas diversas instituições de pesquisas que, há décadas, vêm desenvolvendo um escopo teórico denso sobre o tema.

O estudo aqui desenvolvido utilizou do conceito de “paisagem”, no qual fizemos diversas inferências, o que possibilitou conhecer o ambiente em que o sítio está inserido. Através dessa noção conceitual, fizemos a apreensão do nosso objeto, extraindo as características gerais do sítio. As condições de visibilidade do local são excelentes, pois a visualização do espaço circulante é total, tendo em plano direto o vale do rio Brumado. Há, entre os pontos escolhidos para as áreas pintadas e o vale, uma conectividade que reflete diretamente na visibilidade do sítio, pois é possível sua observação a partir de diversos

ângulos e diferentes distâncias no ambiente circundante. A partir dessa composição, é possível observar boa parte dos painéis rupestres por todo o entorno do sítio arqueológico.

Quanto às características ambientais da área, a observação de aspectos geológicos, climatológicos, faunísticos e vegetacionais foi essencial para entender o ambiente e os recursos disponíveis, e nos permitiu construir um conjunto de informações acerca das condições de inserção do sítio na paisagem.

As unidades geomorfológicas/arqueológicas constituintes do sítio apresentam excelentes condições de visibilidade. Descrevemos as condições de visibilidade do local – consideradas, em sua maioria, excelentes –, buscando entender o ambiente circundante a partir do sítio. Também percebemos as condições de visibilidade do sítio a partir do entorno, em diferentes distâncias e ângulos. Dessa forma, concluímos que é possível observar boa parte dos painéis rupestres a partir de múltiplos pontos do ambiente circundante.

A coleta dos dados foi uma tarefa demorada e exigiu muita disciplina. As pesquisas empreendidas no passado tinham como base métodos e técnicas diferentes dos atuais. O desenvolvimento computacional nos possibilitou colher o máximo possível de informações, além do tratamento digital, já que utilizamos uma série de *softwares*. Os trabalhos de campo permitiram trocas de informações com as pessoas que participaram desta atividade, dedicando seu tempo para contribuir com a pesquisa, auxiliando na busca de dados e, conseqüentemente, na produção de conhecimento.

O desenvolvimento desta pesquisa exigiu rigor de estudo e compreensão do universo arqueológico. Os procedimentos utilizados corresponderam a uma cadeia operatória, a qual foi formada por: planejamento das ações, visita de campo, preenchimento de fichas, tomada fotográfica, aferição das coordenadas geográficas, dentre outros. E, por fim, a etapa de seleção dos dados coletados, quando produzimos informações quantitativas e qualitativas acerca do objeto de estudo.

De forma pormenorizada, apresentamos o sítio rupestre Morro do Engenho, descrevendo suas unidades geomorfológicas/arqueológicas, bem como os painéis e pinturas nele existentes. Foram observadas características físicas dos suportes rochosos, sendo o local formado pelo granito, rocha magmática granular, de profundidade, caracterizada essencialmente por quartzo e por um feldspato alcalino (COSTA, 2012, p. 245).

Vistas as características gerais dos suportes rochosos, a atenção voltou-se para as pinturas. Identificamos e descrevemos os painéis rupestres, no total de 14, e algumas

figuras isoladas. Há um predomínio de motivos geométricos entre os conjuntos pintados do sítio.

Esta geometrização das pinturas relaciona-se com as mudanças da arte rupestre encontrada na Bahia e, conseqüentemente, no Brasil. Prevalece a ideia de que as pinturas bem elaboradas, com uma capacidade figurativa, seriam as representações mais antigas se comparadas ao universo geométrico, que aponta para um horizonte recente, com um maior nível de abstração. Nesta tese, os desenhos foram, com o passar do tempo, tomando formas mais simplistas e com um profundo caráter sintético

A respeito dessa discussão, Costa salienta que:

[...] longe de uma suposta universalidade, os dados arqueológicos demonstram que os símbolos geométricos devem ser considerados objeto de estudo privilegiado, pois permitem reconhecer especificidades na ocupação humana, assim como outros dados arqueológicos vistos como potencialmente mais informativos (COSTA, 2012, p. 209).

A documentação do sítio contou ainda com a descrição das técnicas de produção, o dedo foi a mais utilizada, aplicando-se sobre o suporte um pigmento com o predomínio (hoje) da cor vermelho claro. O posicionamento das pinturas no suporte encontra-se, na maioria dos casos, em parede, pois este sítio, em especial, foi produzido para ser visto, percebido de imediato na paisagem.

Ante o escopo de dados laborados nesta pesquisa, retomando o problema central proposto, as pinturas rupestres aqui estudadas permitem reconhecer elementos que indicam coesão pictórica para se falar de grupos sociais que as produziram. Essa afirmativa aponta para o fato de ser o Morro do Engenho um lugar significativo muito singular para os grupos humanos pré-coloniais que o ocuparam. A monumentalidade natural do morro (informação construída a partir da discussão da Arqueologia da Paisagem), associada ao uso cultural do espaço (a partir da construção arqueológica da posição das pinturas, do padrão majoritariamente geométrico delas, das técnicas e cores de representação, da maneira como elas são distribuídas nos suportes, da recorrência de alguns signos com posição específica nos painéis, dos padrões majoritários de visualização e visibilidade), permite, seguramente, afirmar a nossa hipótese inicial. Existe coesão técnica e padrão bastante bem definido para o conjunto representado no sítio, o que nos leva a considerar que a confecção das pinturas identificadas no sítio Morro do Engenho possam derivar de pessoas que partilharam identidades culturais comuns ou, noutra condição, pessoas de grupos culturais diferentes que partilhavam formas de representação comuns.

A discussão teórica, aqui apresentada, aponta para a noção da arte rupestre como uma representação mental partilhada em contextos socioculturais (GUEDES, 2014; VIALOU, 1993 e 1999; VIALOUS & VIALOU, 2005 VIALOU, 1993 e 1999; VIALOUS & VIALOU, 2005). Obviamente não é possível dizer o que significavam as pinturas rupestres, mas, pelos aspectos formais que verificamos na pesquisa, podemos afirmar que elas tinham significados bastantes concretos. Assim, o conjunto rupestre sai da categoria de signo e passa à condição de símbolo, pois concluímos categoricamente que essas pinturas eram feitas com intencionalidade específica de execução. Assim, o estudo realizado no sítio rupestre Morro do Engenho, em Dom Basílio, vira modelo comprovado para observação regional, uma vez que a região Sudoeste da Bahia carece de estudos mais sistemáticos.

Os dados produzidos neste trabalho revelam mais informações do sítio do que prevíamos. A princípio, parecia ser um sítio simples, com algumas figuras geométricas espaçadas. O estudo arqueológico sistemático demonstrou se tratar de painéis complexos, distribuídos de forma agenciada no *inselberg*, considerando espaços e condições específicas, em diálogo com a paisagem, com técnicas e formas bastante precisas. De maneira icônica, conseguimos identificar um conjunto de símbolos recorrentes, com forma de execução e aplicação singulares no suporte. Carlos Costa verificou condição semelhante de recorrência de signos geométricos iguais em unidades geomorfológicas/arqueológicas de um mesmo sítio e mesmo em sítios diferentes, no Piemonte da Chapada Diamantina (COSTA, 2012, p. 186-191). Dois dos signos verificados nesta pesquisa como recorrentes (identificados como 2 e 3 da imagem 30) também aparecem na mesma condição no Piemonte, situação sugestiva da possibilidade de compartilhamento de significados semelhantes.

Acreditamos que nossos dados permitem ampliar o conhecimento sobre as ocupações pré-coloniais no Estado da Bahia, trazendo dados novos e permitindo inaugurar esses estudos na cidade de Dom Basílio.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ALARÇÃO, Jorge. *Para uma Conciliação das Arqueologias*. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

AB'SÁBER, A. *Os domínios de natureza no Brasil*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BARBOSA, Johildo S. F. & SABATÉ, Pierre. *Colagem Paleoproterozóica de PLACAS Arqueanas do Cráton do São Francisco na Bahia*. Revista Brasileira de Geociências. 2003.

BARBOSA, Johildo Salomão Figueiredo; CARNEIRO, Maurício Antônio; CRUZ, Simone Cerqueira Pereira; DANTAS, Elton; GONÇALVES, Guilherme de Souza Silva Tavares; LEAL, Ângela Beatriz Menezes; Martins, Adriano Alberto Marques; PIMENTEL, Márcio; SANTANA, Jocilene dos Santos; TEIXEIRA, Leo. *Idades U-Pb (LA-ICPMS) para as suítes Caraguataí e Jussiape, Bloco Gavião, Bahia*. Revista Brasileira de Geociências. 40(2): 120-129, março de 2011.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Áreas prioritárias para conservação, uso sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade brasileira: atualização*: Portaria MMA nº9, de 23 de janeiro de 2007. Brasília, DF, 2007. (Série Biodiversidade, 31).

CAIRES, Róbson Bonfim de. *A Casa Grande dos Lençóis: relações familiares entre o Capitão Calisto e o Major do Maranhão – Dom Basílio no século XIX*. Editora EGBA, Salvador, Ba. 2018.

CALDARELLI, Solange Bezerra, & SANTOS, Maria do Carmo Monteiro dos. *Arqueologia de contrato no Brasil*. Revista USP, (44), 52-73. (2000).

CARTA GEOLÓGICA: *Folha SD. 24-V-C-IV Rio de Contas*, Escala 1:100.000 – CPRM– 2013.

COMERLATO, Fabiana. *Estudo Metodológico em Sítios e Gravuras Rupestres em Lajedos, Bahia*. In: Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007, Florianópolis. Congresso Internacional da SAB. Erechim: Habilis, 2007, p. 1-14.

COMERLATO, Fabiana. *As Representações Rupestres do Estado de Santa Catarina, Brasil*. REVISTA OHUN – Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA Ano 2, nº 2, outubro 2005.

COMERLATO, Fabiana; COSTA, Carlos; ETCHEVARNE, Carlos; FERNANDES, Luydy. *CADERNO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – patrimônio arqueológico da Bahia*. Salvador, UFBA / MAE, 2007.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO E AÇÃO REGIONAL – CAR (BA) *Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável: PDRS Serra Geral*. Salvador, Bahia. 2007.

COSTA, Carlos Alberto Santos. *Representações rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil*. Coimbra: FLUC, 2012. (Tese de doutorado).

COSTA, Carlos Alberto Santos. *Sítios de Representação Rupestre da Bahia (1950-1990): levantamento dos dados primários dos acervos iconográficos das coleções arqueológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA)*. REVISTA OHUN – Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA Ano 2, nº 2, outubro 2005.

CRIADO BOADO, Felipe. *Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del Paisaje*. Boletín de Antropología americana 24, Madrid, p. 5-29, 1991.

CRIADO BOADO, Felipe. *Límites y posibilidades de la arqueología del paisaje*. In: SPAL – Revista de prehistoria y arqueología nº 2. Sevilla: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, p. 9-55, 1993.

CRIADO BOADO, Felipe. *Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje*. In: Capa 6 – Criterios y convenciones en arqueología del paisaje. Santiago de Compostela: USC, p. 1-33, 1997.

CUNHA, Davi Gasparini Fernandes; VECCHIA, Francisco. *As Abordagens Clássicas e Dinâmica do Clima: uma revisão bibliográfica aplicada ao tema da compreensão da realidade climática*. USP, 2011.

DNOCS. 4. D. R. *Barragem do Brumado*. Relatório final de execução. S.n.t. 2019.

ETCHEVARNE, Carlos. *Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia*. Rio de Janeiro: Versal, 2007.

ETCHEVARNE, Carlos (Org.). Memória do Seminário - *A Arte Rupestre no Nordeste do Brasil: Pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres*. Salvador: Fast Design, 2006.

ETCHEVARNE, Carlos (Org.); PMENTEL, Rita. (Org.). *Patrimônio Arqueológico da Bahia*. (Série estudos e pesquisas, 88).1. ed. Salvador: SEI, 2011.

GARDÃ, Adrian Antônio. *Litoral Norte da Bahia: Caracterização ambiental, Biodiversidade e Conservação*. 2013.

GASPAR, Maria Dulce. *A Arte Rupestre no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

GIULIETTI, Ana Maria. *Flora do Semiárido e as Mudanças Globais*. 51ª Reunião Extraordinária do CONAMA, 2014.

GUEDES, Carolina Machado. *A Semântica dos Signos na Arte Rupestre: Estruturas da Cognição*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2014.

GUIDON, Niède. Palestra proferida no Seminário Artes Rupestre no Nordeste no Nordeste do Brasil. In: ETCHEVARNE, Carlos (Org.). Memória do Seminário - *A Arte Rupestre no Nordeste do Brasil: Pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres*. Salvador: Fast Design, 2006. p. 65-78.

GUIMARÃES, José Torres. *Projeto Ibitiara-Rio de Contas: Estado da Bahia*. Organizado José Torres Guimarães... [et al.]. – Salvador: CPRM, 2005.

HARMAN, Jon. (2005) “*Using Decorrelation DStretch to Enhance Rock Art Images*”.

JATOBÁ, Lucivânio; LINS, Raquel Caldas. *O relevo terrestre*. In: *Introdução à Geomorfologia*. Recife: Bagaço, 2008.

JOHNSON, Matthew. *Teoría arqueológica. Una introducción*. Barcelona: Ariel, 2000

JOHNSON, Matthew. *Ideas of Landscape*. Blackwell Publishing. 2007.

LEAL, Inara R; SILVA, José Maria C. da; TABARELLI, Marcelo; LACHER JR, Thomas E. *Mudando o curso da conservação da biodiversidade na Caatinga do Nordeste do Brasil*. MEGADIVERSIDADE, Volume 1, Nº 1, Julho 2003.

MARTÍN, Gabriela. *Apontamentos para uma história da Arqueologia Brasileira*. Clio – Revista de Pesquisa Histórica, Série Arqueológica, Recife nº 1, 1997.

MARTÍN, Gabriela. Palestra proferida no Seminário Artes Rupestre no Nordeste no Nordeste do Brasil. In: ETCHEVARNE, Carlos (Org.). Memória do Seminário - *A Arte Rupestre no Nordeste do Brasil: Pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres*. Salvador: Fast Design, 2006. p. 79-85.

MARTÍN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. Editora Universitária da UFPE, 2008.

MORAIS, José Luiz de. *Tópicos de Arqueologia da Paisagem*. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 10: 3-30, 2000.

MORLÁNS, C. *El paisaje visual o paisaje percebido (II)*. Material Didáctico do Mestrado. Univ.. Nac. Catamarca. 2009.

NOBRE, Paulo; MELO, Anna Bárbara Coutinho. *Variabilidade Climática Intrasazonal Sobre o Nordeste do Brasil em 1998-2000*. Revista Climanálise, 2001. Cachoeira Paulista, SP.

ODUM, E. P. *Fundamentos de Ecologia*. São Paulo: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

OLIVER, John E. *Encyclopedia of World Climatology*. Springer; 1st ed. 2005.

PEIXOTO, José Luís dos Santos; SCHMITZ, Pedro Ignácio. *A arte rupestre do Caracará, Pantanal, Brasil*. Revista Clio Arqueológica, v. 26, n. 2, p. 237-263, 2011.

PEREIRA, Edithe. *A arte rupestre de Monte Alegre Pará, Amazônia, Brasil*. Belém, Museu Paranaense Emílio Goeldi, 2012.

PEREIRA, Edithe; RUBIO, Trinidad Martinez; BARBOSA, Carlos Augusto Palheta. *Documentação digital da arte rupestre: apresentação e avaliação do método em dois sítios de Monte Alegre, Amazônia, Brasil*. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 585-603, set.-dez. 2013.

PESSIS, Anne-Marie. *Identificação e classificação dos registros gráficos pré-históricos do nordeste do Brasil*. Clio – Revista de Pesquisa Histórica, Série Arqueológica, Recife: UFPE, n. 8, 1992.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. 1ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.

RIBEIRO, Loredana. *Os Significados das Similaridades e do Contraste entre os Estilos Rupestres: um estudo regional das gravuras e pinturas do alto médio rio São Francisco*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2006.

SAMPAIO, Vilomar Sandes. *Trabalho Familiar e Fruticultura no Perímetro Irrigado de Livramento do Brumado – Bahia*. Tese de Doutorado apresentada ao Núcleo de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe como pré-requisito para obtenção do título de doutor em Geografia. 2013 – São Cristóvão, Sergipe.

SANCHES, Maria de Jesus. “*Pensar a arte rupestre através dos métodos e técnicas de registo e de representação: uma abordagem ensaística*”. 1ª Mesa-redonda | Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo, 2012, p. 161–184.

SANCHIDRIÁN, José Luis. *Manual de arte prehistórico*. Barcelona: Ariel, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHMITZ, Pedro Ignacio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maria Barberi; VERARDI, Ivone. *Arte Rupestre no Centro do Brasil: pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia*. Instituto Anchietano de Pesquisas. UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brasil. 1984.

SILVA, Joaquim Perfeito da. *Territórios e ambientes da Serra de Monte Alto: região sudoeste da Bahia*. Edições UESB – Vitória da Conquista, Ba. 2012.

SILVEIRA, Carlos José Sobrinho da; FRANTZ, José Carlos; MARQUES, Juliana Charão; QUEIROZ, Waldemir José Alves de; ROOS, Siegbert; PEIXOTO, Vinicius Medina. *Geocronologia U-Pb em zircão de rochas intrusivas e de embasamento na região do Vale do Jacurici, Cráton do São Francisco, Bahia*. Brazilian Journal of Geology, 45(3): 453-474, September 2015.

SOUZA, Francisco. *Avaliação dos estudos hidroclimatológicos do Plano Estadual de Recursos Hídricos do Ceará: I – Evapotranspiração*. Encontro das Águas. IICA, Fortaleza. 1998.

TRIGGER, Bruce. *História do pensamento arqueológico*. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VIALOU, Denis. *L’art paléolithique*. In: OTTE, M. La Préhistoire. Paris/Bruxelles: De Boeck Université, 1999, p. 213-289.

VIALOU, Denis. *Les images préhistoriques*. *La Recherche*, Paris, v. 14, n. 144, p. 586-597, mai 1993.

VIALOU, Denis; VIALOU, Agueda. *Modernité cérébrale – Modernité comportementale de homo sapiens*. *Anthropologie*, Brno, v. XLIII, n. 2/3, p. 241-247, 2005.

VILLAESCUSA, Ricardo González. *Una disciplina denominada arqueología del paisaje*. In: *Apuntes de Ciencia y Tecnología* n° 20. Madri: AACTE, p. 28-36, 2006.

YUJI OKUYAMA, Adolfo; DIAS DE ASSIS, Nívia Paula; KESTERING, Celito; OLIVEIRA, Ana Stela Negreiros. *A fotografia nos procedimentos de documentação visual da arte rupestre*. Rupestreweb, 2014.

Sites:

<https://www.facebook.com/394278417292477/posts/2028177607235875/>

<https://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/registros-da-pre-historia-pernambucana-sao-vastos-mas-desconhecidos-ate-pelas-prefeituras/>

<https://museu.ufsc.br/nota-de-posicionamento-gravuras-rupestres-do-litoral-de-santa-catarina/>

<https://www.dnocs.gov.br/acessoinformacao/paginas/arquivos19/faqODNOCS.php>

<http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/17315>

<http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/13668/simple-search?filterquery=MARTINS%2C+Adriano+Alberto+Marques&filtername=author&filtertype>equals>

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/dom-basilio>

<https://www.todamateria.com.br/animais-da-caatinga/>

<http://www.rupestreweb.info/fotografiaarterupestre.html>

<https://www.scielo.br/pdf/bjgeo/v45n3/2317-4889-bjgeo-45-03-00453.pdf>

<http://www6.cptec.inpe.br/>

http://www.petroglyphs.us/article_using_decorrelation_stretch_to_enhance_rock_art_images.htm

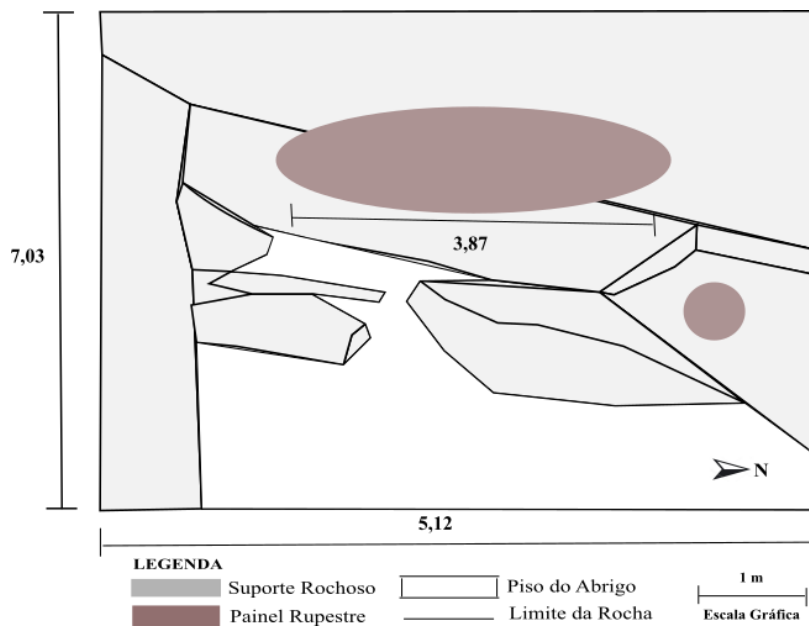
<http://www.iica.org.br/aguatrab/Fran-cisco%20de%20Souza/p4tb04.htm>

<http://ww.editorial.unca.edu.ar/.../pdf/005-elpaisajepersibido-2.pdf>

APÊNDICE

1. Unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias

Painel 1



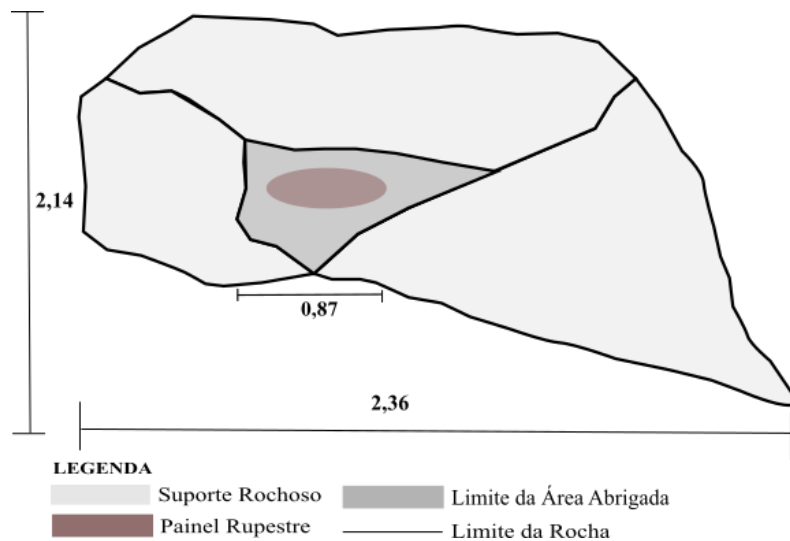
CROQUI 5: Representação digital do suporte rochoso e a localização do Painel rupestre nº 1 da Unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.



IMAGEM 38: Mosaico com as pinturas rupestres do painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Loca dos Tapuias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

2. Unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo

Painel 1

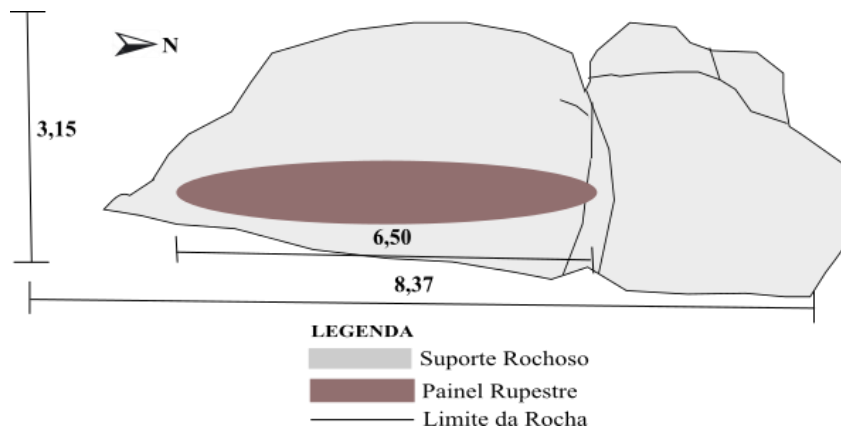


CROQUI 6: Representação digital do suporte rochoso e a localização do Painel rupestre nº 1 da Unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.



IMAGEM 39: Mosaico com as pinturas rupestres do painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Painel 2



CROQUI 07: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 2 da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.

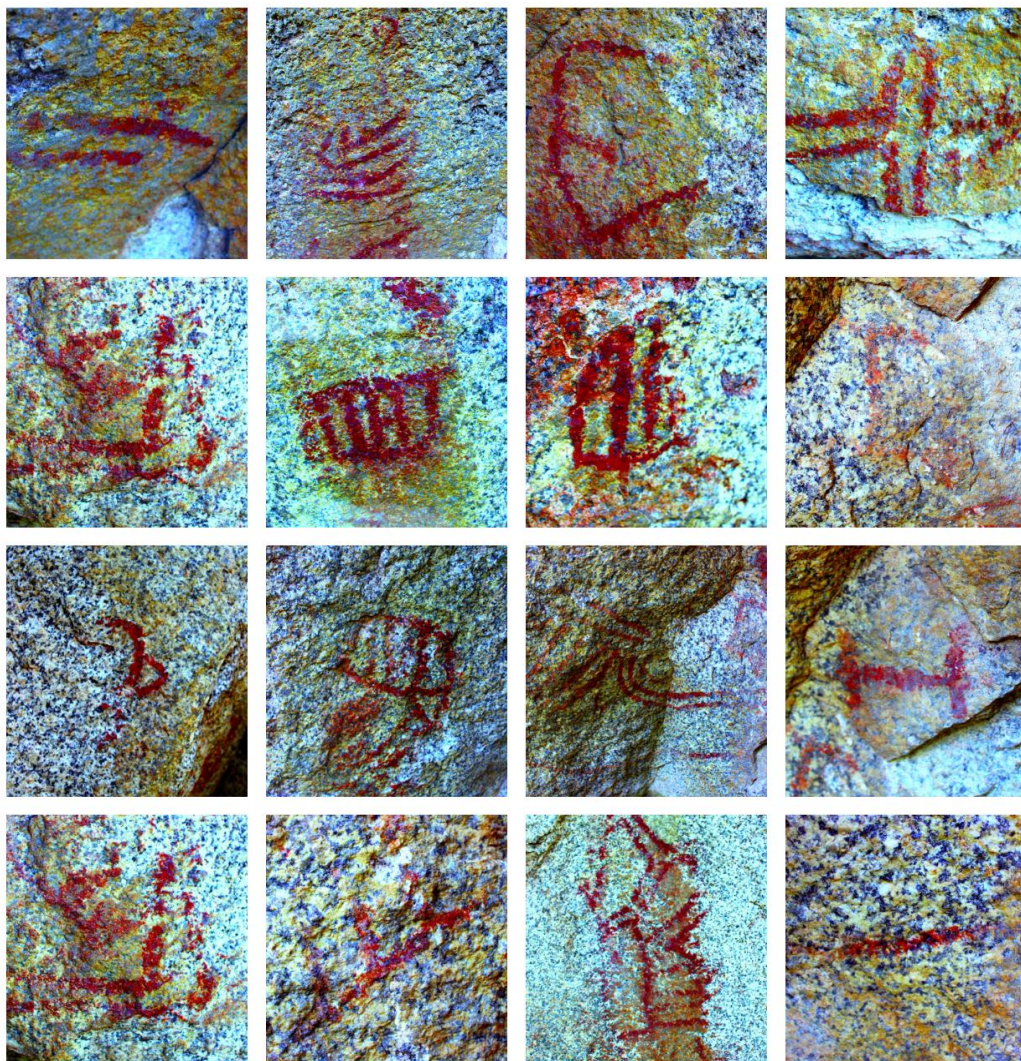
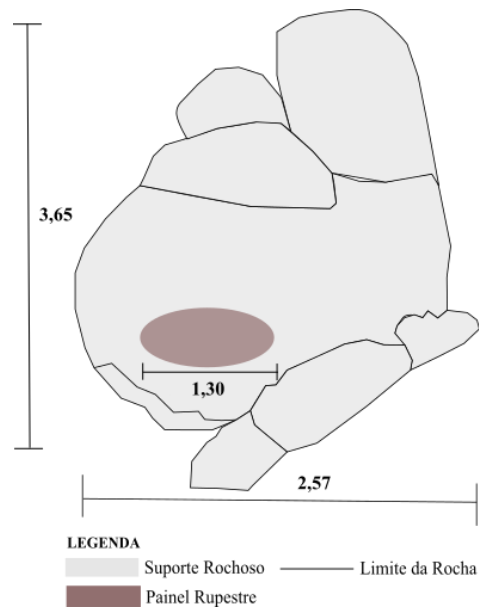


IMAGEM 40: Mosaico com as pinturas rupestres do painel 2, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Painel 3



CROQUI 08: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 3 da unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.

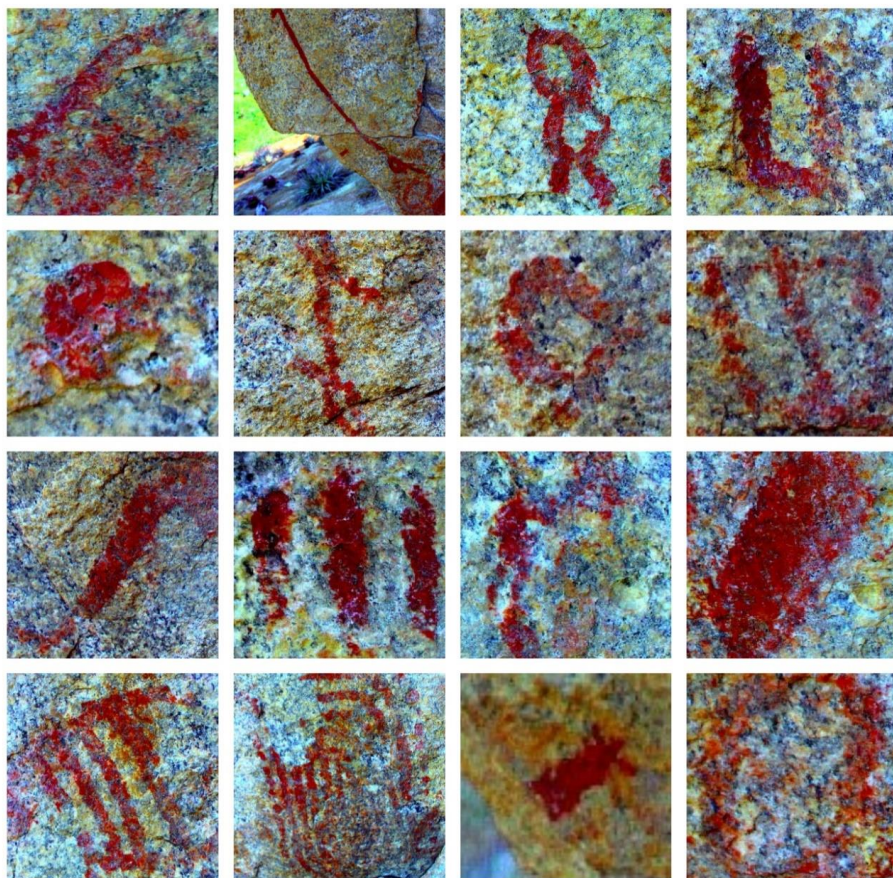
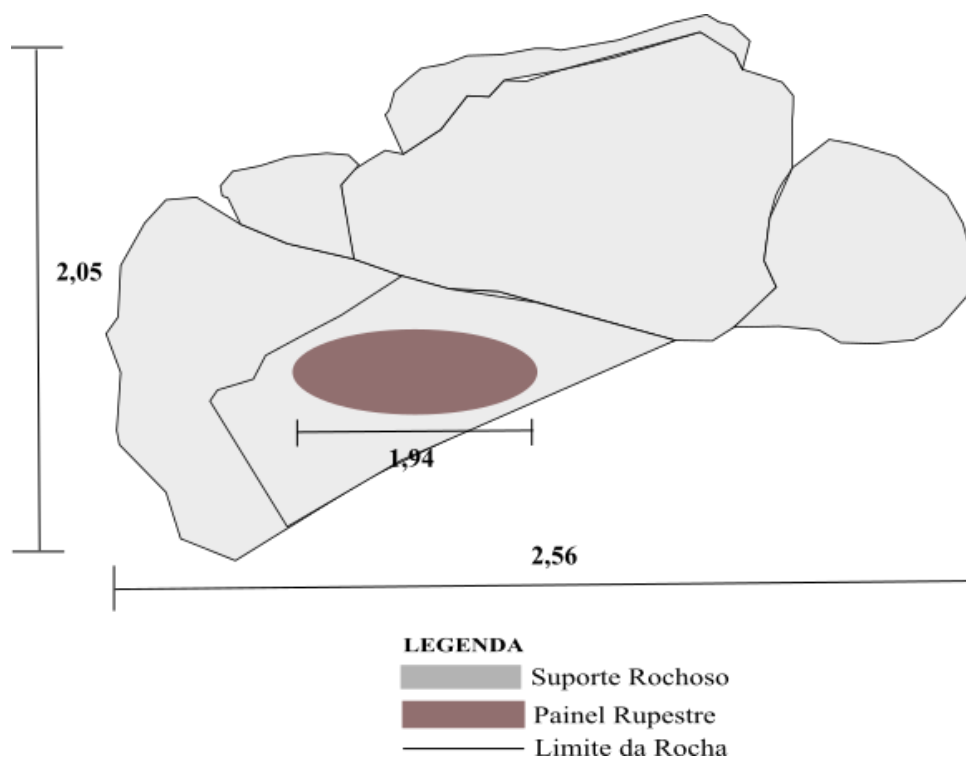


IMAGEM 41: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 3, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Painel 4



CROQUI 09: Representação digital do suporte rochoso e a localização do Painel rupestre nº 4 da Unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.

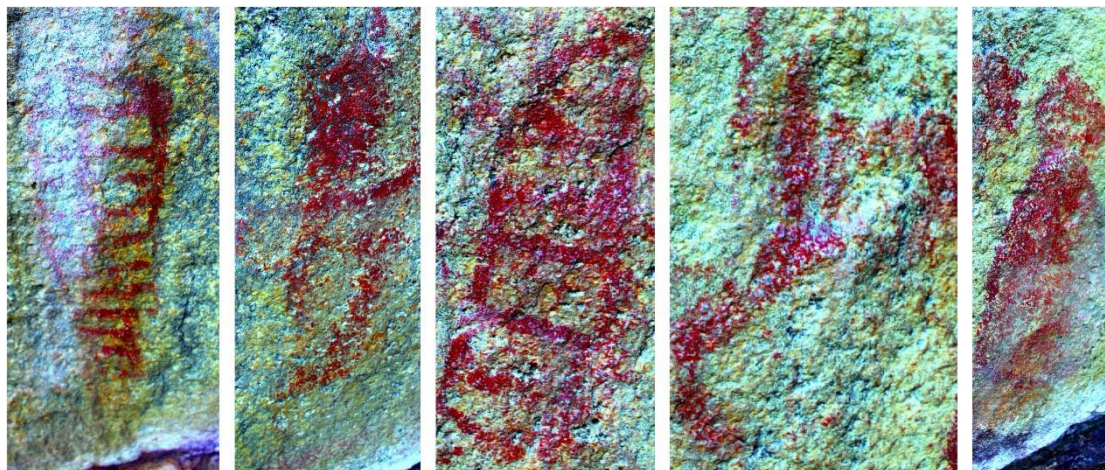
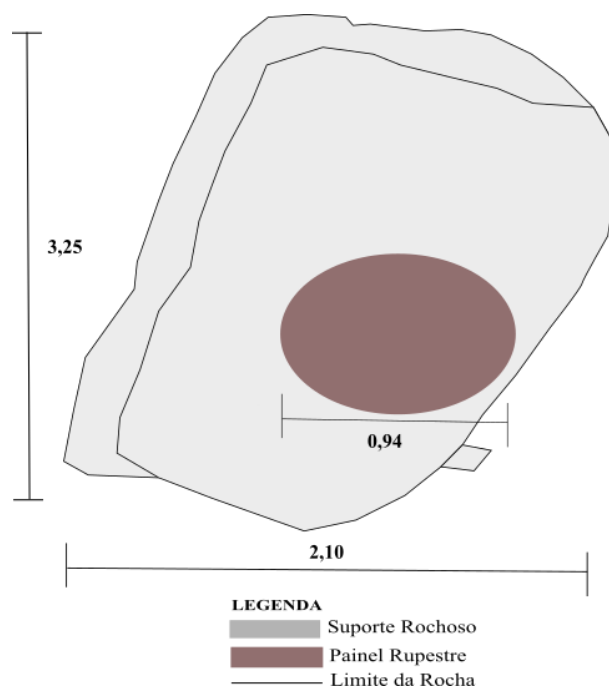


IMAGEM 42: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 4, unidade geomorfológica/arqueológica Pedra de Fogo, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

3. Unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias

Painel 01



CROQUI 10: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 1 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.

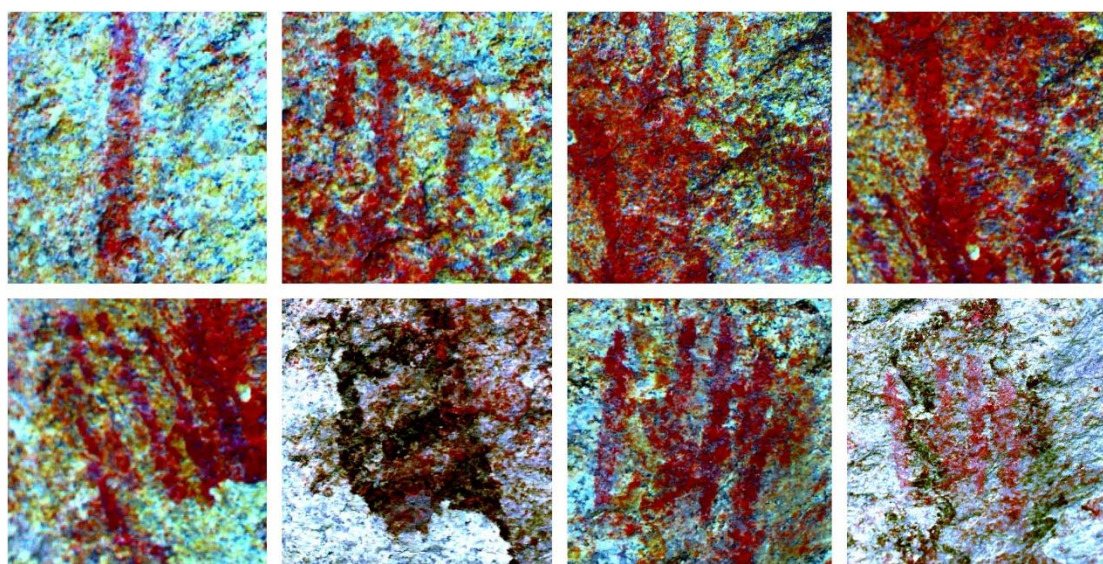
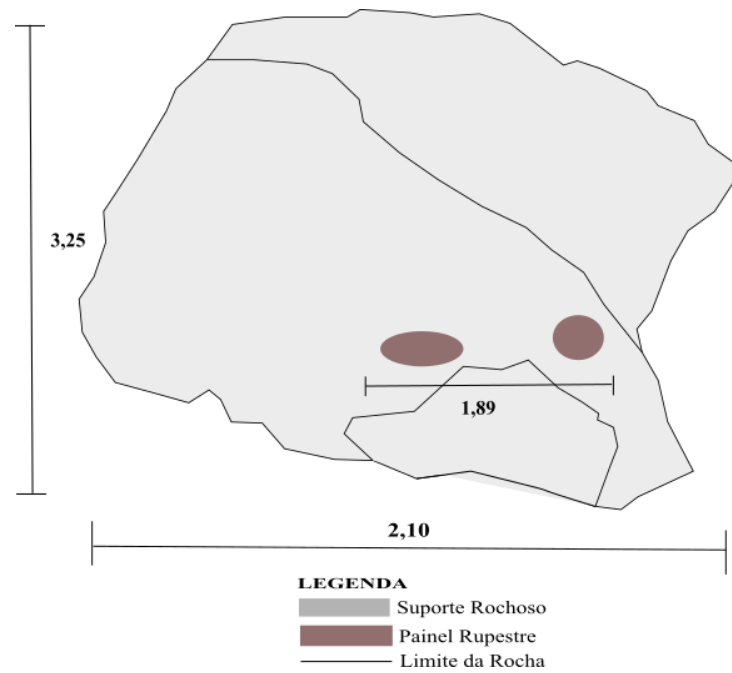


IMAGEM 43: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Painel 02



CROQUI 11: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 2 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.

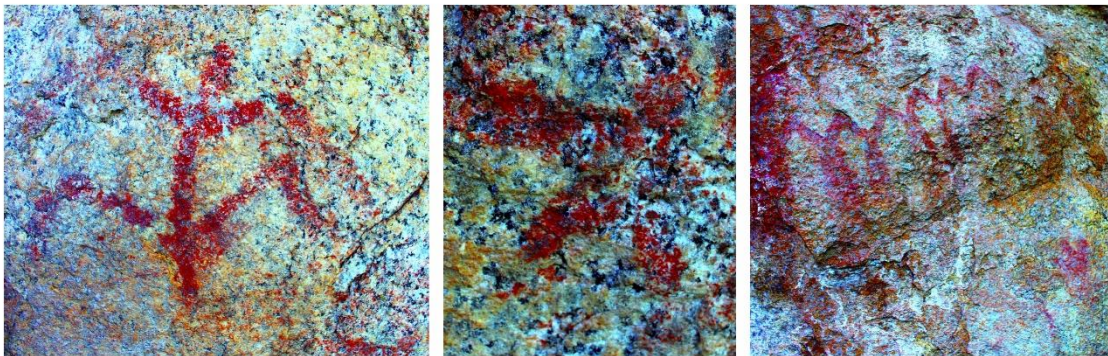
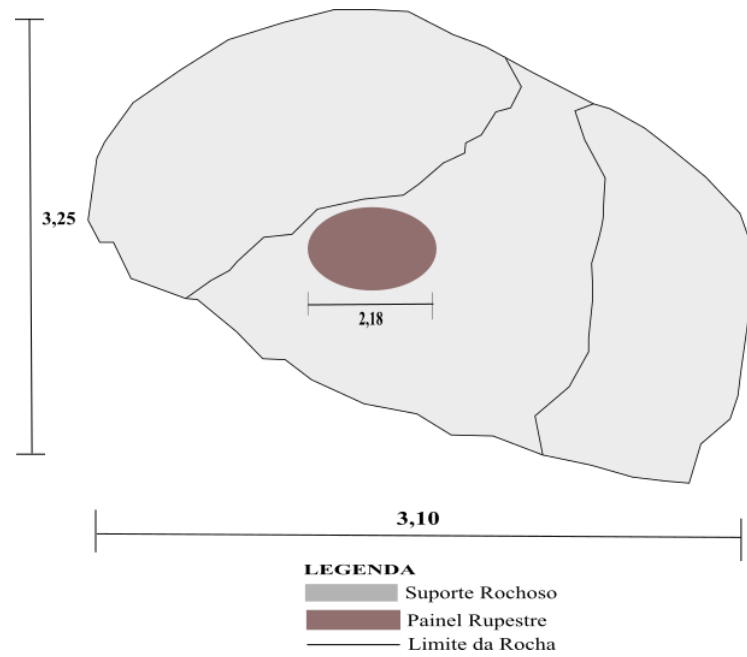


IMAGEM 44: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 2, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Painel 03



CROQUI 12: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 3 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.

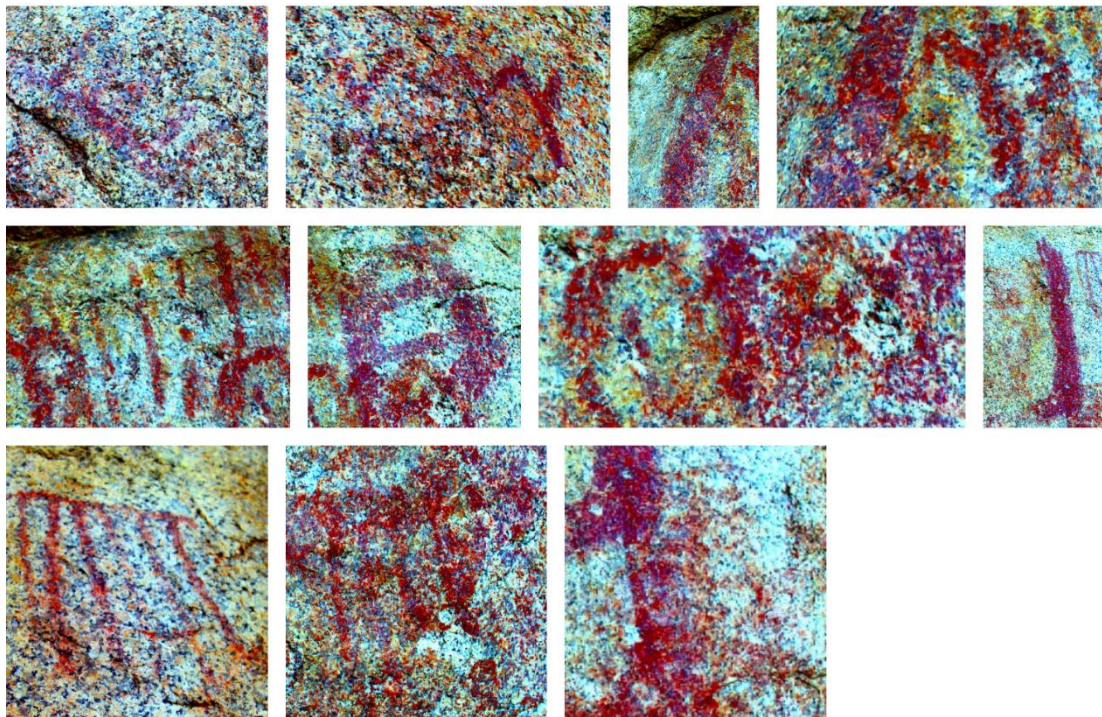
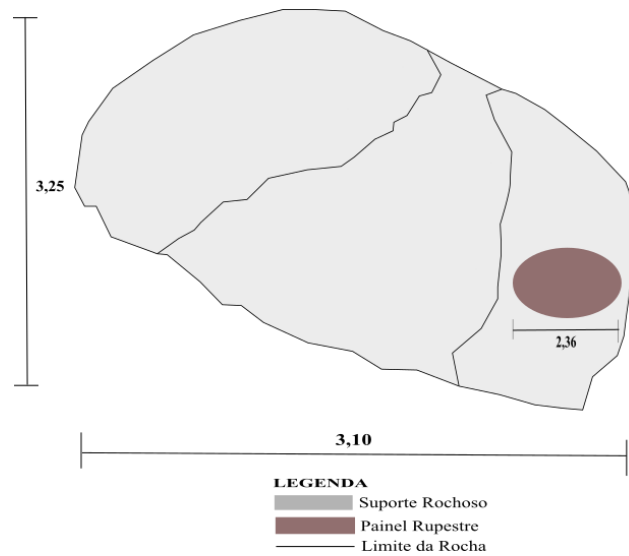


IMAGEM 45: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 3, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Painel 04



CROQUI 13: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 4 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.

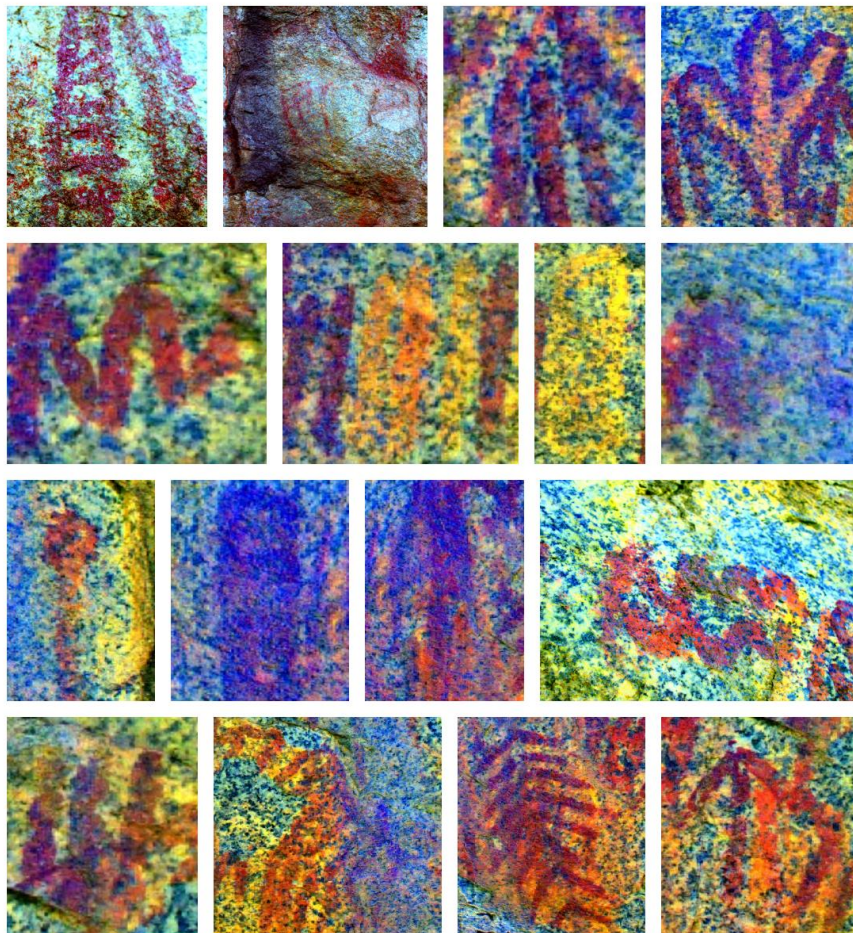
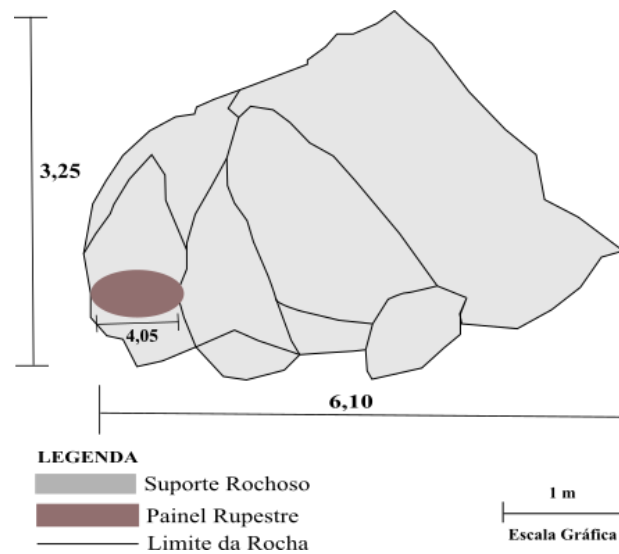


IMAGEM 46: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 4, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires

Painel 05

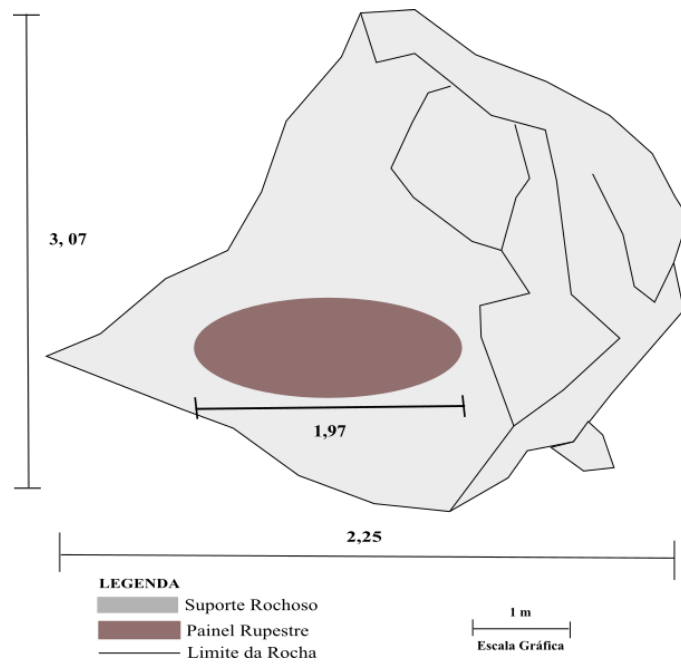


CROQUI 14: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº5 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.



IMAGEM 47: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 5, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Painel 06



CROQUI 15: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 6 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.

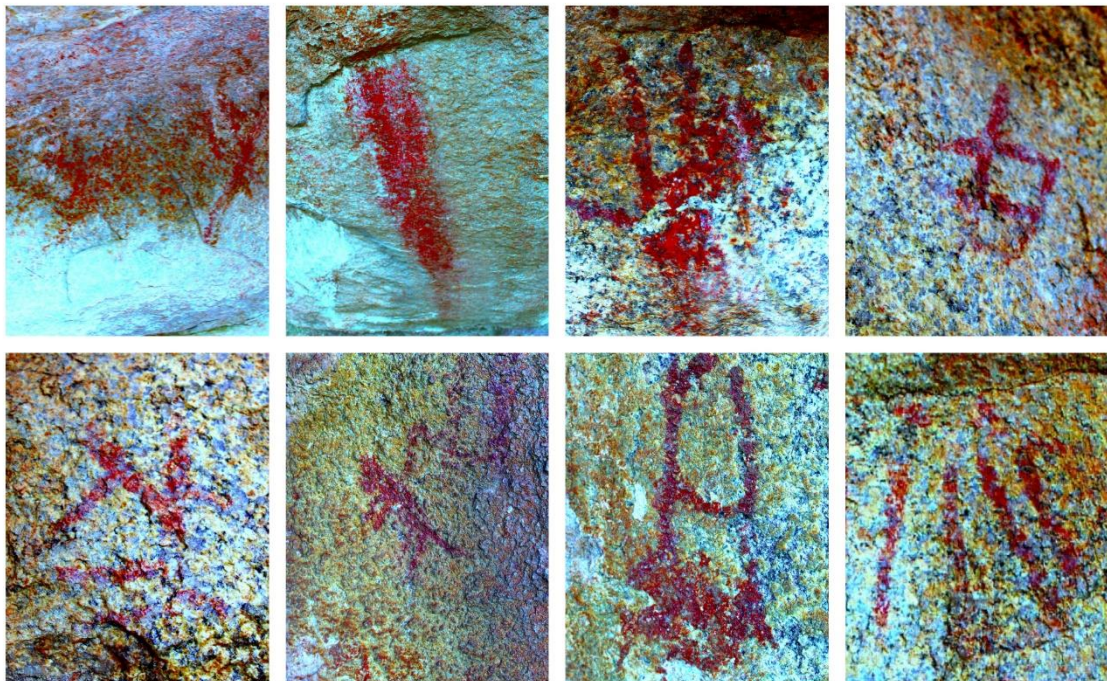
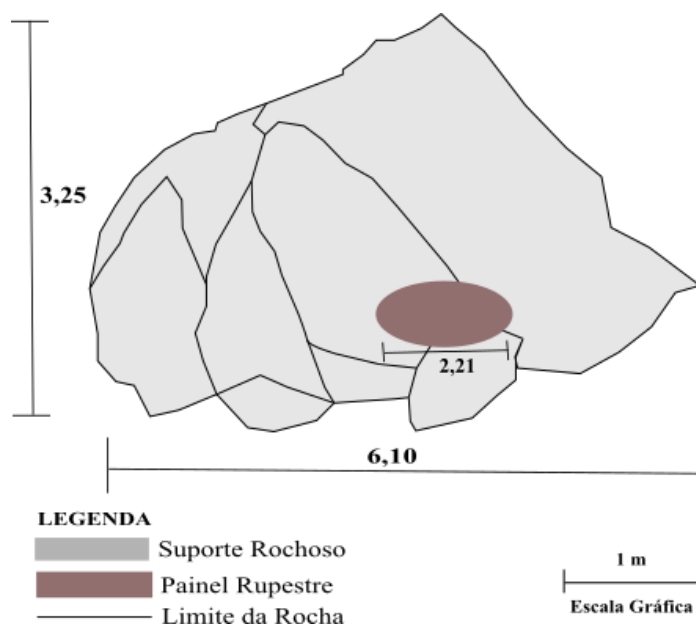


IMAGEM 48: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 6, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Painel 07



CROQUI 16: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 7 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires



IMAGEM 49: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 7, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Painel 08



CROQUI 17: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 8 da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.

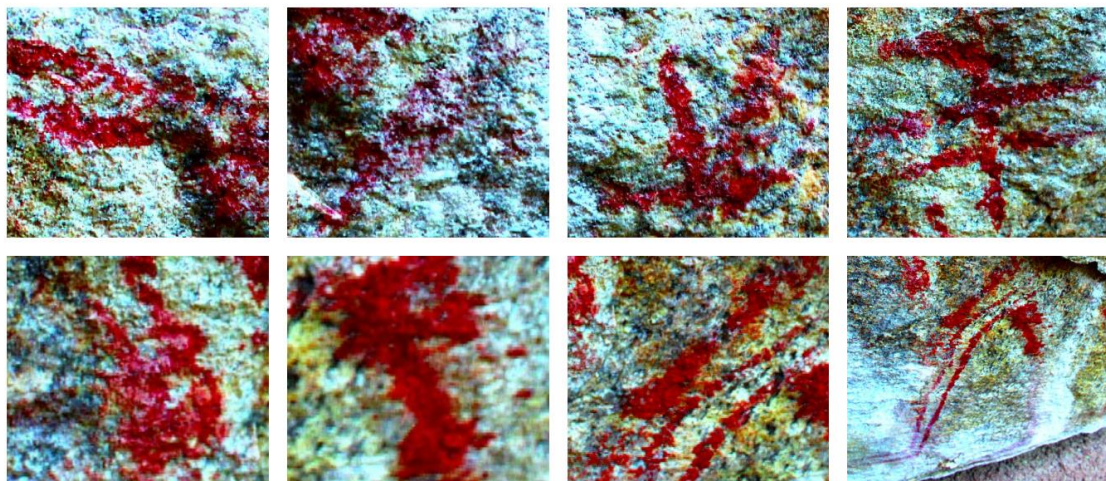
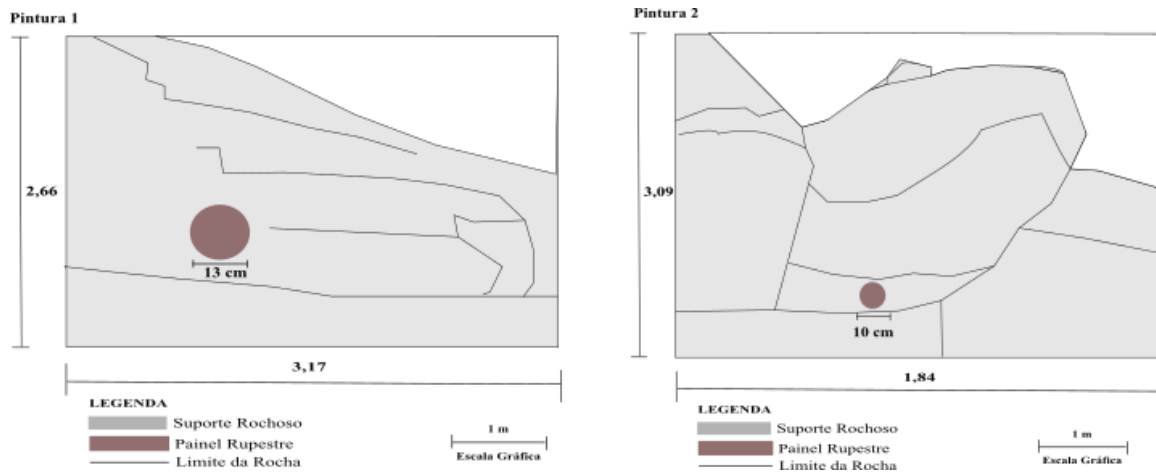


IMAGEM 50: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 8, unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.

Pinturas isoladas



CROQUI 18: Representação digital dos suportes rochosos e a localização das pinturas rupestres isoladas da unidade geomorfológica/arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.

Fonte: Róbson Caires.

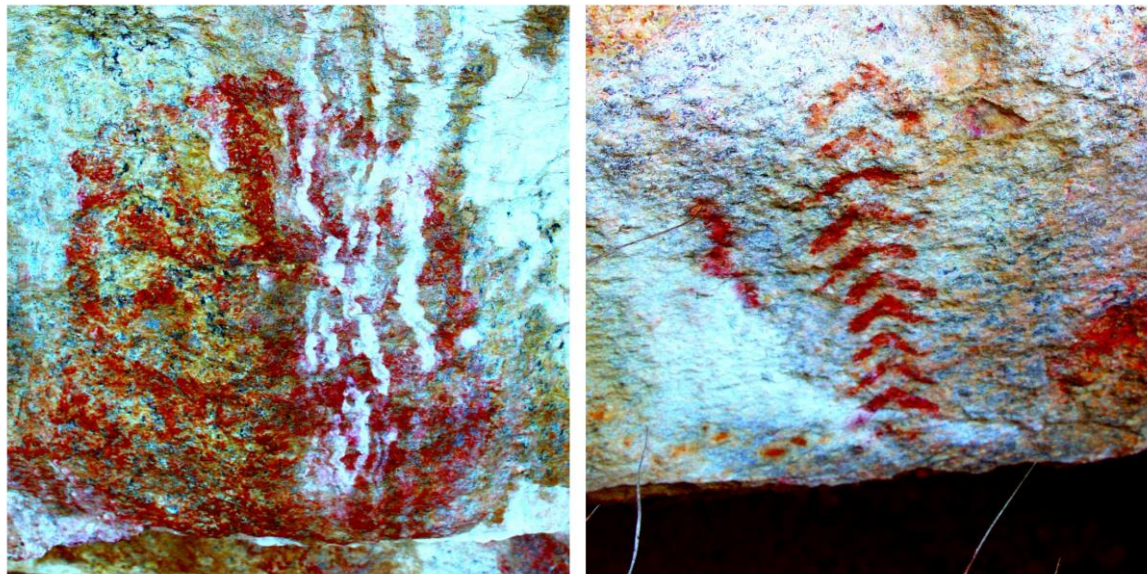
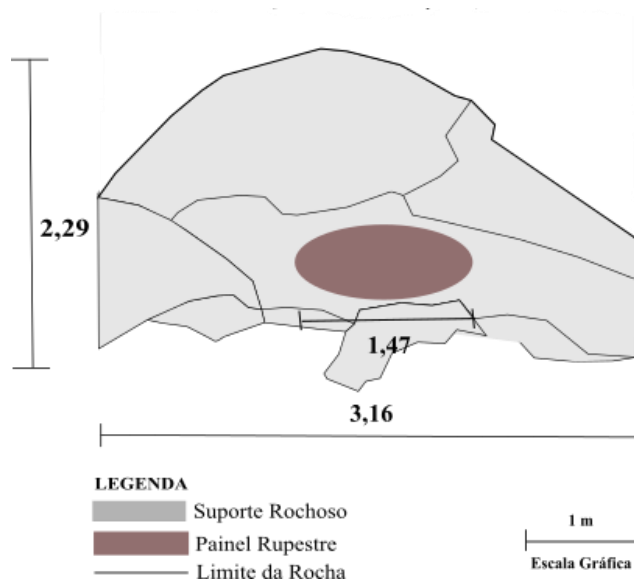


IMAGEM 51: Mosaico com as pinturas rupestres isoladas, unidade geomorfológica /arqueológica Três Marias, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires

4. Unidade Geomorfológica/Arqueológica Lapinha do Velho

Painel 1



CROQUI 19: Representação digital do suporte rochoso e a localização do painel rupestre nº 1 da unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio, Bahia, Brasil.
Fonte: Róbson Caires.

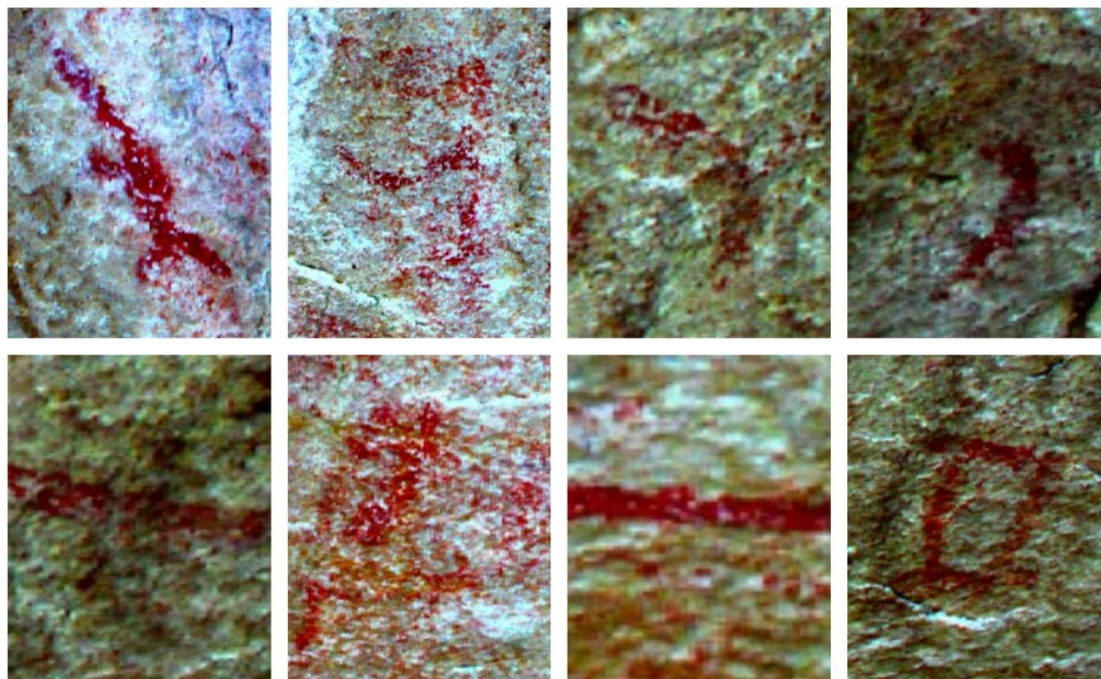


IMAGEM 52: Mosaico com as pinturas rupestres do Painel 1, unidade geomorfológica/arqueológica Lapinha do Velho, Morro do Engenho, Dom Basílio Bahia, Brasil. Fotos: Róbson Caires.